

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

JULIANA COIN RAIMUNDO

A PÓS-VERDADE NO DISCURSO BOLSONARISTA:
Uma análise dos *tweets* de Carlos Bolsonaro

Porto Alegre

2021

JULIANA COIN RAIMUNDO

**A PÓS-VERDADE NO DISCURSO BOLSONARISTA:
Uma análise dos *tweets* de Carlos Bolsonaro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Franzoni

Porto Alegre

2021

Dedico este estudo aos jornalistas que enfrentam diariamente ameaças por fazerem seu trabalho e mesmo assim permanecem lutando. O mundo é um lugar melhor por existirem pessoas como vocês.

AGRADECIMENTOS

Atravessar a graduação não é apenas enfrentar desafios previstos, como um Trabalho de Conclusão de Curso, ou os imprevistos, como fazer isso durante uma pandemia. O jornalismo me ensinou a criar laços, ter perseverança e sempre olhar para quem me ajudou a trilhar esse caminho.

Desta forma, começo agradecendo minha Professora Orientadora, Sabrina Franzoni. Não agradeço apenas pela paciência e carinho que teve durante este estudo, mas também por todas às vezes que me estimulou e me corrigiu. Espero um dia ter importância na vida de alguém como você tem importância na minha. Agradeço também às integrantes da banca, Débora Gadret e Taís Seibt. Uma banca composta por mulheres fortes foi meu objetivo desde o primeiro dia de aula.

Além dos professores da Unisinos, agradeço também aos professores do Ensino Médio e de Teatro que me incentivaram sempre a seguir minha intuição e acreditaram na minha capacidade quando eu ainda nem sabia que tinha. Heloísa Stalactite, Sylvania Freitas e Andreia Alencar: sempre vou ter vocês no meu coração.

Dedico este trabalho aos amigos que me acompanharam nas jornadas de estudos durante a madrugada, que ouviram meu choro e me fizeram rir durante essa transição. Em especial Luiza Soares, Tina Borba, Jheine Sieben, Lucas Machado, Lucas Braga, Rômulo Vizzotto, Juan Romero, Bárbara Machado e todos os integrantes do grupo Briga, Discussão e Gritaria. Vocês fizeram os dias ruins serem engraçados, caóticos e intensos do melhor jeito possível. Foram abraços distantes todos os dias. Amo vocês.

Este trabalho também é resultado do apoio familiar que recebi durante toda a minha graduação: minha avó Maria, meu irmão Yuri, meu padrasto Alex, e minhas primas Eduarda e Vitória Coin. Vocês são minha vida. Um agradecimento especial à minha mãe, Rosana, que já foi perfil em disciplinas, abraço nos dias tristes e meu pilar de sustentação quando eu estava prestes a desabar. Tudo que eu fiz até agora é em homenagem a ti. Minha heroína, minha inspiração, minha mãe.

Exagero? O mundo real das mulheres está cheio de contrastes ainda maiores. Se quer aprofundar a sua compreensão das mulheres, você devia encontrar um jeito de sair desta rádio e observar a vida. Passar o dia sentada num escritório e num estúdio não vai servir para nada.

Xinran em As boas mulheres da China

RESUMO

Este estudo buscou compreender de que forma o discurso do vereador Carlos Bolsonaro, em seu *Twitter*, acionou a pós-verdade de maneira a reforçar a narrativa anti imprensa e estimular seus seguidores dada sua posição de poder. Na parte teórica as noções de verdade (CANDIOTTO, 2010), pós-verdade (DUNKER, 2017), efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2007), e a definição de jornalismo (HALL et al, 1999; TRAQUINA, 2005, 2008; TUCHMAN, 1999) foram importantes para dar sustentação a pesquisa. Através de uma análise qualitativa (ALAMI et al, 2010), foram observados aspectos discursivos que apontam em seus *tweets* uma orientação de identidade de grupo e descredibilização do papel do jornalismo.

Palavras-chave:

Pós-verdade; Bolsonarismo; Jornalismo; Discurso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O QUE É O JORNALISMO	10
2.1 JORNALISMO COMO COMUNIDADE INTERPRETATIVA	13
2.2 A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS	17
2.3 ESPIRAL DO SILÊNCIO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL	23
3 A VERDADE COMO DISCURSO	30
3.2 O JORNALISMO E O EFEITO DE VERDADE	36
3.3 A PÓS-VERDADE: UM CONCEITO CONTEMPORÂNEO	41
4 A PESQUISA QUALITATIVA	46
4.1 O PERCURSO METODOLÓGICO	48
4.2 NÚCLEO DE SENTIDO 1 - A CONSTRUÇÃO DE SI	50
4.3 NÚCLEO DE SENTIDO 2 - A CONSTRUÇÃO DO OUTRO	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	71
ANEXO A – TWEETS DE CARLOS BOLSONARO COM A PALAVRA “IMPrensa”	75
ANEXO B – TWEETS DE CARLOS BOLSONARO COM A PALAVRA “JORNALISMO”	89
ANEXO C – TABELA DE ANÁLISE	93

1 INTRODUÇÃO

Em 18 de outubro de 2018, a jornalista Patrícia Campos Mello escreveu a matéria “Empresários bancam campanha contra o PT pelo *WhatsApp*”¹, que mostrava como empresas compraram pacotes de disparos de mensagens no *Whatsapp* com propagandas de desinformação contra o Partido dos Trabalhadores (PT), o que violava a legislação eleitoral uma vez que eram doações não declaradas. A publicação da reportagem foi feita 10 dias antes do segundo turno das eleições presidenciais, que seria disputado entre Jair Bolsonaro, à época partidário do PSL, e Fernando Haddad, do PT, compondo o pleito eleitoral.

Não demorou muito para que essa matéria circulasse entre o público bolsonarista e transformasse Patrícia Campos Mello (2020) em um alvo - assim como qualquer jornalista que se opusesse a Bolsonaro. A jornalista contou no livro “A máquina do ódio - notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital”, publicado em 2020, toda sua trajetória desde a apuração da reportagem. Dos linchamentos virtuais até as ameaças contra a vida, o nome da jornalista entrou para a lista de profissionais de comunicação que sofreram violência apenas por estarem fazendo seu trabalho. A situação, que por si só já é antidemocrática, não estava próxima de acabar.

Conforme relata Mello (2020), não foram apenas agressões virtuais de desconhecidos (entre eles perfis falsos, robôs e entre outros sistemas de automação *online*), nomes da política, como o Deputado Federal Alexandre Frota (PSDB), também violaram o direito constitucional da liberdade de imprensa ao agredir verbalmente a jornalista. Em janeiro de 2019, o próprio presidente eleito fazia agressões públicas contra a jornalista. Atitudes como as dele perpetuam o comportamento anti imprensa, dando força para o funcionamento da dita “máquina de ódio”. A pergunta que fica é: “Se um líder político agride verbalmente e não sofre qualquer punição, porque seus seguidores e apoiadores políticos não fariam o mesmo já que possuem o amparo institucional?”

¹Empresários bancam campanha contra PT no *WhatsApp*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 13/08/2020

Segundo relatórios da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas)², em 2018 foram 135 ocorrências de violência contra profissionais da imprensa. Em 2019, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação ao ano anterior. Em 2020, como o próprio relatório aponta, houve uma verdadeira explosão da violência contra jornalistas e contra a imprensa de um modo geral: 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019.

Diante desse conjunto de dados, este estudo busca entender a violência contra jornalistas através de conceitos de verdade e pós-verdade, percebendo os sentidos instituídos no discurso enunciado. A análise será feita em um *corpus* de 60 *tweets* postados pelo vereador do Rio de Janeiro, pelo Republicanos, em seu quinto mandato, Carlos Bolsonaro, filho do presidente Jair Messias Bolsonaro. O recorte do *corpus* se deu através de buscadores internos do *microblog*, separando *tweets* que mencionassem a palavra "imprensa" e "jornalismo", entre o período de 01 de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2020, dois anos. A questão problema desta pesquisa centra na seguinte pergunta: de que forma a pós-verdade se relaciona com a violência contra os jornalistas no discurso de um representante político?

A decisão de escolher Carlos Bolsonaro como objeto se deu pela relação que ele tem com a comunicação do Planalto. Durante os primeiros meses de mandato de Jair Bolsonaro, ele fazia constantes ataques à assessoria do presidente (o que será citado durante a análise do objeto). Além disso, é perceptível em seu discurso fatores bastante emocionais e de sarcasmo, uma postura mais "despojada" nas redes sociais, diferente de seus familiares que, apesar de também possuírem discursos semelhantes, são mais formais e contidos. Carlos Bolsonaro comenta tudo. Além disso, Mello (2020, pg 31) descreve que a ele foi um visionário: "Ele acompanhava como os outros políticos populistas de direita estavam atuando mundo afora e muito cedo percebeu que a propaganda - viral ou contratada - nas redes sociais passaria a ser crucial em campanhas políticas".

² Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil Relatório 2020. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf Acesso em: 14/03/2021
Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil 2019. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf Acesso em: 14/03/2021
Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil Relatório 2018. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/01/relatorio_fenaj_2018.pdf Acesso em: 14/03/2021.

Carlos Bolsonaro, também conhecido como o filho 02, é vereador pelo Rio de Janeiro mas tem participação ativa em Brasília, o que uma reportagem do El País³ define como seu segundo lar e o papel chave dele no Governo. Após a atuação na estratégia de campanha já mencionada em 2018, ele também é acusado de chefiar o chamado Gabinete do ódio, também conhecido como uma espécie de Secretaria de Comunicação informal do Governo de Jair Bolsonaro, que atuaria dentro do próprio Planalto. Carlos chegou a ser interrogado pela Polícia Federal em 2020 no inquérito sobre atos antidemocráticos, que teria como um dos pilares a atuação do gabinete paralelo comandado pelo vereador.

O objetivo geral deste estudo é analisar o discurso contra jornalistas no ambiente virtual, através da identificação dos sentidos produzidos pelas postagens de Carlos Bolsonaro, que fez vários ataques à imprensa. Como objetivos específicos a) mapear os discursos contra jornalistas no *twitter* de Carlos Bolsonaro. B) entender se as postagens têm relação com a pós-verdade; c) identificar como a pós-verdade se relacionam com a violência contra jornalistas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é estruturado em quatro capítulos, incluindo esta Introdução. No segundo capítulo, *O que é jornalismo*, é abordado o jornalismo a partir de Traquina (2005), Alsina (2009), Hall et al (1999). No capítulo três, *A verdade como discurso*, os seguintes teóricos contribuem para discutir a verdade e a pós-verdade: Michel Foucault (1966), Cesar Candiotto (2010), Patrick Charaudeau (2007) e Cristian Dunker (2017). No quarto capítulo, é utilizado Alami et al (2010) para dar embasamento a pesquisa qualitativa e fundamentar a análise do objeto. No final do trabalho, nos anexos, poderá ser consultado o texto dos *tweets*.

³ O “Governo feito a dez mãos” de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-02/o-governo-feito-a-dez-maos-de-jair-bolsonaro.html>. Acessado em: 22/07/2021.

2 O QUE É O JORNALISMO

“Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista de mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes”. É assim que inicia o livro “O que é jornalismo”, na sua 4ª edição, publicada na década de 1980, que levou muitos jovens a se interessarem pela profissão. A introdução carismática e sedutora, continua: “uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens.” (ROSSI, 1980, pg 7). Para Traquina (2005) o jornalismo é um conjunto de estórias: de vida, de estrelas, de triunfo e de tragédias, onde os membros da comunidade jornalística veem os acontecimentos como “estórias”, e as notícias são construídas desta forma, como narrativas, tendo a realidade como parâmetro.

Hall et al (1999) explica que os *media* não apenas relatam de forma transparente os acontecimentos que são noticiáveis. Segundo ele, “as notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL et al, 1999, pg 224). Tudo que acontece pode virar notícia. Entretanto, existem aspectos da seleção que integram a organização da rotina jornalística, que vão ser influenciados pela rotina de produção regular de notícias. Os fatores da organização vão afetar o que for selecionado. Temos como exemplo, as quintas-feiras no Brasil. A tendência é que manchetes relacionadas a futebol se destaquem como as principais na manhã de quinta-feira uma vez que os jogos ocorrem tradicionalmente na quarta-feira à noite. O tema das informações noticiadas também vai impactar na produção daquela organização.

Além disso, ainda existe o que Hall et al (1999) chama de ideologia profissional que constitui boas notícias, isto é, o valor notícia do jornalista, que vai auxiliar na construção do processo. Isso vai envolver orientação para itens que são fora do comum. Ele exemplifica: acontecimentos que são dramáticos, que podem ser personalizados para evidenciar características de humor humanas (como tristeza, sentimentalismo, etc), acontecimentos que tem consequências negativas e que são

parte ou podem fazer parte de um assunto noticiável existente. Desastres, dramas, a vida dos ricos e poderosos, futebol, entre tantos outros assuntos que são do cotidiano. Todos eles encontram um lugar nas páginas - ou, já que vivemos tempos modernos, nas abas dos nossos navegadores.

Hall et al (1999) explica que, embora não seja escrito em nenhum lugar, formalmente transmitido ou codificado, esses valores notícia são partilhados entre a comunidade jornalística e constituem um elemento essencial na socialização profissional, prática e ideologia dos jornalistas. São esses aspectos da produção social da notícia: a organização burocrática dos media, que produz as notícias em tipos específicos ou categorias, a estrutura de valores notícia que ordena a seleção e a oposição de determinadas estórias dentro destas categorias, e o momento da construção da própria notícia, que é igualmente importante, embora menos óbvio. “Isso envolve a apresentação do item ao seu presumível público, em termos que tanto quanto os apresentadores do item possam avaliar e o tornem compreensível a esse público”. (HALL et al, 1999, pg. 225).

Vivemos em uma sociedade complexa, com acontecimentos desordenados. Hall (1999) explica que os acontecimentos precisam ser identificados e inseridos em seu determinado contexto. A identificação e contextualização é um dos mais importantes para o autor, já que é através dele que os acontecimentos ganham importância e significado pelos media. Um acontecimento só faz sentido se foi possível colocá-lo nesse espaço de conhecimento e identificação cultural e social. O papel dos media também é de trazer os acontecimentos ao campo dos significados, reportar para os mapas de significado que já constituem a base do nosso conhecimento cultural “no qual o mundo social já está traçado”. (HALL et al, 1999, pg 226).

Segundo Hall et al (1999), os acontecimentos, enquanto notícias, são regularmente interpretados dentro de enquadramentos que derivam, em parte, desta noção de consenso, enquanto característica básica da vida cotidiana. O autor explica que é através da elaboração de uma variedade de explicações que imagens e discursos se articulam entre o público, definindo supostamente o que a sociedade deve pensar e saber sobre si. O enquadramento e a função interpretativa da apresentação noticiosa pode estar no fato dos media apresentarem com frequência informações de acontecimentos que ocorrem fora da experiência direta da maioria da

sociedade. O autor complementa que a notícia está repetidamente relacionada com acontecimentos que são novos ou inesperados, e que são selecionados pela comunidade jornalista. Sendo assim, os media definem para a maioria da população “os acontecimentos significativos que estão a ter lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos” (HALL et al, 1999, pg 228).

Traquina (2005) explica que a ideia de uma notícia como espelho da realidade é uma noção ultrapassada e relacionada ao senso comum. Apesar de a notícia não refletir a sociedade, o autor reflete que ajuda a constituí-la como um fenômeno social compartilhado. Dessa forma, a notícia ajudaria a construir parâmetros, pensamentos e as formas de ver socialmente as situações.

Já Alsina (2009) aponta que a produção do jornalismo da atualidade se articula através de gêneros, como notícias e temas da atualidade. O discurso informativo não é algo que se possa acreditar, ele perderá sua virtualidade, a credibilidade é o regulador. É por isso que se faz necessário estabelecer um “contrato pragmático fiduciário” (ALSINA, 2009, pg: 156), que pretende que acreditemos que é veiculado pelos meios de comunicação é verdade, e, ao mesmo tempo, nos propõe que confiemos no discurso informativo dos supracitados meios.

Segundo Sigelman (1973 Apud ALSINA, 2009), existem estruturas sociais da produção da informação que se manifestam de três formas: 1) as exigências técnicas da redação das notícias, além das próprias da edição: o espaço da notícia, a estrutura, etc. Essas atividades são técnicas, mas também contribuem com o viés da informação. 2) O controle da redação, ou seja, os processos de decisão sobre a redação; 3) A seleção do pessoal e a socialização. Segundo esse mesmo o autor, são quatro os principais meios de socialização, por ordem de importância: a revisão dos textos por parte dos chefes, seus comentários e suas críticas, as reuniões da pauta e os contatos informais entre os jornalistas.

O livro “O que é jornalismo” expõe algo, que hoje, mais de 40 anos depois de sua publicação, pode ser muito questionado, mas não desconsiderado: a palavra em uso não é algo inofensivo. Jornalistas, através de suas práticas cotidianas, da produção de matérias, tem a possibilidade de construir e de influenciar sobre quais

acontecimentos as pessoas vão receber informações, sobre quais temáticas irão partilhar conhecimento. É com mecanismos de produção e comportamentos em comum que os *media* conduzem uma lógica de comunidade, com sua própria linguagem, formas de captar e trabalhar informações, além de desenvolver sua autocrítica. É uma “comunidade interpretativa” (TRAQUINA, 2008) que continua gradualmente estabelecendo novos parâmetros e repensando sua produção, afim de melhorar continuamente o fazer social que é necessário na profissão.

2.1 JORNALISMO COMO COMUNIDADE INTERPRETATIVA

Por ter uma comunicação interna específica através da linguagem de valores notícias, decisões editoriais, entre outros aspectos, a comunidade jornalística desenvolve comportamentos que auxiliam na interpretação da realidade social. Hall et al (1999) descreve que a reprodução das ideologias dominantes que acontecem por conta dos *media* é produto de um conjunto de imperativos estruturais, e não de uma conjuntura aberta com que ocupa posições de poder.

Entretanto, é preciso refletir: apesar do impacto de ideologias dominantes, os *media* utilizam-se de um processo de transformação nas matérias-primas (fatos e interpretações) que são fornecidos para que essas potenciais histórias se tornem um produto noticioso. Hall et al (1999) explica que algo significativo do trabalho dos *media* é a transformação de um acontecimento em uma notícia acabada. Esse fato, segundo ele, tem relação com a maneira como uma informação é codificada pelos *media*, uma forma de linguagem particular: “cada jornal tem um enquadramento organizacional específico, um sentido noticioso e os leitores, assim como também cada um desenvolverá um modo de discurso regular e característico”. (HALL et al, 1999, pg 232). Assim, ele explica que fontes e estruturas vão interferir na construção do discurso do jornalista, e isso será importante no momento de determinar de forma particular o discurso adaptado para o público. A linguagem utilizada será uma versão do jornalista sobre o acontecimento, subsidiado pelas fontes, pela rotina produtiva e pelo contexto social em que está inserido o evento.

Outro ponto importante é a formação de consensos. Hall (1999) descreve que a codificação de itens e tópicos em variações de linguagem pública oferece um

elemento significativo de variação no processo de transformação de notícias na sua forma final. O significado de utilizar um idioma público na marcação da agenda é que devolve a linguagem de comunicação do dia-a-dia, levando a um consenso compartilhado. A tradução de uma linguagem técnica para uma linguagem de conversação reforça e disfarça as ligações entre os dois discursos: técnico e popular. “Isto é, os *media* pegam a linguagem do público e em cada ocasião, devolvem-lhe modificada com conotações dominantes e consensuais” (HALL et al, 1999, pg 233).

Gaye Tuchman (1999) reflete sobre a objetividade dos jornalistas enquanto um atributo do comportamento jornalístico. A comunidade se baseia em comportamentos e estratégias internalizadas para o fazer e o viver jornalísticos. Para a autora, os jornalistas podem mitigar pressões contínuas como os prazos, os possíveis processos de difamação e as repressões antecipadas dos superiores, com a argumentação de que o seu trabalho é objetivo.

Ao analisar o conteúdo e as relações interorganizacionais, Tuchman (1999) descreve que o jornalista só pode invocar seu *news judgment*⁴, apesar de poder reivindicar a objetividade, citando os procedimentos que utilizou ao longo da produção e que exemplificam os atributos formais de uma notícia ou de um jornal. A autora explica que o conceito de objetividade é variável para diferentes tipos de profissionais: para um sociólogo, o termo “objetividade” invoca filosofia, noções de ciência e ideias de profissionalismo, por exemplo. “Os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos”. (TUCHMAN, 1999, pg 75).

Os jornalistas podem invocar o conceito de objetividade a fim de trabalhar os fatos relativos à realidade social. O estudo de Tuchman (1999) aborda três fatores que influenciam a noção de objetividade dos jornalistas: a forma, as relações interorganizacionais e o conteúdo. Por forma, ela reflete sobre atributos das notícias e dos jornais que exemplificam os processos noticiosos, como o uso das aspas. Com conteúdo, explica que são noções da realidade social que os jornalistas consideram como adquiridas, assim como o conteúdo, que também está relacionado com as

⁴ São regras fixas para o exercício do julgamento do que é notícia, que auxilia a definir o que é noticioso e merece destaque. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed812_jornalismo_e_pos_jornalismo_trabalho_e_sobretabalho/. Acesso em: 05/05/2021

relações interorganizacionais do profissional, pois as suas experiências com essas organizações levam a tomar por certas algumas coisas acerca delas.

Ao contrário dos cientistas sociais, os jornalistas têm um repertório limitado com o qual definem e defendem a sua objetividade. Tuchman (1999) diferencia o cientista social enquanto um “pensador”; dado que, sob sua ótica, o jornalista, é um “homem de ação”. Sendo assim, o cientista social tem que ocupar-se da análise epistemológica reflexiva enquanto o jornalista toma decisões imediatas.

Tuchman (1999) explica que cada notícia é uma compilação de fatos que são avaliados pelos jornalistas, estruturados numa lógica de produção. Estes são responsáveis pela exatidão dos “fatos”, que serão lidos tanto pelo leitor comum como pelo leitor “interessado”. Caso o leitor interessado sinta que pode provar que “houve prejuízo para o seu negócio, reputação, e que pode instaurar um processo por difamação” (TUCHMAN, 1999, pg 77), o jornalista será responsabilizado. Embora os processos por difamação sejam relativamente raros, quando ocorrem trazem problemas financeiros às organizações jornalísticas. Segundo a autora, ao pôr em perigo a reputação de um jornal, um processo de difamação também pode afetar a propensão do leitor comum para a compra do jornal, assim como também coloca em risco a rotina da redação, ao exigir que alguns membros compareçam em um tribunal.

É possível utilizar as reflexões de Tuchman (1999), que permanece atual para tratar de casos recentes. Por exemplo, o caso Kelly Matos e David Coimbra⁵: ao fazerem comentários sobre um assalto a banco em Criciúma, onde, em suma, diziam que os assaltantes não eram tão ruins assim. O programa *Timeline* perdeu anunciantes e por conta dos comentários dos comunicadores, e foi aberta uma ação civil pública solicitando o pagamento de indenização em que o valor somava R\$200.000. Apesar de GaúchaZH ser um dos maiores veículos do Rio Grande do Sul,

⁵ Na ocasião, Kelly Matos e David Coimbra estavam apresentando o programa *Timeline Gaúcha* que foi ao ar no dia 1º de dezembro de 2020. O comentário, que partiu de Coimbra e foi acolhido por Kelly Matos, em relação a um assalto a uma agência do Banco do Brasil em Criciúma, no estado de Santa Catarina, que aconteceu na noite anterior ao programa. Na ocasião, o jornalista comentou “esse tipo de assaltante, vamos dizer que todos fossem como esses [...] Organizados, se vê que tem método e tem respeito pelo cidadão”. Em 24 horas, várias empresas quebraram contrato com a emissora por repudiarem o comentário. Entre as empresas estão Bazka Pizzaria, a Clínica Alfamen, o Hospital Ernesto Dornelles, Sinoscar, Uniritter, entre outras.

200 mil reais não é uma quantia irrisória. Segundo veiculado na Coletiva.Net⁶, RBS Participações, que concentra as ações da TV aberta, houve queda no faturamento: passou de R\$ 265 milhões em 2019, para R\$ 211 milhões em 2020, o que resultou no decréscimo de 20,4%. No lucro líquido do exercício, a redução foi ainda maior (54%), passando de R\$ 35,8 milhões para R\$ 16,4 milhões. Em relação à rádio Gaúcha, o mesmo acontece: houve queda de 19% no faturamento, passando de R\$ 57 milhões, para R\$ 46 milhões em 2020.

Assim, é possível considerar que cada notícia acarreta potenciais perigos para a redação e para a organização jornalística. Tuchman (1999) explica que cada notícia afeta a capacidade dos jornalistas no cumprimento das suas tarefas diárias, a sua reputação perante os seus superiores, e tem influência nos lucros da organização. “Dado que o jornal é composto de muitas notícias, estes perigos são múltiplos e onipresentes” (TUCHMAN,1999, pg 78). É importante conjecturar se, durante a situação de Kelly Matos e David Coimbra, havia algum jornalista produzindo uma reportagem sobre bancos ou o assalto de Criciúma. Como será que a capacidade deste profissional teria sido afetada pelo cancelamento em massa naquele momento?

Apesar da pressão no cumprimento da profissão, é importante ter em mente o que Hall et al (1999) descreve: os jornalistas, ao produzir sua definição de realidade social e o lugar do “cidadão comum”, é construído também uma imagem particular de sociedade que representam interesses específicos de classes específicas:

Devido ao seu controle sobre os recursos materiais e mentais e o seu domínio das instituições principais da sociedade, as definições de classe do mundo social oferecem a base racional para aquelas instituições que protegem e reproduzem a sua ‘forma de viver’ (HALL et al, 1999, pg 231).

O autor ainda revela que esse controle dos recursos mentais asseguram definições mais poderosas e universais do mundo social, que será orientadora para classes subordinadas da sociedade. “Os que governam, governam também através

⁶ RBS Participações e rádio Gaúcha registram queda em suas receitas. Disponível em: <https://www.coletiva.net/noticias/rbs-participacoes-e-radio-gaucha-registram-queda-em-suas-receitas,390906.jhtml>. Acesso em: 21/07/2021.

das ideias”. (HALL et al, 1999, pg. 231). Nas instituições sociais, políticas e legais, a coerção e o constrangimento nunca são completamente ausentes. Desta forma, os jornalistas também vão estar sujeitos a pressões econômicas e legais, estando também disponíveis à censura. Segundo Hall et al (1999), a transmissão de ideias dominantes depende mais dos mecanismos não coercitivos para a sua reprodução, dependem das estruturas do próprio estado e da sociedade civil organizada.

Para Traquina (2008), os jornalistas possuem uma maneira de agir, uma maneira de falar e uma maneira de ver como uma capacidade performativa da profissão, saberes que acompanham jornalistas no fazer diário. “Segundo a sua cultura profissional, esta comunidade interpretativa é uma comunidade de crenças que cumpre o serviço numa dedicação total a profissão” (TRAQUINA, 2008, pg 53). A natureza da vivência jornalística pode ser vista, segundo o autor, nas longas jornadas, ausência de vida privada, e uma dedicação devota a profissão. Jornalistas veem a informação como um valor absoluto.

Os jornalistas são pragmáticos, dão valor ao imediatismo. “A maneira de agir dos jornalistas está intimamente ligada ao saber do procedimento” (TRAQUINA, 2008, pg 46). Ao mesmo tempo, temos uma prática discursiva, uma preocupação em ser compreensível. Ao mesmo tempo que precisa ser sedutor, o discurso deve ser objetivo e claro. Sobre a maneira de um jornalista ver, nos apoiamos nos valores-notícia que se tornam hábitos mentais de avaliação do que é ou não notícia. Uma comunidade que compreende a si e tenta incansavelmente compreender e traduzir a realidade.

2.2 A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS

Mello (2020, pg 92) foi enfática: “Quando um ataque vem do topo da hierarquia, ele funciona como uma autorização”. Como já mencionado anteriormente, na introdução, os Relatórios da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) mostram que os índices de violência em 2020, após a posse do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), só crescem. Em 2018 foram 135 ocorrências de violência. Em 2019, os ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um crescimento de 54,07% em relação ao ano anterior. Em 2020 foram 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019.

No último relatório publicado pela FENAJ, referindo violências de 2020, o presidente é apontado como o principal agressor. “Sozinho foi responsável por 175 casos (40,89% do total): 145 ataques genéricos e generalizados a veículos de comunicação e a jornalistas, 26 casos de agressões verbais, um caso de ameaça direta a jornalistas, uma ameaça à TV Globo e dois ataques à FENAJ (VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS, 2021, pg 4).

Além disso, a postura de Bolsonaro é descrita como não condizente com o cargo, e que suas ações servem de incentivo para que a violência contra jornalistas vire prática. “A explosão de casos está associada à sistemática ação do presidente da República, Jair Bolsonaro, para desacreditar a imprensa e à ação de seus apoiadores contra veículos de comunicação social e contra os jornalistas” (VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS, 2021, pg 6).

Não é apenas um presidente ou um regime ditatorial que promove violência contra jornalistas. A censura está presente também na pressão econômica, da linha editorial, sofre influência de anunciantes e do próprio público em determinadas situações. Em tempos de cancelamento e perseguição facilitados pelo universo virtual, empresas e figuras públicas influenciam na perseguição contra jornalistas.

Temos como exemplo o que aconteceu com Kelly Matos e David Coimbra no programa *Timeline Gaúcha* que foi ao ar no dia 1º de dezembro de 2020. A ocasião aconteceu devido a um comentário, que partiu de Coimbra e foi acolhido por Kelly Matos, em relação a um assalto a uma agência do Banco do Brasil em Criciúma, Santa Catarina, que aconteceu na noite anterior ao programa. Na ocasião, o jornalista comentou “esse tipo de assaltante, vamos dizer que todos fossem como esses [...] Organizados, se vê que tem método e tem respeito pelo cidadão”. Kelly Matos riu e a conversa seguiu, com comentários a respeito dos assaltantes terem uma “ideologia”. Em 24 horas, várias empresas quebraram contrato com a emissora por repudiarem o comentário. Entre as empresas estão Bazka Pizzaria, a Clínica Alfamen, o Hospital Ernesto Dornelles, Sinoscar, Uniritter, entre outras.

Mas a perda de patrocinadores foi apenas o início da situação. Além de um cancelamento virtual por parte do público, que se mostrou contra o posicionamento dos comunicadores, foi aberta uma ação civil pública contra os jornalistas. Na ocasião,

o promotor de Justiça Voltaire de Freitas Michel atuou contra a emissora e David Coimbra, solicitando o pagamento de indenização que seria revertido para o 'Fundo de Reparação dos Bens Lesados do Rio Grande do Sul', ou para entidades do campo da Segurança Pública. O valor somava R\$ 200.000.

Ao longo da semana, depois de muito serem criticados, ambos os jornalistas se pronunciaram em suas colunas em GaúchaZH. Kelly Matos encerra sua coluna⁷ com uma súplica: “Erramos. E, diante do erro, não há outro caminho que não seja o da humildade. Peço perdão. E reitero meu reconhecimento às forças policiais que atuam em prol dos cidadãos. Perdão”. Já Coimbra assume a responsabilidade total em sua coluna⁸, também em sentido de culpa: “Nos últimos dias, o mundo desabou sobre minha cabeça, depois de um comentário que fiz no *Timeline* [...] Era um comentário irônico, provocativo, semelhante a tantos outros que fiz na minha trajetória. Mas muitas pessoas não entenderam assim, entenderam que falava a sério, ficaram furiosas comigo e com a minha companheira do *Timeline*, a Kelly Matos, que não teve responsabilidade nenhuma neste caso. A responsabilidade é toda minha, quem levantou o assunto fui eu. [...] Foi terrível que isso tenha acontecido, me senti muito mal. Ainda me sinto. Porque, se as pessoas não entenderam que estava fazendo uma ironia, a culpa não é delas. É minha”.

Depois do acontecido, a Associação Riograndense de Imprensa (ARI) emitiu uma nota⁹ comentando o caso: “Jornalistas erram. Políticos erram. Empresas erram. Mas campanhas organizadas nas redes sociais para a demissão de jornalistas transformam a cobrança por retratação em perseguição de suposto caráter ideológico. Quando isso ocorre, a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão estão em risco. Este é o pior caminho”. O efeito da perseguição gera medo no profissional, que vai ponderar cada vez mais assuntos espinhosos para evitar perder o emprego, ser

⁷ Perdão. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/kelly-matos/noticia/2020/12/perdao-ckiax6fka00a7019w0uj5nb92.html> Acessado em: 03/03/2021

⁸ Sobre o assalto em Criciúma e o comentário no "Timeline". Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/david-coimbra/noticia/2020/12/sobre-o-assalto-em-criciuma-e-o-comentario-no-timeline-ckiawt6uf00a6019w3v3e731s.html> Acessado em: 03/03/2021

⁹ "Jornalistas erram. Políticos erram. Empresas erram", defende ARI sobre caso 'Timeline'. Disponível em: <https://www.coletiva.net/noticias/-jornalistas-erram.-politicos-erram.-empresas-erram-defende-ari-sobre-caso-timeline-.381547.jhtml> Acessado em: 03/03/2021

processado, ou sofrer um cancelamento em massa. Até março de 2021, o programa *Timeline* não havia recuperado os contratos publicitários.

E se tem uma jornalista que entende de movimentos organizados virtualmente para linchamento, ameaças de morte e tentativa de causar o fim de uma reputação, esta é Patrícia Campos Mello. Em seu livro, ela explica que a busca por acabar com a mídia crítica não é uma estratégia apenas do governo de Jair Bolsonaro. A jornalista, vítima de diversos ataques, demonstra a semelhança entre o presidente e Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, que tem estratégias discursivas e de perseguição à comunidade muito semelhantes às vistas no Brasil. Mas eles não são os únicos líderes políticos a fazerem isso: Donald Trump, ex presidente dos Estados Unidos, Rodrigo Duterte, presidente das Filipinas, Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, Nicolás Maduro, presidente da Bolívia, Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia. Todos eles têm um inimigo em comum: o jornalismo.

Patrícia Campos Mello (2020) traz dados que mostram pouco a pouco um desmonte da receita capitalizada por veículos de comunicação tradicionais, começando pela publicidade empregada aos veículos. Ela descreve:

A TV aberta ainda abocanha a maior parte da verba publicitária - 53% a TV aberta e 7% a TV por assinatura em 2019, de janeiro a setembro. Mas a fatia encolheu: em 2017, chegava a 58,7% e 8,5%, respectivamente. Nesse ano, os jornais absorviam 3,3% do gasto em publicidade; as revistas ficavam com 2,1%; o rádio, com 4,6%, e a internet era destino de 14,8%. Em 2018, de janeiro a setembro, o gasto publicitário na internet subiu para 20,7%, o dos jornais caiu para 2,7%; revistas para 1% e rádio se manteve estável, com 4,6%. (MELLO, 2020, pg 169).

A jornalista ainda expõe que o presidente da República ameaçou cortar publicidade da “mídia iminiga”, publicidade essa que seria investimento do Governo Federal. A autora conta que, segundo um Relatório do Tribunal de Contas da União (TCU), o governo destinou verbas maiores para emissoras que são consideradas pelo presidente como aliadas do Planalto:

Embora detentora do maior ibope do país, a Globo passou a ter participação bem menor no bolo. De acordo com a reportagem da Folha, em 2017 a Globo ficou com 48,5% dos recursos do governo e,

em 2018, 39,1%. Em 2019, com base em dados parciais, a fatia despencou para 16,3%. Os percentuais da Record foram de 26,6% em 2017, 31,1% em 2018 e, agora, 42,6%; os do SBT, 24,8%, 29,6% e 41%, respectivamente. Nos meios impressos críticos, anúncios do governo brasileiro e de estatais secaram. (MELLO, 2020, pg 171).

Estes mecanismos de “sufocar economicamente” a mídia, como descreve Mello (2020), é uma forma de combater a imprensa. O jornalismo vem há anos enfrentando crises financeiras e se adaptando a novos modelos e formatos para tentar sobreviver, misturando assinaturas e anúncios numa tentativa de voltar a lucrar. Quando governos como o de Jair Bolsonaro cortam recursos, orienta subliminarmente investimentos e segue o manual de Orban para desmonte da mídia crítica. Tudo isso dificulta a investigação e fiscalização do poder, que se torna cada dia uma tarefa mais desgastante. E quem ganha com isso não é a população, muito menos a democracia.

Entre boicote por cancelamento virtual, redução de investimentos e descredibilização do jornalismo, ainda existem os ataques diretos. A jornalista da Folha inicia seu livro contando sobre um dia que seu filho, com recém 7 anos, se deparou com um vídeo em que ela é ofendida. “[...] a primeira coisa que aparecia no *Google* quando ele digitava Patrícia Campos Mello era o tal vídeo, com uma foto minha ao lado de uma outra do então candidato a deputado federal Alexandre Frota, e a legenda: VAGABUNDA SEM VERGONHA” (MELLO, 2020, pg 9). A matéria publicada no dia 18 de outubro de 2018 significou uma mudança brusca na realidade da jornalista, que passou a conviver com ameaças diariamente. Das milhares de mensagens que recebeu no seu *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, uma se destaca: “Se você quer a segurança do seu filho, saia do país. Não é uma ameaça, é um aviso” (MELLO, 2020, pg. 13).

Muito do que Patrícia Campos Mello viveu - e continua vivendo - tem orientação não apenas contra a imprensa, mas um capuz de violência de gênero somado. À época das campanhas presidenciais de 2018, *hashtags* como *#JornalistaProstituta* e *#JornalistaDaOFuro* cresceram e se popularizaram na comunidade bolsonarista. A violência de gênero unida a violência contra imprensa foram formas eficazes em distrair as investigações e a percepção pública do que deveria ser a notícia principal: empresários financiando campanhas pelo *WhatsApp* contra um candidato de oposição.

No dia 3 de maio de 2020, a equipe do jornal O Estado de São Paulo foi agredida com chutes, empurrões e rasteiras por simpatizantes de Bolsonaro. A violência aconteceu em frente ao Palácio do Planalto, durante um ato em apoio ao governo. Jornalistas de outros veículos também foram hostilizados por participantes do protesto: segundo o Portal G1¹⁰, houve agressão e ofensa a integrantes de equipes da Folha de S. Paulo, do O Globo e do Poder360.

Pouco mais de um ano após o ocorrido, em 23 de maio de 2021, o jornalista Pedro Duran, da CNN Brasil, teve que ser escoltado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro depois de ser hostilizado durante ato em apoio ao presidente. Cerca de um mês antes desse evento, no dia 20 de abril, o Brasil havia caído quatro posições no ranking de liberdade de imprensa produzido pelo Repórter Sem Fronteiras¹¹, entrando para a zona vermelha. O nível de liberdade de imprensa produzido pela entidade é orientado por cores, onde países com cor branca tem situação muito boa para fazer jornalismo, amarela possui uma situação boa, laranja é problemática, vermelha é difícil e preta muito grave.

O que aconteceu entre Kelly Matos e David Coimbra, Patrícia Campos Mello, as equipes da Folha de S. Paulo, do O Globo e do Poder 360 e Pedro Duran tem em comum é que além de serem jornalistas exercendo sua profissão, todos foram vítimas de uma orientação impulsionada pela descredibilização e desvalorização do papel do jornalista. Campanhas virtuais de cancelamento tem propagação fácil, e possuem um discurso repleto de significados subliminares. Os movimentos de linchamento coletivo contra imprensa são autorizados por autoridades e validados pela pressão econômica. Há várias formas de tentar calar um jornalista. Nenhuma delas deveria ser incentivada.

¹⁰ Profissionais de imprensa são agredidos durante manifestação antidemocrática com a presença de Bolsonaro. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/03/profissionais-de-imprensa-sao-agredidos-durante-manifestacao-antidemocratica-com-a-presenca-de-bolsonaro.ghtml> Acessado em: 04/06/2021.

¹¹ Brasil cai quatro posições em ranking de liberdade de imprensa e fica em zona vermelha. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/20/brasil-cai-quatro-posicoes-em-ranking-de-liberdade-de-imprensa-e-fica-em-zona-vermelha.ghtml> Acessado em: 03/03/2021.

2.3 ESPIRAL DO SILÊNCIO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

O público possui voz, e a internet a potencializa. Entretanto, é preciso se atentar ao que Hall (1999) descreve como relação entre o “idioma público” e a voz editorial que os *media* possuem. Apesar de a comunidade jornalística ter uma linguagem no dia-a-dia, um modo de discurso habitualmente utilizado, a imprensa também tem a liberdade de escrever editoriais e exprimir uma opinião sobre certos tópicos. Independentemente de ser a favor ou contra a linha editorial, há um segundo tipo de editorial que vai além da expressão dos pontos de vista do veículo. Hall (1999) explica que em qualquer das formas de editorial, os *media* “estabelecem uma ponte de mediação crucial entre o aparelho de controle social e o público”. A imprensa, segundo ele, pode legitimar e reforçar as ações dos controladores, trazendo os próprios argumentos independentes para influenciar o público na defesa de ações propostas, ou pode fazer pressão sobre os controladores incitando a opinião pública a apoiar os seus próprios pontos de vista.

Hall et al (1999) descreve que através de outra torção, as representações da opinião pública são “inscritas frequentemente pelos controladores como prova imparcial daquilo que o público, de fato, acredita e quer”. As espirais de amplificação, segundo ele, são particularmente complexas e rígidas. Dessa forma, o papel geral dos *media* no processo de formação da opinião pública vai se relacionar a sociedades onde a maior parte da comunidade não terá acesso ou poder sobre decisões centrais, onde a política oficial e opinião popular está dispersa, os *media* desempenham um papel de ligação de mediação crítica na formação da opinião pública e na orquestração dessa opinião com as ações e perspectivas dos poderosos. O autor afirma que ao desempenhar este papel, os *media* são reforçados pelo fato de serem independentes, tanto das fontes que se referem como público em nome de quem falam.

Os *media* podem indicar a forma pela qual as estruturas e as práticas de rotina dos *media*, em relação à elaboração de notícias, serve para enquadrar acontecimentos dentro de paradigmas interpretativos dominantes e, desse modo, unir opiniões (HALL et al, 1999, pg 236). A mídia possui uma capacidade de relacionar com a sociedade com discursos que muitas vezes legitimam, definindo o que é real e verdadeiro. São esses conteúdos e publicações que podem definir padrões como guia

e identificação, como compreensão que perpassa a noção da existência de poder. Sendo assim, a mídia tem uma relação de influência com a opinião pública.

Elisabeth Noelle-Neumann (1972 Apud HOHLFELDT 1998) produziu diversos estudos que investigaram desde a qualidade positiva dos alemães até o comportamento das pessoas em períodos eleitorais. Em 1995, ela identificou que a opinião que recebia apoio de forma mais explícita também parecia ser mais forte. Neste estudo, a autora observou que certas pessoas eram incentivadas a dar sua opinião e outras a se calarem, até que em processo de espiral, um ponto de vista dominava o cenário público e outro desaparecia, pois os partidários preferiam ficar em silêncio, o que ficou conhecido como espiral do silêncio. Antônio Hohlfedt (1998) atualiza a discussão da Espiral do Silêncio.

Este isolamento e conformidade social prevê que as pessoas, em sua maioria, aceitam a tendência de pensamento da maioria das pessoas que as rodeiam. Isso permitiu a Elisabeth Noelle-Neumann desenvolver dois conceitos que, a partir de 1972, caracterizam sua hipótese da espiral do silêncio: o de clima de opinião e o da própria espiral do silêncio.

Outros autores que retomam, atualizam a discussão a partir da noção de representação social são Rhayssa Fernandes Mendonça e Claudomilson Fernandes Braga (2015). Para os autores a Espiral do Silêncio acontece porque, em uma sociedade, as pessoas têm medo de serem isoladas. Esse aspecto vai envolver a confiança em si mesmos, a baixa autoestima, e uma tendência de se unir com a maioria. Quando uma pessoa pensa que está sendo ignorada, sofre e se deixa manipular por conta de sua sensibilidade. Estar em grupo ocasiona um estado de felicidade e quando isso não é possível de acontecer, gera o isolamento e o silenciamento que tanto se teme. “Este medo do isolamento também explica porque os seres humanos se esforçam para observar ao seu redor e não perder a estima dos demais”. (MENDONÇA, BRAGA, 2015, pg 12).

O clima de opinião define que as pessoas percebem ou imaginam o que a maioria pensa, colocando estes indivíduos em um estado de tensão sobre sua própria opinião, escolhendo se calarem e, em seguida, se adaptarem a opinião que imaginam ser da maioria. “Como consequência, a opinião, que por ventura não fosse da maioria,

torna-se a majoritária na medida em que se expressa em um movimento de verbalização e angaria prestígio e adesão daqueles que estão indecisos” (MENDONÇA; BRAGA, 2015, pg 15).

Antonio Hohlfeldt (1998) diz que em 1922, quando o norte-americano Walter Lipmann publicou *Public Opinion*, ele explicava que as pessoas avaliavam a realidade externa enquanto “imagens pintadas em seus cérebros”. Não necessariamente isso significa que essas informações correspondem ao que a realidade efetivamente é. Hohlfeldt (1998) explica que, para Lippmann, essas “imagens” vão-se tornando cada vez mais estabelecidas com o passar do tempo.

Desta forma, existe uma tendência aos comportamentos massificados, alimentados não apenas pelo anonimato que o indivíduo experimenta quando está em grandes grupos, mas também por se sentir pressionado a ter um certo comportamento. Existe um anonimato em estar em meio à massa, podendo gerar também um sentimento de solidão em meio à multidão que caracterizaria nosso século. Elisabeth Noelle-Neumann (1972 Apud HOHLFELDT, 1998) sugeriu em seu estudo sobre a espiral do silêncio que “se um indivíduo imagina que sua opinião poderia estar em minoria ou poderia ser recebida com desdém, essa pessoa estaria menos propensa a expressá-la”.

Para a autora, “o indivíduo, o não-isolamento em si mesmo é mais importante que seu não-julgamento. Parece ser esta a condição da vida humana em sociedade; caso contrário, não será concretizada uma integração suficiente” (NOELLE-NEUMANN, 1972, Apud HOHLFELDT, 1998). O ponto central da hipótese é a capacidade das pessoas perceberem o clima de opinião, independentemente do que essas pessoas sintam.

Assim, para Noelle-Neumann (1972, Apud HOHLFELDT, 1998) a opinião pública é na verdade a opinião da maioria expressa, na medida em que tenha acesso aos meios de comunicação. A opinião pública seria uma relação de interação entre ações e crenças individuais e a opinião da maioria. E os *mass media* vão ter uma relação de influência direta com a formação da opinião dessa audiência. Neumann acreditava na conexão entre a mídia e as mudanças de opinião, e os agentes de mudança em condições específicas influenciam a população em uma direção.

Entretanto, segundo Hohlfeldt (1998), em seu estudo, ela não abordou o impacto que resulta de uma corrente constante de informações que a mídia desenvolve junto ao receptor, mas já antecipava os eventuais riscos à democracia que tal possibilidade poderia ter.

Mendonça e Braga (2015) explicam que a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo pesquisador Serge Moscovici no final dos anos 60, queria compreender como a psicanálise se disseminou na França. Os estudos dele abordam a construção do senso comum e houve um destaque para a imprensa, o cinema e o rádio, como elementos que permitiriam a inserção massiva da psicanálise na sociedade francesa, influenciando no interesse e na propagação desta área.

As representações sociais correspondem ao conhecimento que as pessoas possuem sobre determinados objetos e pessoas. Spink (1993, Apud MENDONÇA; BRAGA, 2015), explica que se define como formas de conhecimento prático, inseridas em correntes que estudam o conhecimento do senso comum, rompendo com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento, e enxergando-as como um conhecimento legítimo, o motor das transformações sociais. Segundo Mendonça e Braga (2015, pg 5) “dessa forma, o ato de representar envolve processos dinâmicos situados entre o psicológico e social, e permite o desenvolvimento de uma forma que designa e expressa a interpretação que temos”.

Em seu estudo, os autores também apontam que os fenômenos ocorrem em uma esfera social e as representações apresentam-se conforme os grupos sociais, de forma a identificar e expor que as representações sociais são elaboradas a partir da interação entre indivíduo e sociedade, “pois os sujeitos são coletivos e mantêm-se, porque estão em grupo. Assim, as representações são simultaneamente psicológicas e sociais” (MENDONÇA E BRAGA, 2015, pg 6).

Os autores explicam que as representações são produto do processo interacional dos grupos, pertencentes aos aspectos psicológicos de cada indivíduo enquanto integrantes de um grupo social. Elas necessitam de aspectos que as construam enquanto coletivo e não podem ser inerentes a algo puramente individual. Nesse sentido, Mendonça e Braga (2015), ressaltam que falar sobre representações

sociais significa não haver uma separação entre o exterior e os grupos, sendo assim, o indivíduo demonstra que não há uma separação.

A representação social orienta o comportamento social, remodela e reconstitui os elementos do ambiente em que o comportamento acontece. Nesta situação, diferentes elementos são unidos, incluídos e excluídos em uma classe lógica, seguindo regras sociais, científicas e práticas. Mendonça e Braga (2015), apontam que os esquemas mentais dos indivíduos atuam em uma ressignificação dos objetos, fatos e acontecimentos, modificando-os, dando uma ordem lógica para a representação. Sendo assim, os elementos que pertencem a diferentes regiões desta atividade e dos discursos sociais são modificados uns nos outros e passam a servir como signos e meios de interpretação dos outros.

A representação social é um conjunto de proposições, reações e de avaliações, que tocam pontos particulares durante discussões, as quais Braga e Mendonça (2015) define como “coro coletivo”, mais precisamente, a opinião pública. Estas proposições são organizadas de forma diferente conforme classes, culturas e/ou outros grupos que constituem universo de opiniões tão numerosos quanto as classes existentes.

O encadeamento das noções de representação e espiral do silêncio, conforme Mendonça e Braga (2015), é feito através do conceito de zona muda da representação social. A não verbalização explícita que as representações sociais influem na atitude das pessoas sobre o que devem, ou não, falar publicamente. Acredita-se que por uma perspectiva comunicacional, este processo ganha uma proporção ainda maior, em decorrência do alcance e poder dos meios de comunicação. Mendonça e Braga (2015) explicam que apesar de entender que os indivíduos possuem autonomia para definir seu pensamento e interpretar as mensagens da mídia, “Entende-se também que sua tendência de comportamento pode convergir-se com aquilo que é representado nos meios. O desconhecimento é um fator que contribui para este processo” (MENDONÇA; BRAGA, 2015, pg 9).

As crenças e comportamentos passam também pelo crivo dos conteúdos midiáticos, uma vez que o discurso torna-se o senso comum e possui respaldo, em decorrência de sua voz de autoridade e sua credibilidade. “A credibilidade da mídia é decorrente da circulação dos conteúdos simbólicos, com isso, alcança o grau de

credibilidade para construir-se como autoridade na criação de um discurso reconhecidamente válido”. (MENDONÇA; BRAGA; 2015, pg 10).

A construção do senso comum se dá em objetos legitimados pela voz de autoridade midiática. “A naturalização de determinados temas pode contribuir para a construção da representação errônea ou alterada da realidade, conforme os interesses daqueles que tem em mãos o acesso aos meios de comunicação” (MENDONÇA; BRAGA, 2015, pg 11).

Para Mendonça e Braga (2015), a associação das representações sociais, permeada pelo processo de espiral do silêncio, a pós-verdade naturaliza determinados objetos com incompletude. Segundo os autores, essa associação provoca uma reação de silenciamento. “É possível que esta representação midiática, que acabe se convergindo em uma representação social vigente, logo, determina as crenças e guia os comportamentos reforçando os efeitos ideológicos do silenciamento”. (MENDONÇA; BRAGA, 2015, pg 12).

O que faz as pessoas se negarem a participar de uma opinião da maioria pode estar relacionado ao fato de que o público não quer se desapegar daquilo que eles entendem “pessoalmente” como verdade. A sociedade tem proposto mudanças em várias áreas, comportamentos, e aos poucos incluindo minorias em espaços de poder. Nem todos acompanham essas mudanças, tem possibilidade ou vontade de mudar. Por isso elas reagem a discursos que não compactuam com o que elas acreditam, tem afeto ou possuem ligações emocionais. Porque se adaptar a opinião da maioria é se afastar do que elas cresceram aprendendo, das memórias que tem e do que elas enxergam como verdade. Ninguém quer ter sua verdade pessoal abalada.

E é por isso que a espiral do silêncio não reflete as consequências da pós-verdade. Porque, apesar de estar certa de que existe sempre um pêndulo entre opinião pública de maioria e de minoria, ela não considera que as pessoas possam negar de participar desse movimento por terem uma interpretação emocional. Algo semelhante a um pensamento como: eu não quero não porque não acredito que esteja certo. Eu não quero porque isso me afeta pessoalmente, e faz ter gatilhos de situações que eu não quero experienciar novamente (exclusão, bullying, rejeição) ou porque

essa opinião da maioria ataca aquilo que eu cresci aprendendo (militarismo, violência, patriarcado como forma de poder e controle).

Logo, várias situações influenciam para que essas pessoas exponham suas opiniões. As redes sociais e suas bolhas, a sociedade mudando muito rápido, entre outros fatores. Nós tendemos a ficar próximos daquilo que é parecido conosco. Essas pessoas buscam proteger suas memórias e seu sistema de crenças expondo essa interpretação emocional. E dessa forma, nasce uma identidade de grupo.

A questão que relaciona pós-verdade e a teoria da espiral do silêncio é a reação. Na espiral do silêncio, as pessoas tendem a se silenciar quando sentem que suas opiniões não fazem parte da maioria. Com a existência da pós-verdade e a construção de narrativas que se desenrolam com as novas mídias e as novas formas comunicacionais, a reação não é a indiferença: é a raiva, a vergonha, o medo. Dessa forma, discursos serão construídos conforme a realidade percebida por cada indivíduo, fomentada através de líderes de opinião, de suas bolhas virtuais, e será estimulada quando for percebido um inimigo em comum - aquilo que diz que o que eu acredito está errado ou incompleto. No próximo capítulo será possível compreender melhor a pós-verdade, passando antes pela noção de verdade e de efeito de verdade.

3 A VERDADE COMO DISCURSO

Para compreender este estudo, é preciso ter claramente algumas noções fundamentais para compreender a verdade e a pós-verdade, como discursos. Para isso, passa-se pelo pensamento de Michel Foucault sobre a verdade através da leitura de Cesar Candiotto (2010), discute-se o jornalismo como um efeito de verdade, a partir dos analistas de linguagem, com Patrick Charaudeau (2007) e finalizamos com a noção de pós-verdade, uma leitura de Cristian Dunker (2017).

Candiotto (2010), para explicar o pensamento foucaultiano, utiliza a problematização da verdade e sua relação com o sujeito como fio condutor. A filosofia moderna aponta que o sujeito é o fundamento da verdade, fonte universal de significação. De acordo com Candiotto (2010), Foucault quer problematizar evidências como esta ao mostrar que tanto os discursos de verdade quanto os que se entende por sujeito são produzidos e constituídos a partir da articulação entre jogos de regras, mecanismos e estratégias de poder das nossas práticas sociais e culturais.

Em 1966, Michel Foucault publicou “As palavras e as coisas”¹², um livro sobre a constituição histórica dos saberes, e se viu contrário às reflexões que colocam a verdade no sujeito. Onde não se tratava exclusivamente da descrição de um vocabulário, mas porque, segundo ele, ninguém está aquém ou além do âmbito discursivo.

Para elaborar sobre a formação dos saberes, Foucault baseia o conceito em três épocas históricas: o Renascimento (século XVI), Clássico (século XVII e XVIII) e Moderno (século XIX). Conforme explica Candiotto (2010), os três domínios do saber são estudados, em sequência, as palavras, os seres e as riquezas. Entre o período Clássico e Moderno, Foucault situa a descontinuidade entre o espaço da História e a finitude do homem. Entre os novos domínios de saber, onde podemos indicar o nascimento de novos campos epistemológicos, citados respectivamente: a filosofia, a biologia e a economia política.

¹²Les mots et les choses (1966).

Dessa forma, o homem será visto de uma outra forma. A história arqueológica dos saberes trata a figura do homem como histórica numa disposição epistemológica (moderna) ou discursiva (CANDIOTTO, 2010). A verdade está no discurso do ser, e não no ser em si. A história, ainda segundo o autor (2010), permite o pensamento, mas constitui o seu limite na representação das coisas, ou seja, de si mesma. As verdades universais vão ser negligenciadas aqui, de forma universal e atemporal.

Foucault (1966) utiliza o método genealógico¹³ em suas análises sobre tecnologias de saber e poder. Esse instrumento é utilizado para entender as configurações singulares dos sujeitos, os objetos e significações nas relações de poder, e as práticas discursivas e não-discursivas. Em resumo, podemos dizer que “a genealogia do sujeito moderno tem como papel diagnosticar o que somos e o que significa hoje dizer o que dizemos”. (CANDIOTTO, 2010, pg 25).

Os discursos, independente sobre o que forem, vão ter um fundo de intencionalidade que podem atribuir significados (verdades) sobre nós, que vamos assumir como identidade. Essa verdade normalmente não passa do jogo de regras entre saberes e práticas coercitivas.

A articulação entre verdade e sujeito não preexiste antes dos saberes e práticas, “é o conjunto de práticas discursivas ou não discursivas que faz com que algo entre no jogo do verdadeiro e falso e constitua o objeto para o pensamento” aponta Foucault (1966, pg 28). As práticas vão ser reconhecidas como chaves para refletir sobre a verdade e sua articulação com o sujeito, levando em consideração o momento que emergem, funcionam e transformam.

O saber estará relacionado com o conceito de verdade pela construção histórica das informações, que definirá o objeto. Candiotto (2010) explica que o ser (homem) vai surgir a partir de uma configuração múltipla entre os saberes (forma e figura). Assim, haverá relação entre a produção de discursos e logo a verdade não é necessariamente um poder exclusivo do conhecimento científico. Para Foucault

¹³Utilizado por Foucault em suas reflexões sobre as tecnologias e dispositivos de saber-poder, o método genealógico consiste em um instrumental de investigação voltado à compreensão da emergência de configurações singulares de sujeitos, objetos e significações nas relações de poder, associando o exame de práticas discursivas e não-discursivas. Fonte: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/genealogia-michel-foucault> Acessado em: 09/11/2021

(1966), ao elaborar discursos, o sujeito também esclarece e problematiza o significado de suas práticas.

Para elaborarmos o discurso, precisaremos dar espaço à episteme, ou seja, um conhecimento verdadeiro e científico (de “epistemologia”, o discurso da ciência). O termo não é aquele que se disse ou se quis dizer, mas sim ao pressuposto do conjunto daquilo que é nomeado e pensado em diferentes domínios de saber de uma época, como explica Candiotta (2010). Analisar a episteme é além de algo regular. É também um complexo de informações, situações e mudanças específicas, tornando a discussão sobre o progresso da verdade sem uma origem fixa, mas uma origem transitória.

Para trabalhar a ideia de episteme e discurso, é necessário entender que as ciências são feitas através de atributos como compreensão de sistemas gramaticais, organizações funcionais, formas de produção (CANDIOTTO, 2010). A verdade do objeto de saber pode se manifestar de diversas formas, entre elas pelas linguagens do corpo e da percepção, enquanto a verdade do discurso permite compreender sobre a natureza ou sobre a história de uma linguagem reconhecida como verdadeira.

A principal característica do pensamento moderno é que a verdade está no sujeito ou no objeto. Para Candiotta (2010) ao seguir um pensamento arqueológico é insustentável centrar a verdade no homem, seja na condição de objeto ou de sujeito. “A verdade da verdade do homem está no seu exterior, na episteme da finitude moderna” (Foucault, 1966 Apud CANDIOTTO, 2010, pg 39).

Candiotta (2010) explica que elaborar a genealogia das verdades sobre o indivíduo a partir de sua emergência, funcionamento e desaparecimento nas práticas concretas implica a recusa da origem essencial da história e na dissociação do sujeito cartesiano e kantiano. Se pela análise dos jogos teóricos e científicos, o sujeito é situado a partir de seu desaparecimento, no estudo das práticas concretas ele é constituído nos mecanismos coercitivos de poder (CANDIOTTO, 2010).

O homem tem uma força incomum: tem o poder de definir ou fornecer representações, mas de forma secundária e não do que é em si. Isso acontece porque os seres “se dobram ao seu próprio espaço”, mas também porque as representações sugerem interpretações, tais como leis da vida, da produção e da linguagem. A

verdade não está no indivíduo, mas na relação dele com as situações, sendo assim, o pensamento pode ser condicionado por determinações externas.

No discurso há algo que é formado, existe, se transforma e desaparece independentemente do sujeito. Dentre tudo aquilo que uma sociedade pode produzir, há antes a formação das coisas ditas, do visível efetivamente anunciado (CANDIOTTO, 2010). A hipótese de que a diferença entre saber e ciência, bem como a articulação entre verdade e poder, são sínteses críticas provocadas pelo pensamento de Foucault sobre os critérios de verdade, onde existem duas possibilidades: ou a forma de prover conhecimento é condição ou não passa de um jogo de regras discursivas.

Candiotto (2010) descreve que Foucault mostrou que genealogias científicas e construções teóricas da episteme são estabelecidas em função dos jogos de regras postos em funcionamento pela regularidade dos saberes de uma época e de uma determinada cultura. Ou seja: o contexto (de pequenas comunidades ou até países inteiros) vai interferir nos saberes populares, que irá interferir nos discursos.

Existe uma articulação entre práticas discursivas e não discursivas, entre técnicas de saber e estratégia de poder. Essa articulação debate que práticas não discursivas (economia, política, sociais, técnicas) são “atravessadas” pelas práticas discursivas, irreduzíveis a elas. Candiotto (2010) reforça que entre as práticas regradas do discurso de verdade e as práticas históricas e sociais constituídas por estratégias de poder, não há identidade ou justaposição, mas articulação.

A hipótese genealógica é que aquilo normalmente denominado como verdade constitui feito da vontade (histórica) de verdade. A apropriação foucaultiana da vontade da verdade vem de Nietzsche e tem como objetivo apresentar como elemento atuante na constituição e legitimação dos discursos modernos com pretensão à cientificidade por meio do seu controle recorrente.

Além de se referir aquilo que é dito, o discurso também interage com o que não é dito, pelo comportamento corporal, por atitudes, entre outras organizações. "O discurso e o conjunto das significações coativas e constringentes que perpassam as relações sociais" (Foucault 1994, Apud CANDIOTTO, 2010). Aquilo que entre as ciências do homem é tido como verdadeiro, para Foucault, configura a justificação

racional de sistemas excludentes de poder que atuam nas práticas institucionais e científicas, tais como no internamento e no aprisionamento (CANDIOTTO, 2010).

A sociedade tem a tendência a se tornar excludente, recortando objetos e sujeitos, estabelecendo regimes dentro do que é considerado verdadeiro. O discurso qualificado como verdadeiro se impõe sobre outros discursos conforme o contexto e os critérios normativos que o deem significação. É possível afirmar que essa prática é um modo de operar separações, entre o que se afirma ser verdadeiro e o que se afirma ser falso, entre o que se defende que está certo e o que se defende que está errado, o que é considerado delirante e o que é considerado racional. Sendo assim, para Foucault o discurso tem seu poder e seu perigo de qualificar e desqualificar a posição ocupada por um sujeito, por uma instituição, por uma posição discursiva.

Merece ser destacado que também existem outros procedimentos de exclusão interior ao discurso, tais como comentário, o autor e a disciplina. Candiotta (2010) destaca princípios de ordenação, de classificação e de distribuição que terão a intenção de controlar o "acontecimento" e o "acaso", tradicionalmente desqualificados como obstáculos à credibilidade do discurso de verdade.

A vontade da verdade se relaciona com a vontade de saber, que, no sentido antropológico, indica curiosidade, necessidade de dominar ou de se apropriar do conhecimento. É atribuída ainda aos tipos de interesse de uma época e seu sistema de valores (CANDIOTTO, 2010).

Segundo Candiotta (2010), Foucault, ao se apropriar de Nietzsche, define como possível delinear a genealogia da verdade. O autor descreve que a verdade é produzida valendo-se de um jogo a partir do qual deixa de ser relevante a referência da natureza humana ou do mundo, já que eles existem como objetos já dados. Sendo assim, não há unidade na verdade, mas sistemas precários de poder.

Sendo assim, o discurso é constituído por saberes popularizados através de regras, sendo impulsionados por instituições ou organizações que promovem de alguma forma o poder social, não apenas os saberes científicos. Não precisamos nos distanciar dos dias atuais para entender como o discurso de poder não tem relação direta com o que é cientificamente provado ou que tem debates técnicos envolvidos: as informações vindas de movimentos antivacina influenciaram pessoas a não

vacinarem seus filhos, trazendo uma nova onda de contaminação por sarampo, doença que estava praticamente erradicada no país. Os motivos para a não vacinação são vários, entre eles a ideia de que a vacina estaria adoecendo a população.

No Brasil em 2020, durante uma pandemia que vitimou mais de 400 mil brasileiros, o presidente da república mostra uma caixa de hidroxicloroquina para uma emma no jardim do Palácio do Planalto. Em 2021, há várias opções de imunizantes de diferentes farmacêuticas para serem aplicadas na população. Mas apesar disso, o discurso de Jair Bolsonaro permanece o do ano anterior: incentivar a população a usar medicamentos que não têm efeito positivo no tratamento e recuperação de Covid-19. O discurso do presidente contra a vacinação coloca em risco não só seus simpatizantes, mas toda a população mundial, uma vez que com mais pessoas disponíveis para contaminação, maior a possibilidade de variações do Sars-Cov-2 acontecerem.

Outro exemplo são as influências de teorias da conspiração nos sistemas políticos. Uma reportagem do The Intercept Brasil¹⁴ aponta que figuras de poder, como influenciadores e deputados, incitam termos da *QAnon*, teoria conspiratória de extrema direita que acredita que o ex presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e outros líderes radicais, vão salvar a sociedade do satanismo, tráfico sexual de crianças, democratas e até antenas de conexão 5G. A teoria sem nenhum embasamento científico ou prova concreta já causou atentados e perseguições políticas. Hoje, a teoria *QAnon* é vista como uma representação de perigo social e está sob investigação do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), ou Departamento Federal de Investigação em tradução livre.

Na contemporaneidade a verdade é alterada conforme contextos históricos, pontos de vista, influências políticas e, principalmente, influenciada pela desinformação. O lugar do sujeito legitima o discurso e atribui poder aos eloquentes, independente de ser ou não uma verdade, o que interessa não é uma comprovação científica somente, mas sim um efeito de aquilo é verdadeiro.

¹⁴ COMO A TEORIA DA CONSPIRAÇÃO QANON SE ESPALHA NA MINHA CIDADE. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/10/03/qanon-na-minha-cidade-eua/> Acesso em: 08/11/2020

3.2 O JORNALISMO E O EFEITO DE VERDADE

Segundo Cornu (1994), na década de 60, Marshall McLuhan opinava de forma revolucionária sobre a entrada de novas formas de comunicação na sociedade: a televisão, o rádio e, conseqüentemente, a possível morte do impresso. À época, ele desenvolveu regras para essa nova forma de comunicação, considerando as mídias elétricas como um prolongamento dos sentidos e do sistema nervoso do homem. Uma das fórmulas de McLuhan era de que o *medium* é a mensagem, que apontava que a forma de comunicar substitui o conteúdo da mensagem, da mesma forma como ele também dizia que a mensagem é mensagem, ou seja, as mídias ofereciam um prazer comunicacional anestésico. Ao longo do tempo, suas ideias foram incrementadas na história da sociologia dos mídias.

A ideia de McLuhan de aldeia global¹⁵ foi abordada pelo francês François-Henri de Virieu, no livro *A Mediocracia*, onde os *media* não seriam só coletores, críticos, transportadores e difusores de informações. Segundo Cornu (1994, pg 10) “constituiriam, pela sua própria existência, pela extensão dos seus desempenhos, um novo princípio organizador da vida social”. Essa realidade social se torna um incômodo às relações tradicionais e aumenta o peso dos novos atores da rede, ou seja, a opinião pública e mediadores profissionais.

Inúmeras obras tentaram descrever o poder da mídia, como o livro *A violação das multidões pela propaganda política* (1939), de Sergei Tchakhotine. A sociologia das mídias é, há mais de meio século, vinculada nas correntes opostas à escola americana empírica, que possuía o foco nas investigações dos *efeitos dos media* e das teorias europeias, a começar pela Escola de Frankfurt, que tentava situar o papel da mídia numa teoria geral da sociedade (CORNU, 1994).

Cornu (1994) aponta que mesmo sem entrar na discussão sobre os poderes reais ou supostos da mídia, a dimensão da realidade midiática exige uma reflexão sobre o espaço da liberdade de que se aproveitam os atores envolvidos e sobre a extensão da sua responsabilidade. De acordo com o autor, a confiança da mídia pode

¹⁵ McLuhan elabora a questão das distâncias enquanto meio geográfico. Ele acreditava que, devido à diminuição das distâncias (aqui influenciadas pelos avanços tecnológicos), o planeta se reduziria a uma organização semelhante a aldeias onde tudo e todos estariam conectados.

ser medida através de cartas de leitores aos jornais, intervenções políticas, promulgações, leis ou decretos.

O autor levanta questões em sua pesquisa sobre a capacidade de um jornalista produzir uma informação e as condições relacionadas a isso. A questão é mais complexa pela rotina da profissão, assim como não podem ser aplicadas apenas regras técnicas e pragmáticas.

Como explica Cornu (1994), informar é dar forma a uma informação destinada a outra ou várias pessoas. É uma noção que abrange o conteúdo, a forma e o modo de transmitir. Para falar de informação, é preciso ter em mente vários aspectos, sendo eles a procura da informação, a elaboração da forma de notícia, o conteúdo propriamente dito, a difusão e os próprios atores que intervêm no ofício de informar. O interlocutor, o jornalista, pode ser considerado um produtor de notícias. Uma das funções essenciais do jornalista, segundo o autor, é distinguir na massa das informações à sua disposição “aquelas que merecem ser retidas” (CORNU, 1994, pg 14). O papel é perceber e relatar.

Sendo assim, o profissional vai ter uma estrutura básica de composição de informações, uma estrutura já difundida que, através das perguntas “que?” “quem?” “quando?” “como?” “onde?” e “porque?”, levando o jornalista a uma visão sucinta e ao mesmo tempo completa sobre o fato ocorrido. Esta estrutura não é suficiente para uma abordagem completa relacionada a um fato. Entretanto, Cornu (1994) explica que “uma comunicação que integre a complexidade do mundo é, com efeito, refratária a toda formalização de tipo matemático”. Sendo assim, quem recebe a informação, não duvida que as notícias contribuam para reduzir a incerteza.

Apesar de que informar é dar forma a um fato, informar vai além desta fronteira. Informar é também comunicar. Cornu (1994) explica que a informação jornalística supõe quatro elementos para acontecer a comunicação: um emissor, um canal, o receptor e um repertório de sinais entre o emissor e o receptor. Entretanto, nem sempre a audiência é ampla e indistinta. Existem modalidades de como os *mass media* vão impactar na produção e recepção da notícia.

São três distinções: os *medias* autônomos, que não requerem uma ligação a uma rede especial; Os *medias* de difusão, que supõe a transmissão das mensagens

via ondas hertzianas, por satélite ou por cabos de fibra óptica e que necessitam de receptores; e os *medias* de comunicação, que compreendem os meios de comunicação que permitem instaurar, distância e em duplo sentido, uma relação de diálogo entre duas pessoas ou entre grupos.

A modalidade de comunicação vai permitir uma melhor abordagem dos mídias, mesmo que ainda seja insuficiente quando relacionarmos aos caracteres específicos da informação, como atividade própria dos jornalistas. A atividade é condicionada pela própria natureza da profissão.

Enquanto conteúdo, Cornu (1994) explica que, ao tentar formular a maneira como as ideias são difundidas, as perguntas se modificam: quem, diz o quê a quem, em que circunstâncias, com que efeitos? Estas cinco questões remetem para uma pluralidade de disciplinas.

Cornu (1994) diz que a tarefa do jornalista é servir o direito do povo a uma informação verídica e autêntica através de um apego honesto à realidade objetiva, colocando conscientemente os fatos no seu contexto, relevando os elos essenciais, sem provocar distorções desenvolvendo a capacidade criativa do jornalista, para que o público receba um conteúdo apropriado que permita dar ao fato uma imagem precisa e coerente do mundo, em que a origem, a natureza e a essência dos acontecimentos, processos e situações, sejam compreendidos da forma mais objetiva possível.

O autor demonstra que a exigência de verdade, objetividade, exatidão se destacam como uma constante nos textos sobre a comunicação. Para Cornu (1994, pg 76) “a consequência é que, só por si, a afirmação da verdade como caráter essencial da informação não pode fugir a uma discussão crítica”.

Em diálogo com Cornu (1994), Benetti (2016) contribui para a compreensão do jornalismo, enquanto discurso, como um processo que envolve a legitimidade de quem fala, a produção e a divulgação da informação, pensando a verdade como um efeito que é construído discursivamente. Benetti (2016), analista do discurso, destaca a linguagem como uma das principais perspectivas sob as quais os objetos podem ser estudados.

Para Benetti (2016, pg 236), “o homem é um ser de linguagem e se constitui como sujeito ao pensar, sentir, se expressar e se relacionar com outro”. Para a autora, a linguagem é constitutivamente dialógica por ser impossível sem interação. Logo, a palavra orienta para alguém, e este alguém pressuposto existe uma relação social com o sujeito falante.

O discurso, ainda segundo Benetti (2016), acontece no espaço entre os sujeitos, e por isso ele é efeito de sentidos entre interlocutores. “A linguagem não é transparente, e sim opaca, pois seu funcionamento não é evidente para os sujeitos que a utilizam” (BENETTI, 2016, pg 239). A autora compreende o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos, isto é, como um discurso: (a) dialógico; (b) polifônico; (c) opaco; (d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e (e) elaborado segundo condições de produção próprias e rotinas particulares.

Benetti (2016), ao demonstrar que o discurso depende dos sujeitos para existir, indica que as características de opacidade, de não transparência e de interpretações múltiplas colocam em xeque a visão ingênua de que o discurso jornalístico poderia conter uma “verdade intrínseca” ou uma “literalidade”. A autora defende que assumir a intersubjetividade como um dos pressupostos do jornalismo leva-nos a reconhecer que o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo direcione a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer (BENETTI, 2016).

Charaudeau (2007), outro analista da linguagem, aponta que o discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. “Resulta na combinação das circunstâncias, em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala” (CHARAUDEAU, 2007, pg 40).

Como diz Charaudeau (2007), não se deve confundir valor de verdade e efeito de verdade. Logo, se faz necessário entender como o jornalismo legitima seu discurso como verdadeiro. O autor descreve que o efeito de verdade surge da subjetividade do sujeito em relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado

verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas. O efeito de verdade é baseado em convicções participa de um movimento que se prende a um saber de opinião, a qual pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos. "Efeito de verdade não existe, pois, fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial" (CHARAUDEAU, 2007, pg 49).

Charaudeau (2007) explica que as provas da veracidade de uma informação são da ordem do imaginário, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito. "Essas provas devem ser objetivas, independentes da subjetividade do sujeito falante, exteriores a ele reconhecidas por outros" (CHARAUDEAU, 2007, pg 55).

De acordo com Franzoni, Bertasso Ribeiro e Lisboa (2011), a profissão do jornalismo, enquanto instituição social, está calcada na ideia de que seu papel é retratar fielmente a realidade, mas a articulação entre sujeito e verdade não preexiste aos saberes e práticas.

As autoras descrevem que pensar a verdade como um valor do jornalismo incide em refletirmos sobre como o discurso impacta na vida cotidiana e no conhecimento que temos da realidade. A construção da realidade é, conseqüentemente, impactada pelo discurso, e esse processo é realizado pela linguagem objetiva do mundo. "A crença da sociedade nesses discursos institucionalizados transformada em consenso é que constrói a legitimidade dessas instituições e da realidade social" (FRANZONI et al, 2011, pg 49). Essa legitimidade foi construída desde o século XIX.

As autoras se apropriam de Franciscato (2005, Apud FRANZONI et al, 2011) ao citar três princípios que singularizam e especificam a prática e o produto, sendo elas: a adição como pressuposto de uma ideia de verdade do real que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformada em relato; o compromisso normativo de cumprir esta realidade de fidelidade ao real; a produção de conteúdos que ofereçam uma coletividade modos específicos de vivenciar situações num tempo presente.

A noção da uma verdade é sustentada por estar relacionada a uma realidade exterior perpassa a formação sócio-histórica do jornalismo, como relata Franzoni et al

(2011). A transformação dos eventos da realidade em relatos jornalísticos possui normas, valores e condicionantes de organização internos ao campo que definem o que será ou não publicado. Foi através de circunstâncias históricas, políticas e econômicas que configuraram o jornalismo para trabalhar com informação através de critérios preestabelecidos.

Outra questão de impacto discursivo são as fontes oficiais. O poder econômico e político colaboram para que exista uma ordem discursiva, que será importante no campo jornalístico. A detenção do poder enquanto instituição garante privilégio na esfera jornalística, que se torna dessa maneira reprodutora de uma visão hegemônica. Segundo Franzoni et al (2011) é como se argumentos e opiniões pensados fora dessas regras não pudessem sequer ser considerados legítimos ou ao menos qualificados como “verdadeiros”. Sendo assim, o jornalismo contribui para a realidade, entretanto pode apresentar uma imagem muito específica da sociedade e de suas instituições.

3.3 A PÓS-VERDADE: UM CONCEITO CONTEMPORÂNEO

A pós-verdade longe de ser um aprofundamento do programa cultural e político do pós-modernismo, é uma espécie de reação negativa a esta. A pós-verdade é um falso contrário “necessário” do pós-modernismo. Para Christian Dunker (2017) a pós-verdade seria uma espécie de segunda onda do pós-modernismo e que inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta também no contemporâneo.

O traço maior da subjetividade em tempos de pós-verdade será exatamente esta aptidão para inversão sem transformação. Inversão que vai da posição “pós-moderna” para a posição “pós-verdadeira”, sem que ambas entrem propriamente em conflito. Esse ponto de torção do sujeito define diferentes modalidades de subjetivação e de subjetividade, que são o efeito e o produto desse trabalho de oposição sem contradição. (DUNKER, 2017, pg 9).

Segundo Dunker (2017), para os antigos a verdade possuía três conotações: revelação grega (*aletheia*), uma lembrança esquecida da precisão latina do testemunho (*veritas*) e ainda a confiança judaico cristã da promessa (*emunah*). Para

o autor, a verdade tem três opostos diferentes: a ilusão, a falsidade e a mentira. A pós-verdade seria uma quebra entre esses os três regimes de verdade. Ela ataca a estrutura de ficção da verdade. Dunker (2017, pg 18 e 19) descreve que “o fio de ficção possui dois ramos de alimentação que são precisamente as duas condições excluídas por Descartes no século 17 e retomadas por Freud no século 20: o sonho e a loucura”.

Na contemporaneidade, conforme o autor, podemos datar o nascimento da pós-verdade em 2011, ainda que seu batismo viesse à tona em 2016, na era Tramp e no Brasil com a eleição de Bolsonaro. Segundo Dunker (2017) em 2011 temos a verdade das armas químicas que justificaram o ataque ao Iraque mostrou-se uma ficção.

O fato de que presidentes e agências de Estado pratiquem mentiras técnicas como essa, retóricas (como “guerra cirúrgica”), jurídicas (como a corrupção dentro da lei), apenas replica a maquiagem de balanços (que estava por trás das bolhas imobiliárias de 2008) e o cinismo como discurso básico do espaço público e da vida laboral. (DUNKER, 2017, pg 13).

A pós-verdade é uma verdade contextual, que não pode ser escrita, posta no bolso e rerepresentada amanhã, como garantia de fidelidade, compromisso e esperança gerada pela palavra (DUNKER, 2017, pg 19). A pós-verdade tem muitas implicações políticas, morais e institucionais, afeta cotidianamente nossos laços amorosos e nossas formas de sofrimento, principalmente na medida em que estas dependem de descrições, nomeações e narrativas. A pós-verdade se relaciona com a subjetividade da interpretação do indivíduo. Isso pode ser visto como um conjunto de negações tanto da ligação entre as três faces da verdade “como corrupção de sua potência ficcional, mas também como degradação da experiência da verdade do desejo que produz certa unidade entre *aletheia*, como *emunah* e como *veritas*” (DUNKER, 2017, pg 20).

A pós-verdade aproxima valores antagônicos: a criatividade expressiva de pessoal e a rígida conformidade a regras de obediência e adaptação. A verdade no presente (*alethéia*) nos convida a uma linguagem sobre o que temos de semelhante. A verdade do passado (*veritas*), que requer lembrança e testemunho, depende da individualização por responsabilidade em torno de uma lei comum. A verdade no futuro

(*emunah*) e a confiança diante do imponderável da imaginação criam um horizonte comum.

Do ponto de vista das relações intersubjetivas, do discurso é dialógico reconhecimento, a principal característica da pós-verdade é que ela requer uma recusa do outro ao menos na cultura da indiferença que, quando se vê ameaçada, reage com ódio ou violência (DUNKER, 2017, pg 23).

Os novos tempos mostraram quase impossíveis de construir narrativas de conversão de crenças, de criar pontes entre as pessoas, de uma comunicação empática e construtiva. Para Dunker (2017), na pós-verdade como discurso, o que impera é o Outro, o inimigo, a diferença como algo ruim.

Para o autor, o primeiro traço da pós-verdade é a aceleração que é um fenômeno da cultura da performance generalizada, e que é potencializada por redes sociais. Essa velocidade é derivada do universo da produção e da soberania do resultado. A pós-verdade pode ser representada naquilo que tem efeito prático e se impõe aos meios, com um acervo de instrumentos e meios que excedem o limite de nossas faculdades mentais “em estado natural”.

Dunker (2017) aponta que o segundo traço da pós-verdade é que sua retórica é icônica. Cada vez mais lemos a mensagem que o outro nos envia em pacotes de informações, compostos por imagens e textos, que se apresentam como um “todo de uma vez” (DUNKER, 2017, pg 29). Um futuro cada vez com maior convergência de mídias, que alteram interpretações, corroborando com construções de narrativas e acessam várias áreas psicológicas dos indivíduos.

A resposta antecipada a uma determinada imagem coordena nossos códigos de comunicação e de produção de desejo, e tomamos inconscientemente decisões rápidas: acolher ou descartar, inibir ou estimular o progresso da comunicação com o outro. Dunker (2017) ainda descreve que o terceiro traço discursivo da pós-verdade é que ela está muito ligada a esquemas de ação e protocolos de funcionamento. Ela acontece com lógica e estratégica. É preciso saber, e de preferência de modo objetivo e rápido, o que o Outro quer em determinada situação. É o que se poderia chamar de vida em formato de demanda.

“A demanda funcional mata esse aspecto da fala” (DUNKER, 2017, pg 23). É como se existisse uma casa com diversos quartos. Cada indivíduo prefere entrar em um quarto e permanecer com iguais que tenha o mesmo sistema de crenças, do que dividir a sala de estar e construir novas interpretações e visões. Não dividem o mesmo espaço porque acreditam que o Outro é inimigo, é errado, é diferente, é tudo que ele não é.

Para o autor, o humor pós-verdadeiro exige uma alteração generalizada do humor, com a emergência de dois afetos fundamentais: o ódio e a vergonha. O ódio é conhecido como um afeto muito importante na economia de nossa separação com relação ao outro. É uma das oposições possíveis do amor, ao lado da alternância entre amar e ser amado e entre amor e indiferença. “O que está em jogo no ódio é o conteúdo invertido do amor. Nesta nova onda de ódio generalizado, ódio informe, ódio sem causa, é que o ódio perdeu sua eficácia separadora” (DUNKER, 2017, pg 33). O ódio é fundamental neste estudo, uma vez que ele vai ser um dos mecanismos utilizados em uma estratégia narrativa de construção de discurso. É o ódio que une todos e que aponta o dedo ao que é diferente que verá no jornalismo um inimigo e no discurso de ódio, um aliado.

Segundo Dunker (2017), para criar um sentimento de pertencimento, é preciso participar de um grupo, onde será preciso responder de forma homogênea e coesa com os demais. Porém, os grupos horizontais definidos pela partilha de um traço comum rapidamente foram substituídos por grupos de guerra, muito mais fácil de constituir, baseados no ódio contra um inimigo comum.

A polarização de situações políticas, econômicas, sociais e até de entretenimento mostram como a agressividade impera quando existe uma guerra dialógica e interpretativa. A pós-verdade existe tal como o ar. Estamos cercados de narrativas e interpretações, de discursos que aliam grupos e definem um inimigo. O inimigo é o Lula (na campanha de 2018 para presidência), é a Mariana Ferrer (o caso do estupro em Santa Catarina), é a China, as vacinas, as máscaras (pandemia de covid-19). Sempre existe um ódio, um medo e uma vergonha na comunicação pós-verdadeira.

Dunker (2017) descreve que alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa da referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes. A insistência de uma narrativa para transformá-la em verdade. A pós-verdade explora uma característica muito curiosa da internet que é a flutuação de autoridade.

A pós-verdade está associada ao ignorar as informações que possuem credibilidade, ou que possuem pouca (uma notícia meio falsa, uma informação meio correta). O absurdo pode assustar, mas ele também une. Discursos preconceituosos doem nos ouvidos de acadêmicos, novas gerações e da própria comunidade oprimida. Porém, não dói em toda a sociedade. Em grupos conservadores, moralistas ou com preconceitos internalizados que nunca foram reeducados.

Bolsonaro e Donald Trump atingiram maioria por estratégias políticas, que incluíam, entre elas, a disseminação de informações falsas e de pós-verdade. Eles acionaram uma narrativa estratégica que usa características da pós-verdade como fonte de desenvolvimento. Estratégias que criam “cortinas de fumaça”, distração permanente como estratégia para esconder algo ou camuflar. A cor azul para menino e rosa para menina, a alteração da presidência da Petrobrás, o incentivo do uso de cloroquina em detrimento da vacina, são alguns exemplos. Cada tipo de decisão esdrúxula esconde uma informação que não deve ser prestada atenção, uma forma de apagamento. É através de elementos de linguagem sutis, com uso de figuras que auxiliam na interpretação subliminar da identidade de grupo, associando desejos e preconceitos internos que a narrativa eleitoral de Bolsonaro funciona. São esses elementos que permanecem fazendo a manutenção de seu público.

4 A PESQUISA QUALITATIVA

Para alcançarmos nosso objetivo, adotamos a perspectiva sociológica e uma metodologia qualitativa para dar conta da análise empírica dos dados coletados. Justificamos a utilização em função do jornalismo, área do conhecimento das ciências sociais aplicadas, que utiliza as referências teóricas e metodológicas deste campo, para sustentar a reflexão sobre sua prática profissional.

Para Alami et al (2010), o conhecimento das ciências sociais é uma ferramenta de controle de liberação utilizada desde o século XX. À época, as demandas relacionadas a essa ciência começaram a surgir, uma vez que problemas ligados ao consumo de massa, as empresas privadas e as instituições públicas instrumentalizaram essas disciplinas para analisar as relações dos clientes e usuários.

Após um período de pesquisas quantitativas envolvendo as ciências humanas, as pesquisas qualitativas entraram em cena, permitindo apreender de forma mais refinada as diferenças entre o que os consumidores dizem, pensam e fazem. No contexto da época, de entender sobre cliente e consumo, a análise apenas de suas motivações não esclareceu suficientemente as realidades sociais estudadas: se tornou particularmente relevante tomar em conta as práticas e reconstruir o processo decisório, desde o local de compra até o espaço doméstico (ALAMI et al, 2010).

A pesquisa qualitativa possui abordagens, sendo uma delas a explicação causal para a dinâmica da coação social. Alami et al, (2010) explica que nas abordagens qualitativas a **causalidade** não desaparece, mas se revela de outra ordem do que na **causalidade** estatística: ela remete a uma identificação das coações ou das potencialidades que existem no sistema de ação em que estão inseridos os atores, considerados nas escalas meso e microssociais.

Outra abordagem possível reflete sobre a pertinência metodológica do raciocínio em função das escalas de observação e da realidade social por descobrir. Neste caso, não há uma comparação qualitativa e quantitativa, mas a pertinência desse método quando observado o objeto de pesquisa. Vai ter fatores importantes como contexto de utilização, objetivos determinados e a questão a ser tratada. Os métodos qualitativos apresentam um espectro de utilização mais específico conforme

se amplia. Alami et al (2010, pg 30) explica que “com o método exploratório de fenômenos sociais emergentes, há uma nova tecnologia ou um imaginário societário”.

Segundo a autora, esse método permite revelar dimensões que não são diretamente visíveis mediante abordagens quantitativas, como: a diversidade das práticas sociais, a mobilidade das fronteiras entre as etapas do ciclo da vida de acordo com as culturas ou segundo as gerações, os mecanismos estratégicos das relações de poder de cooperação entre atores, a dinâmica social da construção indenitária, as disputas de poder e as negociações relativas à divisão sexual das tarefas no ambiente doméstico ou profissional.

Ao observar um pesquisador que pratica análise qualitativa, permite-se definir quais tipos de resultado se pode produzir com escala macrossocial, mesossocial, microsocial ou micro individual. Isso porque, segundo Alami et al (2010), a pesquisa oferecerá resultados diversos. Entretanto, há uma possibilidade de erro de interpretação em análises qualitativas, sendo ela a generalização. Ter uma abordagem qualitativa também permite uma percepção maior do pesquisador, como observação ocular e interpretação contextual. Dessa forma, é possível ter força em uma abordagem que permite a demonstração de ambivalências, contradições e polarizações dentro de um mesmo contexto social.

De acordo com Alami et al (2010), as abordagens quantitativas são metodologicamente compreensivas justamente por ir além da crítica ou denúncia, mas por ter um aspecto de compreensão social de cada indivíduo dentro daquele grupo social.

Para estudar um objeto a partir de uma abordagem qualitativa, é preciso respeitar alguns imperativos, como adotar uma estratégia que seja indutiva e compreensiva, isto é: “essa prática significa uma lógica relativamente improvisada, em que tenta explorar a realidade sem hipóteses iniciais imponentes” (ALAMI et al, 2010, pg 31). Para isso, é importante ter flexibilidade na realização da pesquisa. O método não busca uma compreensão geral, mas pontos de vista para construir uma reflexão sobre os desdobramentos de uma realidade com verdades tão difusas e complexas.

No nosso caso, a intenção é refletir sobre a construção da violência contra jornalistas a partir de ataques específicos de uma figura pública. Essa violência, num

plano mundial, se dá por diversos fatores geopolíticos e culturais, mas neste estudo teremos uma lupa sobre apenas uma vertente dessa violência, a atuação de um parlamentar, em uma rede social. Não pretendemos explicar o todo, mas trazer uma reflexão para construir um ponto de vista sobre o acontecimento.

Outro imperativo fundamental é passar das representações às práticas, onde é necessário ter consideração sobre três instâncias da etnologia que estruturam a vida social e modelam as práticas: a instância material (postagem dos *tweets*), a das relações sociais (relações de poder, quem está falando, um vereador, filho do presidente da república) e as do imaginário (que sentidos são construídos – violência contra jornalistas). Dessa forma, de acordo com Alami et al (2010), as instâncias constroem-se na realidade social relacionando-se umas com as outras.

A metodologia consiste em apresentar, explicar e justificar o ângulo proposto, os métodos utilizados, as técnicas de coleta de informação que vão ser utilizadas para responder a questão problema (objetivo geral). No caso deste estudo, foram coletados *tweets* de Carlos Bolsonaro que apresentam ataques à imprensa de alguma forma. Estes *tweets* foram analisados sob a ótica da noção de pós-verdade, previamente discutida e refletida na fundamentação teórica. Esses mecanismos teóricos ajudaram a explicar a relação entre a pós-verdade e a violência contra o profissional jornalista.

Existem diferentes tipos de técnicas de coleta de informações para serem utilizadas. Neste estudo, a pesquisa foi feita coletando material via a *internet*, no *microblog twitter*. Segundo Alami et al (2010), o blog se caracteriza por uma liberdade de expressão mais ampla do que a da entrevista face a face, pois a cobertura dos pseudônimos, o meio informático enseja um diferente tom de expressão, muitas vezes mais emotivo. Para finalizar, cabe ainda destacar, que ainda segundo os autores, os estudos na rede oferecem um real interesse prático, já que não é necessário deslocamento.

4.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Para este estudo foram utilizados *tweets* de Carlos Bolsonaro, como já dissemos anteriormente, filho do presidente e atual vereador do Rio de Janeiro pelo

Republicanos, que está em seu quinto mandato no cargo. Foram selecionados os *tweets* em que ele mencionava a palavra “imprensa” e “jornalismo” nos anos 2019 e 2020. Como recorte, foram utilizados apenas *tweets* que não possuíam anexos (como fotos ou vídeos) e que não eram em resposta a outras pessoas. Sendo assim, com a delimitação aplicada, resultaram 60 postagens analisadas, sendo que 52 possuem a palavra “imprensa” e 8 a palavra “jornalismo”.

Ao analisar os *tweets*, foram definidos dois núcleos de sentido:

- **Núcleo de Sentido 1 - A Construção para si:** Neste núcleo, os *tweets* se referem à proteção da “comunidade bolsonarista”, um movimento de identificação de grupo. Carlos Bolsonaro fala e defende a si e seus similares, aqueles que considera semelhantes. Neste Núcleo, os sentidos mapeados foram: identidade de grupo (referente a similaridades do grupo, como “nós” versus “eles”, partindo da posição do nós) e a distorção da narrativa principal (quando é desvirtuado o significado da informação).
- **Núcleo de Sentido 2 - Construção do Outro:** Neste núcleo, os *tweets* tratam sobre os ataques de Carlos Bolsonaro, alvos subjetivamente identificados como inimigos. Neste núcleo, os sentidos mapeados são: indiferença (quando há uma desmoralização ou não é dado valor à informação, quase como uma chacota); ódio (ataques que utilizam do apelo emocional exagerado); silenciamento (quando ao desqualificar uma informação apaga o seu sentido, tira vocalização); e, por fim, a desestabilização (quando descredibiliza as informações reportadas).

Durante a análise foi possível identificar trechos destes *tweets* que podem ser associados a cada Núcleo de Sentido.

Núcleo de Sentido 1	Trechos Identificados
Identidade de Grupo	20 associações
Distorção da Narrativa	39 associações

Núcleo de Sentido 2	Trechos Identificados
Indiferença	17 associações
Ódio	21 associações
Silenciamento	3 associações
Desestabilização	27 associações

A soma destes sentidos ultrapassa o número de 60 *tweets*, porque um *tweet* pode apresentar mais de um sentido. Inclusive, muitas vezes o mesmo trecho pode ser utilizado para associar diferentes sentidos de interpretação, assim como o *tweet* pode ter dois trechos diferentes indicando o mesmo sentido.

O aspecto mais notável nos *tweets* são os trechos identificados como distorção da narrativa, que acontecem em maior escala e sempre favoráveis à família Bolsonaro. Esses *tweets* estão incorporados ao primeiro núcleo de sentido, explicando, de certa maneira, o comportamento de eterna defesa como uma construção de si, no caso, a comunidade bolsonarista.

A seguir exemplificamos, com os *tweets*, os dois núcleos de sentidos. Como eles tem perspectivas de análise específicas separamos em tópicos 4.2 e 4.3. Além disso, recuamos as postagens para dar mais destaque e mantivemos as aspas para indicar que se tratava da fala do vereador Carlos Bolsonaro.

4.2 NÚCLEO DE SENTIDO 1 - A CONSTRUÇÃO DE SI

Para este sentido, foram utilizados 5 *tweets* para explicar a **Identidade de Grupo** e 5 para a **Distorção da Narrativa Principal**. É importante destacar que a construção de si demonstra um aspecto de representações sociais, no que identifica o que unem as pessoas que produzem e reproduzem narrativas com fortes traços de pós-verdade. Neste sentido foram mapeados 59 trechos de *tweets*, sendo possível identificar 20 referentes à identidade de grupo definidas e 39 que apresentaram distorção da narrativa principal.

- **Identidade de Grupo**

Uma das formas de interpretar o Sentido de Si é a construção da Identidade de Grupo, onde ele associa temas, práticas, comportamentos e discursos ao que é próximo aos seus seguidores, da comunidade que o acompanha. No discurso de Carlos Bolsonaro, ele combina fatores que auxiliarão a percepção da comunidade, sempre projetando efeitos alusivos à violência, velados ou não.

Mendonça e Braga (2015, pg 10) explicam que "as crenças e comportamentos passam também pelo crivo dos conteúdos midiáticos, porque o discurso torna-se o senso comum e possui respaldo, em decorrência de sua voz de autoridade e sua credibilidade". Apesar de não estarmos propriamente lidando com a crítica da construção narrativa feita pela imprensa, é aplicável ao contexto que estamos discutindo, uma vez que Carlos Bolsonaro é porta-voz e condutor de um discurso majoritário dentro de sua comunidade. Como exemplo temos o *tweet* 23 (anexo A) e no *tweet* 27 (anexo A):

“O Presidente diz que se eu quisesse um Ministério assim o teria, algo que não acontece. **Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo.** Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM. Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. É cada uma!”. (*Tweet* 23, Anexo A, grifo meu).

“Aonde está aquela parte da imprensa porca diante do principal fato político do dia? Requentar notícia velha e totalmente manipulável e esquecendo-se dos outros é a jogada. Querem a volta do sistema. **Quem perde não é o governo, é o Brasil que se não acordar será tarde.**” (*Tweet* 27, Anexo A, grifo meu).

Quando ele diz que "Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo" ou "Quem perde não é o governo" ele está dizendo novamente que o país tem heróis, que são seus seguidores. Ele une pessoas do seu grupo que querem fazer o país dar certo, que tem um grande discurso nacionalista. Além de definir os seus, Carlos Bolsonaro também define os outros, como exemplo no próximo *tweet*:

“Há um claro e maciço desespero dos conhecidos setores da imprensa em desinformar quando anunciaram que não distribuíam dinheiro do contribuinte como faziam antes. **Cabe ao brasileiro ler a matéria por completo, tirar suas conclusões e vida que segue para todos!** Sem problema algum!” (*Tweet* 5, Anexo A, grifo meu).

A identidade de si (quando associa seus semelhantes) surge quando fala que “cabe ao brasileiro”. O “outro” fica num aspecto subentendido descrito em “desespero dos conhecidos setores da imprensa”. O inimigo identificado é o “eles” oculto na sentença. Nós, brasileiros, salvamos dos outros, os inimigos, a imprensa. Assim como em:

“A covardia que grande parte da imprensa vem fazendo com @OdeCarvalho , **seus seguidores e alunos é o sinal que estão no caminho certo. Vamos livrar o Brasil do lixo cultural que se entranhou na mente de muitos ao longo de décadas! A desintoxicação é difícil, mas contem conosco!**” (*Tweet 8*, Anexo A, grifo meu).

Quando Carlos Bolsonaro identifica que há "lixo cultural" na mente de certas pessoas, ele repele a ideia de que está errado ou que seus seguidores possuem alguma ideologia. Quando fala sobre desintoxicação e "contem conosco" ele vê sua comunidade como "salvadora", como um grupo que pode livrar-se do mal da sociedade. Eles podem. Os outros não. Outro exemplo que podemos compreender a funcionalidade da identidade de grupo é no *tweet* a seguir:

““Jornal” pode escrever “diz “leitor”, “revela fonte”, diz amigo”, desinformar... **mas se você como cidadão der uma opinião qualquer sobre um assunto que não seja de sua responsabilidade, não pode, gera crise, desconforto...** mau caratismo a gente vê na “imprensa manipuladora”” (*Tweet 17*, Anexo A, grifo meu).

Aqui ele mostra literalmente a diferença entre o que ele entende por jornalismo e a opinião e que é dessa forma que ele identifica a identidade de grupo. A interpretação pode ser tida como “pessoas não podem expressar sua opinião, mas o jornalismo pode falar sem expor sua fonte”. Faz com que pessoas que em algum momento se sentiram silenciadas ou tiveram suas opiniões desconsideradas criem um sentido de pertencimento.

- **Distorção da narrativa principal**

Uma das percepções da pós-verdade é que ela não é inteiramente uma mentira. Dessa forma, Carlos Bolsonaro em suas publicações traz informações muitas vezes noticiosas acompanhadas de uma “reinterpretação”, onde ele altera o sentido

de uma informação conforme lhe convém. Como exemplo temos o *tweet* 23 (anexo A):

“O Presidente diz que se eu quisesse um Ministério assim o teria, algo que não acontece. Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo. **Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM.** Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. É cada uma!”. (*Tweet* 23, Anexo A, grifo meu).

Desde a eleição de Jair Bolsonaro, o vereador vinha em enfrentamentos e críticas contra a comunicação do Planalto. Uma reportagem do dia 29 de abril de 2019, mesma data do *tweet* 22, sobre as críticas do segundo filho do presidente foi publicada no jornal *O Globo*¹⁶, onde menciona um *tweet* feito por Carlos à época:

“Vejo uma comunicação falha há meses da equipe do Presidente. Tenho literalmente me matado para tentar melhorar, mas como muitos, sou apenas mais um e não pleiteio e nem quero máquina na mão. É notório que perdemos oportunidades ímpares de reagir e mostrar seu bom trabalho”, escreveu o vereador no *Twitter*.”

A contradição não é coincidência, muito menos algo ocasional. O discurso de conversão vai gerar influência na interpretação distorcida do ambiente político e da realidade social. Os seguidores de Carlos poderão ser influenciados por esse recorte de pensamento. É dessa forma que a pós-verdade estabelece raízes na comunicação do vereador com mais frequência. É dessa forma, também, que vemos a intenção em desmoralizar o jornalismo, tentando manipular a percepção de notícia - e criando supostas “notícias falsas”. Outra forma de distorcer o que é importante e noticioso, por exemplo, é no próximo *tweet*, onde ele se refere aos vazamentos recebidos pelo *The Intercept* Brasil sobre a Lava Jato:

“É impressão minha, ou só no Brasil, uma imprensa utiliza uma invasão ilegal de algo privado, ignorando a invalidade judicial e ilegalidade, mas não se importa em divulgar, com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema? Acho que já vi isso antes!” (*Tweet*, Anexo A, 28).

¹⁶ Carlos Bolsonaro critica comunicação do Palácio do Planalto: 'Falha há meses'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/carlos-bolsonaro-critica-comunicacao-do-palacio-do-planalto-falha-ha-meses-23630286> Acesso em: 05/05/2021

Dessa forma ele distorce a informação quando fala que o lado positivo de uma matéria ser feita com dados oriundos de fontes em *off* é utilizada para favorecer “um sistema”. Ele retira o fator de importância no que foi vazado e questiona a credibilidade da fonte, da empresa e do jornalismo. A atenção dos seus seguidores não vai estar no conteúdo vazado, mas no quanto o fazer jornalístico é ilegal. Ele retira a importância da imprensa em regular ou investigar ambientes políticos. Da mesma forma como ele orienta interpretações sobre o papel do jornalismo:

“Temos que parabenizar a imprensa pelo esforço absurdo em enxergar 'defesa da democracia' em um ato com membros portando faca, soltando rojão contra PM e espancando opositores; **é proporcional ao esforço para enxergar autoritarismo em seguidas semanas de atos pacíficos pró-governo.**” (*Tweet 48, Anexo A, grifo meu*).

Quando ele sugere que é uma opção do jornalismo perceber autoritarismo em manifestações pacíficas pró-Bolsonaro, ele desconsidera a apologia ao AI-5 e a ditadura militar que podem ferir a democracia, e autoriza seus seguidores - que se identificam através de uma identidade de grupo - a fazerem o mesmo. Por outro lado, vincula a violência policial contra os atos em desfavor de Bolsonaro como justificável, por serem os manifestantes violentos, portarem facas e rojões. Essa distorção da percepção do certo ou errado, do que é democracia ou autoritarismo, do que o jornalismo vê como verdade ou como mentira é algo subentendido na construção desse discurso. É possível perceber também como orienta o que é ou não jornalismo (em seus próprios termos), como nos exemplos a seguir:

“Aonde está aquela parte da imprensa porca diante do principal fato político do dia? **Requentar notícia velha e totalmente manipulável e esquecendo-se dos outros é a jogada. Querem a volta do sistema.** Quem perde não é o governo, é o Brasil que se não acordar será tarde”. (*Tweet 27, Anexo A, grifo meu*).

“**A Imprensa é tão confiável quanto a inocência de Lula. Desta vez “se enganam” até no número de cirurgias passadas por Jair Bolsonaro após facada do ex-integrante do PSOL. O Presidente passará pela quinta cirurgia e não quarta como têm dito.** Isso que é informação de qualidade!” (*Tweet 39, Anexo A, grifo meu*).

Quando o vereador comenta que “requentar notícia velha é totalmente manipulável” ou usa aspas para dizer que a imprensa “se engana” sobre as cirurgias

passadas por Jair Bolsonaro, ele mostra que a imprensa é falha e que isso é argumento para não considerar a narrativa factual da imprensa. O que é possível interpretar, a partir do ponto de vista de Carlos Bolsonaro, é que ele dá a entender que foi uma ação deliberada dos jornalistas, que manipulam as informações. É uma forma de “controlar” o que chega aos seus seguidores.

Tweets assim são muito parecidos com um tópico que será posteriormente mencionado, o de desestabilização da imprensa. O que difere, nesse caso, é que dessa forma ele retira o poder institucional do jornalismo de dizer a “verdade”. São tópicos complementares, e, no caso da distorção de narrativa, o objetivo é apresentar uma nova forma de ver os fatos.

4.3 NÚCLEO DE SENTIDO 2 - A CONSTRUÇÃO DO OUTRO

Para entendermos este núcleo é importante ter em mente que sempre que alguém identifica a si, também identifica o que não faz parte de si. Dessa forma, em muitos aspectos os *tweets* de Carlos Bolsonaro demonstram agressividade ao outro, tentam silenciar, tirar o crédito e até mesmo desestabilizar a percepção que se tem sobre o outro. E quem é o outro? Neste estudo, é a imprensa, o jornalismo. Para analisar este núcleo de sentido foram utilizados como exemplo 3 publicações de **indiferença**, 5 referentes ao **ódio**, 2 de **silenciamento** e 5 de **desestabilização**. No Núcleo de Sentido 2, são 68 sentenças analisadas: 17 apresentaram sentido de indiferença, 21 apresentaram expressões de ódio, 3 promoveram estratégias de silenciamento e 27 mostraram desestabilização.

- **Indiferença**

Um dos elementos que Carlos Bolsonaro utiliza na maioria de seus *tweets*, até os que não são sobre imprensa, é a ironia, a satirização. Quando o assunto é jornalismo essa satirização permanece. É importante dizer que essa é uma forma de desprezar a comunicação crítica, pois ao mesmo tempo demonstra indiferença e tira a credibilidade, a seriedade e a verdade da informação jornalística. No exemplo seguinte é possível perceber a satirização:

“Segunda a imprensa eu sozinho estou mais poderoso que o vapor wave, Kpop, “isentões” todos os balões e fofinhos venezuelanos do mundo juntos!” (*Tweet 31*, Anexo A, grifo meu)

Para além da ironia com aspas (em “isentões”) ou o exagero em “fofinhos venezuelanos do mundo”, este *tweet* possui algo que relaciona a satirização à identidade de grupo. Começando pelo “*Kpop*”. Este gênero musical que se popularizou na Coreia do Sul e aos poucos conquistou o mundo é um dos estilos musicais que mais tem sido consumido por jovens nos últimos anos. Bandas como BTS e BlackPink são capas de cadernos, estampam mochilas e dominam *trending topics* do *Twitter* com frequência. Quando Carlos Bolsonaro usa a comparação de que “a imprensa o faz mais famoso” que *Kpop*, ele satiriza a percepção dos jornalistas sobre a presença dele enquanto autoridade política. É o uso do sarcasmo, para orientar uma percepção de que é perseguido pelo jornalismo, que é atribuído mais poder a ele do que ele de fato tem. Esse sarcasmo com tons de falsa modéstia transforma a seriedade da cobertura política em uma piada para seus seguidores.

Além disso, há a menção do “*vaporwave*”, uma estética popular na rede social *Tumblr* dos anos de 2010, que foi popularizada nos Estados Unidos, pela cantora Rihanna e, no Brasil, muito utilizada pela MTV. A questão do *vaporwave* é que, ao longo de 2019, alguns integrantes do governo Bolsonaro tentaram emplacar a estética, já que o governo não possuía uma identidade visual coesa. O *vaporwave* também era utilizado pela ala conservadora americana e em 2019 era possível ver a estética nos perfis de Abraham Weintraub, à época ministro da Educação, de Filipe G. Martins, representante do olavismo no governo e de Eduardo Bolsonaro, Deputado Federal. Ter uma estética em comum e dizer que é algo “famoso” auxilia seus semelhantes a se reconhecerem. Carlos Bolsonaro estimula, com este *tweet*, o uso de uma identidade visual para identificação dos mesmos, ao mesmo tempo que faz sarcasmo com a imprensa.

Outro exemplo de indiferença é quando ele despreza com uma agressividade sutil, com perguntas retóricas e, novamente, ironia. Por exemplo:

“Presidente Bolsonaro leva benfeitorias ao estado do RS, desenvolve possibilidades ao país, algo o que PT e afins nunca se propuseram em nome de plano de poder usando seu dinheiro. **Mas o que a imprensa sempre notícia? Blabláblá... por que será? haja paciência!**”
(*Tweet* 37, Anexo A, grifo meu)

“Todos os ministros que têm posicionamento firme foram ou são os principais alvos da reunião que morno vazou. A continuidade de tais ataques não é por acaso. **Algo me diz que a imprensa é apenas o meio! Tem método, ozônio, prudência, sofisticação, socialismo e liberdade!**” (*Tweet 50, Anexo A, grifo meu*)

Ambos os *tweets* usam retórica para desacreditar e dessensibilizar. “Haja paciência”, “Tem método, ozônio, prudência, sofisticação, socialismo e liberdade!”. Frases como essa são passivo-agressivas, é um ataque através da desmoralização, em tratar a imprensa como algo cansativo, sem importância e irritante. É uma forma de indicar indiferença, um dos aspectos, segundo Dunker (2019), que identifica grupos mais propícios a acreditar na pós-verdade. É um sentimento em comum que o grupo compartilha com o vereador, e que faz o discurso ter mais força e associar mais grupos. O mesmo acontece com as manifestações de ódio.

- **Ódio**

Assim como a indiferença, sentimentos de raiva também unem pessoas e facilitam para que se sintam desconectadas de uma “verdade em comum”, das crenças sociais, de verdades estabelecidas ou de um grupo majoritário. Apenas 14 *tweets* mostram sintomas óbvios de ódio e de raiva, e todos eles apresentam um caráter agressivo e de descredibilização. Dessa forma, o vereador faz a manutenção da ideia “inconsciente de inimigo” sem necessariamente expor todo seu desprezo nas outras categorias. Aqui não há barreiras, ele critica sem pormenores. É importante perceber o uso da linguagem ofensiva misógina, como “prostituta ideológica”, para menosprezar o jornalismo:

“Repórter fica impune e "denuncia" cidadão. **Estas prostitutas ideológica\$ que fazem política e jornalismo com as vias retais, tratando a população como lixo e os bandidos com prudência e sofisticação pagarão por seus crimes! Escória!**” (*Tweet 60, Anexo B, grifo meu*)

“**Aonde está aquela parte da imprensa porca diante do principal fato político do dia?** Requentar notícia velha e totalmente manipulável e esquecendo-se dos outros é a jogada. Querem a volta do sistema. Quem perde não é o governo, é o Brasil que se não acordar será tarde.” (*Tweet 27, Anexo A, grifo meu*)

A obsessão de Carlos Bolsonaro em usar linguagem escatológica (“fazem jornalismo com as vias retais”) e associar a imprensa a lixo - e, conseqüentemente, que deve ser descartado, que não serve - é apenas mais uma forma de desprezar e associar a profissão há pessoas que, partindo do ponto de vista dele, são escória da sociedade. “Bandidos”, “imprensa lixo”. Todos que não servem devem ser humilhados e excluídos. Outros exemplos de sua linguagem ofensiva direta:

“A imprensa lixo não desiste de tentar inventar todas as narrativas mirabolantes possíveis. Agora criam que filhos querem a PF e não o GSI na segurança presidencial. Como qualquer um apenas gostaríamos de atenção de todos e sim, **é mais uma mentira deslavada tal colocação inicial.**” (*Tweet* 34, Anexo A, grifo meu)

“Atenção bandidos da imprensa: não adianta forçarem uma nova narrativa como ódio entre irmãos, que isso não vai colar, **seus lixos!**” (*Tweet* 43, Anexo A, grifo meu)

“Quando o Presidente desmente com provas uma mentira plantada por jornais, eles fazem malabarismo e mantém a mentira. Mas bastou o botafogo negar o furo dado pelo jornalista *grobal* que já pediram desculpas e apagaram. **É isso que virou parte da imprensa BR: assessoria de bandido!**” (*Tweet* 46, Anexo A, grifo meu)

Como é possível perceber, a agressividade explícita é dirigida a mais de um grupo. Alguns *tweets* são utilizados para rebaixar profissionais da imprensa, como quando ele chama jornalistas de “prostitutas”. Outros disseminam a violência contra gênero ao associar a instituição a algo feminino (e logo, digno de ultraje), como muitos dos casos contados por Patrícia Campos Mello.

Mello (2020) explica que o ódio une comunidades que se sentem distantes de uma normalidade social. Carlos Bolsonaro junta esses discursos de violência e “autoriza” que sejam disseminados nas redes sociais quando também se utiliza desse discurso de ódio em suas postagens.

- **Silenciamento**

O silenciamento é quando o vereador utiliza seus *tweets* para tirar a potência da voz dos jornalistas. Diferente de descredibilizar, o silenciamento acontece quando Carlos Bolsonaro afirma que a imprensa não tem prestígio para informar. Orienta a silenciar. Como exemplos:

“Eu não gostaria que fosse assim, mas **grande parte da imprensa MENTE constantemente se se preocupar com a informação, somente em desgastar Bolsonaro.** A última foi que @BolsonaroSP teria indicado o 01 da APEX e que o Presidente teria o desautorizado. **MENITIROCOS DESCARADOS!**” (*Tweet 6, Anexo A, grifo meu*)

“**Não desprestígio a imprensa brasileira, parte dela que é responsável pelo próprio desprestígio que vem recebendo da população desde que quis controlar a opinião pública em prol de terceiros.** Estão invertendo os fatores. Eles dizem que eu os ataco, mas apenas respondo aos seus”. (*Tweet 14, Anexo A, grifo meu*)

Essa estratégia é construída em dupla face. Ao mesmo tempo em que ele descredibiliza a imprensa, ele tenta manter a imagem de que valoriza a profissão. Em “não desprestígio a imprensa”, ele se coloca em uma situação de defesa. Algo como: não estou querendo dizer isso, estou apenas constatando fatos”, quando, na verdade, não há fato. Há apenas descrédito.

- **Desestabilização**

A desestabilização se relaciona de forma muito próxima com a distorção da narrativa porque uma vez que o jornalismo não possui credibilidade e é percebido como fornecedor de informações instáveis, que é uma narrativa subliminar no discurso de Carlos Bolsonaro, é mais fácil construir novas informações ou indicar uma nova interpretação de um fato. Relembrando que a pós-verdade não é necessariamente um texto completamente mentiroso, mas distorcido ou com pequenos aspectos verdadeiros.

Sendo assim, alguns *tweets* de Carlos Bolsonaro constroem a percepção de descredibilizar a imprensa. Chamo de desestabilização porque em certos momentos Carlos descredibiliza de forma muito objetiva e em outras ele apenas questiona a credibilidade. O efeito dessas duas formas é uma desestabilização do quão confiável é a imprensa. Alguns exemplos:

“Alguns da imprensa estão revoltados porque Bolsonaro não os dá bola! Que tenham a liberdade, assim como qualquer um pode ignorar quando há uma clara tentativa negativa de manipulação! **Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!**” (*Tweet 3, Anexo A, grifo meu*)

Há duas sentenças que assumem diferentes perspectivas de interpretação. Com "Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!" ao mesmo tempo que ele identifica sua comunidade (seus seguidores), ele desestabiliza o impacto do jornalismo, uma vez que, pelo seu ponto de vista, o jornalismo não tem o mesmo efeito de poder que redes sociais, principal ambiente habitado pelo bolsonarismo. Por que seus seguidores acreditariam em jornalismo se um líder político afirma que as redes sociais não distorcem informações? Uma forma explícita de desacreditar o poder da imprensa e o fazer jornalístico. Outros exemplos:

"Há um claro e maciço desespero dos conhecidos setores da imprensa em desinformar quando anunciaram que não distribuíam dinheiro do contribuinte como faziam antes. Cabe ao brasileiro ler a matéria por completo, tirar suas conclusões e vida que segue para todos! Sem problema algum!" (*Tweet 5, Anexo A, grifo meu*).

"A estratégia da maior parte da imprensa brasileira é clara: com mentiras, tenta prejudicar seu próprio país no exterior. Quer voltar a abocanhar os cofres da mesma população que enxergou seu modus operandi, mas os dopados ainda aplaudem e o sistema insiste com suas ferramentas". (*Tweet 12, Anexo A, grifo meu*).

"Não desprestigio a imprensa brasileira, parte dela que é responsável pelo próprio desprestigio que vem recebendo da população desde que quis controlar a opinião pública em prol de terceiros. Estão invertendo os fatores. Eles dizem que eu os ataco, mas apenas respondo aos seus". (*Tweet 14, Anexo A, grifo meu*).

Dessa forma, ele assume, novamente, que a imprensa "desinforma", que não há verdade no que é dito. "Estão invertendo fatores", "a estratégia da maior parte da imprensa brasileira é clara: com mentiras". O mesmo truque de descrédito óbvio é percebido ao claramente dizer que a imprensa fala mentiras (e pior, orienta a interpretação do leitor do *tweet* que o jornalismo faz isso com intuito de se beneficiar). Além disso, há um fato que cabe destaque no *tweet* 14: antes de desassociar a imprensa a uma fonte confiável, ele ainda se defende com a narrativa "não desprestigio a imprensa [...] ela mesma faz isso". Mas ele também utiliza outros recursos, como as aspas:

““Jornal” pode escrever “diz “leitor”, “revela fonte”, diz amigo”, desinformar.... mas se você como cidadão der uma opinião qualquer sobre um assunto que não seja de sua responsabilidade, não pode, gera crise, desconforto... mau caratismo a gente vê na “imprensa manipuladora”” (Tweet 17, Anexo A, grifo meu)

O uso das aspas é uma forma de demonstrar que a imprensa, através de recursos de escrita, não merece respeito. Afinal, quem é a fonte, o leitor ou o amigo? Segundo Carlos Bolsonaro, esses recursos auxiliam a desinformar. Uma desestabilização da imprensa de forma sutil, e com “argumentos” que o seu público consegue identificar - e até concordar.

Entre todos os *tweets* analisados, 3 se destacam pela excentricidade do que são. O primeiro possui todas as categorias analisadas:

“Imprensa lixo, não adianta me chamar para a briga, com desinformações que vocês sempre fomentaram, que não vou cair na armadilha. Qualquer um sabe o motivo disso tudo e qual o objetivo. Tranquilo e despreocupado! Bom dia a todos!” (Tweet 40, Anexo A).

Podemos notar a identidade de grupo nas sentenças “me chamar para a briga, com desinformações que vocês sempre fomentaram” ou “que não vou cair na armadilha”. Para distorção da informação percebemos “Qualquer um sabe o motivo disso tudo e qual o objetivo”. A indiferença é vista em “Tranquilo e despreocupado! Bom dia a todos!” e ódio em “Imprensa lixo”. O silenciamento é quando define com “desinformação que vocês”. Também desestabilizam a percepção da imprensa com “vocês sempre fomentaram”.

Indo em direção oposta, há o caso do *tweet* 25 (Anexo A), que não foi possível analisar por que o texto não faz sentido, é difícil entender sobre o que exatamente o que Carlos Bolsonaro está tentando dizer:

“Governos de esquerda destruíram o país ao longo de cerca de 30 anos, mas as baterias apontadas desde o início para quem faz parte do processo de desmascaramento da mesma? Por que isso? Vindo da maioria da imprensa não me espanta, mas sob justificativa de mimimi...há algo errado!” (Tweet 25, Anexo A)

E, para encerrar a análise, o *tweet* 5 (Anexo B), é o único postado pelo vereador, no período da análise, que faz um elogio à imprensa:

“Boechat era um grande profissional, referência no jornalismo, capaz de conquistar o respeito tanto dos que convergiam quanto dos que divergiam de suas ideias e opiniões. Que seja sempre lembrado por isso”. (*Tweet* 5, Anexo B)

O elogio também faz parte da estratégia de fortalecer seu lugar discursivo, que ao citar o jornalista Ricardo Boechat que diz respeitar “tanto os que convergiam quanto dos que divergiam de suas opiniões” se coloca no lugar do jornalista como aquele que também respeita opiniões diferentes.

Carlos Bolsonaro construiu seu discurso anti jornalismo, motivando a violência e descredibilizando a mídia utilizando de estratégias do discurso pós-verdadeiro, assim ele autoriza pessoas que por alguma razão se identificam com seus pensamentos a fazerem o mesmo. Opiniões semelhantes aproximam as pessoas, e uma figura política autorizando diversas formas de violência através de seu discurso motiva sua comunidade a seguir praticando a mesma narrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste TCC foi construída uma linha de pensamento que passa pela verdade, pelo efeito de verdade e chega na pós-verdade. A ideia foi percorrer uma trajetória que auxiliasse a identificar de que forma o discurso “bolsonarista”, manifestado através de Carlos Bolsonaro, utiliza a pós-verdade como participante da construção de uma identidade de grupo, onde o ataque à imprensa e aos jornalistas faz parte de uma estratégia de fortalecimento do que é seu aliado e o que é seu inimigo.

Dois anos de *tweets* de Carlos Bolsonaro foram analisados, onde foram mapeadas todas as ocasiões em que ele utilizou a palavra “imprensa” ou “jornalismo” entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2020. Para a análise do *corpus*, não foram considerados *tweets* com anexos (como fotos ou vídeos) ou que fossem respostas a outras pessoas.

A análise foi organizada a partir de dois Núcleos de Sentido principais. No Núcleo de Sentido 1, onde ele faz a *Construção para Si*, os *tweets* são analisados com atenção ao que é visto como uma proteção da comunidade bolsonarista, onde ele defende a si e seus similares. Foi possível identificar a identidade de grupo, que é o que há de semelhante entre os integrantes da comunidade e o que é diferente deles, e a distorção da narrativa da imprensa, quando há uma tentativa de orientar um tipo de interpretação da realidade que não condiz diretamente com os fatos. No Núcleo de Sentido 2, sobre a *Construção do Outro*, os *tweets* tratam sobre os ataques de Carlos Bolsonaro, quem é seu alvo. É possível notar em seu discurso a indiferença ao que é jornalístico, o ódio através dos ataques diretos, o silenciamento ao tentar apagar a importância da imprensa, e a desestabilização, quando descredibiliza o jornalismo.

No que agrega o Núcleo de Sentido 1, sobre Si, foram mapeados 59 *tweets*, sendo possível identificar 20 trechos referentes à identidade de grupo definidas, 39 que apresentaram distorção da narrativa principal. No Núcleo de Sentido 2, sobre o Outro, são 68: 17 com indiferença, 21 tinham expressões de ódio, 3 demonstram estratégias de silenciamento e 27 mostraram desestabilização.

Neste estudo, três noções contribuíram para orientar a pesquisa e a análise (verdade, pós-verdade e efeito de verdade, que foram trabalhadas no capítulo 3). Através desta análise, foi possível verificar a forma como a pós-verdade se comporta em um discurso de violência (neste caso, com alvo aos jornalistas). Dunker (2017) explica que a pós-verdade necessita uma recusa do outro ou minimamente uma cultura de indiferença. Quando a pós-verdade é ameaçada, os indivíduos que consomem essa narrativa reagem com ódio ou violência.

Durante a análise, várias questões trabalhadas na parte teórica do trabalho contribuíram para entender melhor quais as estratégias do discurso de Carlos Bolsonaro. “A pós-verdade é uma verdade contextual, que não pode ser escrita, posta no bolso e reapresentada amanhã, como garantia de fidelidade, compromisso e esperança gerada pela palavra” (DUNKER, 2017, pg 19). A pós-verdade tem muitas implicações políticas, morais e institucionais, afeta cotidianamente os laços amorosos e as formas de sofrimento, principalmente na medida em que estas dependem de descrições, nomeações e narrativas. Dunker (2017) explica que a pós-verdade se relaciona com a subjetividade da interpretação do indivíduo e pode ser visto como um conjunto de negações da ligação entre as três faces da verdade.

Nesta pesquisa, Foucault contribui com a noção de regime de verdade, pensado a partir da exclusão do que é verdadeiro e do que é falso. Como elaborado ao longo do estudo, percebemos que Foucault (1966) utiliza o método genealógico em suas análises sobre tecnologias de saber e poder, e que esse instrumento é utilizado para entender as configurações singulares dos sujeitos, os objetos e significações nas relações de poder, e as práticas discursivas e não-discursivas. O que Carlos Bolsonaro fala e a posição política que tem, associa ao discurso pós-verdadeiro força e credibilidade. E ao utilizar seu discurso de forma a promover certos comportamentos, ele autoriza a repercussão de ações que prejudicam a manutenção, por exemplo, da credibilidade jornalística e dos pilares democráticos.

Em relação ao efeito de verdade, Charaudeau (2007) ajudou a entender as estratégias do texto jornalístico. O autor explica que não se deve confundir valor de verdade e efeito de verdade, uma vez que o jornalismo legitima seu discurso como verdadeiro. O efeito de verdade é oriundo da subjetividade do sujeito em relação com

o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas.

A definição de jornalismo e a identificação dos profissionais como uma comunidade interpretativa foi importante para entender um pouco mais sobre o campo de conhecimento sobre qual estamos tratando. No Capítulo 2 foi abordado as violências contra jornalistas que acontecem de forma crescente, assim como o porquê do jornalismo buscar estratégias para referendar que seu discurso é verdadeiro e que sua função é um serviço essencial para a democracia através de comportamentos profissionais.

Para Traquina (2008), os jornalistas possuem uma maneira de agir, uma maneira de falar e uma maneira de ver como uma capacidade performativa da profissão, com saberes que acompanham o fazer diário. “Segundo a sua cultura profissional, esta comunidade interpretativa é uma comunidade de crentes que cumpre o serviço numa dedicação total a profissão” (TRAQUINA, 2008, pg 53). Tuchman (1999) também ajudar a pensar sobre os jornalistas, ao tratar a objetividade enquanto um atributo do comportamento profissional que possui base em estratégias internalizadas que podem mitigar pressões contínuas como os prazos, os possíveis processos de difamação e as repressões antecipadas dos superiores, com a argumentação de que o seu trabalho é objetivo.

Hall et al (1999) elabora sobre a ideologia profissional que constitui boas notícias, fundamental para auxiliar na construção do processo, que vai envolver orientação para itens que são fora do comum. Por exemplo, acontecimentos que são dramáticos, que podem ser personalizados para evidenciar características de humor humanas (como tristeza, sentimentalismo, etc), acontecimentos que tem consequências negativas e que são parte ou podem fazer parte de um assunto noticiável existente. Já Alsina (2009) aponta que a produção do jornalismo da atualidade se articula através de gêneros, como notícias e temas da atualidade. O discurso informativo não é algo que se possa acreditar, ele perderá sua virtualidade, a credibilidade é o regulador. É por isso que se faz necessário estabelecer um “contrato pragmático fiduciário” (ALSINA, 2009, pg 156), que pretende que acreditemos que é veiculado pelos meios de comunicação é verdade, e, ao mesmo tempo, nos propõe que confiemos no discurso informativo dos supracitados meios.

Outro ponto relevante, levantado neste estudo, é apresentado por Tuchman (1999). A autora explica que cada notícia é uma compilação de fatos que são avaliados pelos jornalistas, estruturados numa lógica de produção. Os profissionais são responsáveis pela exatidão dos “fatos”, que serão lidos tanto pelo leitor comum como pelo leitor “interessado”. Caso o leitor interessado sinta que pode provar que “houve prejuízo para o seu negócio, reputação, e que pode instaurar um processo por difamação” (TUCHMAN, 1999, pg 77).

A ameaça da credibilidade jornalística é trazida por Mello (2020). A autora conta como a comunidade bolsonarista a perseguiu, aumentando cada dia a quantidade de mentiras a respeito da profissional. Ela sofreu uma progressão de ataques, foi alvo de chacota e cancelamento nas redes sociais. Tudo isso apenas por produzir uma reportagem que ia contra os interesses de Jair Bolsonaro.

Desta forma, é possível notar que a violência é algo em rede, feita em conjunto, como efeito de manada. E o fio condutor que faz ser possível identificar a personalização desses ataques é a forma como se apropriam de um discurso agressivo. Por isso a espiral do silêncio e a representação social são teorias chave para a compreensão do potencial deste discurso estimulado por Carlos Bolsonaro.

No estudo sobre a Espiral do Silêncio, Noelle-Neumann (1972; Apud HOHLFELDT 1998) observou que certas pessoas eram incentivadas a dar sua opinião e outras a se calarem, até que em processo de espiral, um ponto de vista dominava o cenário público e outro desaparecia, pois os partidários preferiam ficar em silêncio, o que ficou conhecido como espiral do silêncio. Este isolamento e conformidade social prevê que as pessoas, em sua maioria, aceitam a tendência de pensamento da maioria das pessoas que as rodeiam. Sendo assim, quando indivíduos não se sentem parte de um discurso predominante, tendem a se silenciar.

Mendonça e Braga (2015) retomam e atualizam a discussão a partir da noção de representação social. Esses autores propõem que a espiral do silêncio acontece porque, em uma sociedade, as pessoas têm medo de serem isoladas. Esse aspecto vai envolver a confiança em si mesmos, a baixa autoestima, e uma tendência de se unir com a maioria. Quando uma pessoa pensa que está sendo ignorada, sofre e se deixa manipular por conta de sua sensibilidade. Estar em grupo ocasiona um estado

de felicidade e quando isso não é possível de acontecer, gera o isolamento e o silenciamento que tanto se teme. “Este medo do isolamento também explica porque os seres humanos se esforçam para observar ao seu redor e não perder a estima dos demais” (MENDONÇA, BRAGA, 2015, pg 12). Porém, com este TCC proponho pensar a partir da noção de pós-verdade que também trata do silenciamento, mas de uma perspectiva distinta.

Dunker (2017) demonstra que a pós-verdade tem uma forte recusa do outro, que quando se sente ameaçada, reage. Quando jornalistas produzem matérias sobre um presidente que tem um discurso moralista, pessoas que se identificam com esse discurso moralista vão reagir. Elas não ficam em silêncio para se adequar aos jornalistas, cientistas ou intelectuais. Elas encontram na família Bolsonaro uma autorização para reagirem e um motivo para haver essa defesa.

A questão é que esses indivíduos que reagem não se tornaram moralistas ou violentos do dia para a noite. Elas provavelmente já possuíam esse sistema de crenças internalizado, e possivelmente até já reagiram em pequena escala a, por exemplo, o que é politicamente correto, ou sistemas de cotas, ou o lugar da mulher. Pessoalmente, quando recém havia ingressado na graduação, um familiar me disse que “jornalismo não é profissão de verdade”. Hoje, este mesmo familiar apoia o discurso bolsonarista. Essa narrativa sempre aconteceu, mas agora está organizada em grupo e representada politicamente.

Se adaptar à opinião da maioria, às mudanças sociais ou ao crescente empoderamento de minorias é se afastar do que essas pessoas cresceram aprendendo, das memórias que tem e do que elas enxergam como verdade. Ninguém quer ter sua verdade pessoal abalada. E é por isso que a espiral do silêncio não reflete as consequências da pós-verdade. Porque, apesar de estar certa que existe um pêndulo entre opinião pública de maioria e de minoria, ela não considera que as pessoas possam negar de participar desse movimento (não assumem o discurso majoritário) por terem um apego emocional ao que consideram ser verdade (uma verdade individual, com base em sua história pessoal como já explicado).

Se afastar de um sistema de crenças é algo difícil, que faz repensarmos relações e memórias. E ninguém quer estar errado. Nós tendemos a ficar próximos

daquilo que é parecido conosco. Essas pessoas buscam proteger suas memórias e seu sistema de crenças, havendo uma identidade de grupo.

Vimos na análise que Carlos Bolsonaro associa seu repertório a um discurso saudosista ou sensação de desencaixe social – esse é também um dos gatilhos do consumo do discurso pós-verdadeiro. Para Mendonça e Braga (2015), a associação das representações sociais permeada pelo processo de espiral do silêncio e com a pós-verdade naturaliza determinados objetos e provoca essa associação a uma reação.

Uma isso às redes sociais que aproximam todos que são semelhantes e se tem fácil acesso aos seus apoiadores, como aponta Mello (2020) ao dizer que “As redes sociais eliminaram o intermediário, ou *gatekeeper*, da mídia tradicional, e permitiram a confraternização do eleitorado que se sentia desprezado pelas elites intelectuais”. Dessa forma, é perceptível que “esse tipo de ação artificial nas redes influencia a opinião pública porque leva a crer que um tema ou uma pessoa sejam populares, ou, ao contrário, que são odiados” (MELLO, 2020, pg 154). Ao mesmo tempo que Carlos Bolsonaro identifica a si e sua comunidade e perpetua os comportamentos violentos, ele estimula um efeito de aversão por aqueles que não se identificam com seu discurso. Uma percepção de: somos nós defendendo o que acreditamos daqueles que dizem que estamos errados.

Outro ponto que merece destaque no discurso de Carlos Bolsonaro, é que foi possível identificar um padrão característico na construção textual: primeiro distorce a realidade (a notícia é falsa ou é mentira), vangloriam o próprio trabalho (mostra que o governo está produzindo resultados) e faz sátira com a informação noticiada e previamente negada (dessa forma distrai a importância da informação). Nem sempre essa lógica de construção está unida ou na mesma ordem, mas ela sempre está presente. Talvez seja possível generalizar para todos os discursos bolsonaristas.

Além disso, foi possível notar outras reações que a narrativa de Carlos Bolsonaro causa nas pessoas. Ao longo da produção deste estudo, muitas pessoas que me acompanharam me perguntavam por que eu escolhi este objeto e o quão ruim isso poderia ser para minha saúde mental. Minha resposta sempre foi a mesma: essa é a intenção de quem promove o discurso de ódio, ter a nossa reação. No momento

em que o discurso é cansativo para os opositores, eles estão conquistando seu objetivo. Enquanto eles permanecem reforçando os atributos narrativos, permanecem “ganhando” na estratégia narrativa de composição e distorção da realidade.

A comunidade representada por Carlos Bolsonaro, identificada neste estudo, possui um discurso virulento, que funciona como se propõe a funcionar toda vez que é compartilhado - seja para ser criticado ou seja para ser vangloriado. Caso os jornalistas reajam ao discurso bolsonarista, isso dá aos integrantes da comunidade uma sensação de vitória. Caso os jornalistas não reajam, o discurso se perpetua, e permanece acontecendo com estímulos frequentes e crescentes. É uma equação difícil de resolver.

Mello (2020) nos dá esperança: talvez a pandemia salve mesmo o jornalismo. Segundo a autora, algumas ações têm acontecido para que a violência contra jornalistas seja mitigada, mesmo que não diretamente. Por exemplo: plataformas como *Facebook* começaram a trabalhar com agências de checagem para identificar o que é desinformação (principalmente a respeito da pandemia), o *Whatsapp* limitou o encaminhamento de mensagens, *Twitter* passou a remover postagens que refutam orientações sanitárias, e até Donald Trump foi suspenso permanentemente da rede social. O *Twitter* também apagou conteúdos de Bolsonaro por terem a potencialidade de colocarem pessoas em risco. No *Youtube*, Olavo de Carvalho foi banido.

Em 2020, ao menos 20 Estados implementaram ou negociaram aplicações de lei para punir quem dissemina *fake news*. A discussão sobre regulamentação das redes cresce, sendo aos poucos implementada. “[...] apesar de todos esses obstáculos, neste momento a imprensa tem uma oportunidade única de renascer e combater a manipulação global da opinião pública pelas redes sociais” (MELLO, 2020, pg 246).

Meu objetivo futuro é dar continuidade nesta pesquisa, aprofundando a noção de pós-verdade e mapeando a violência contra jornalistas para uma pós-graduação. Quero associar de forma mais detalhada a relação das redes sociais com discursos pós-verdadeiros e investigar mecanismos que poderiam ser implementados no cotidiano do fazer-jornalístico para melhorar a distribuição da notícia, numa tentativa de enfrentar a desinformação. Acredito que as redes sociais são uma ferramenta

essencial, e não podem ser vistas completamente como vilãs nesta situação, apesar de terem um papel fundamental na disseminação de discursos de ódio, onde desinformações viralizam e possuem mais engajamento do que narrativas e notícias de fontes confiáveis e que passam por processos de checagem. Apesar de *bots* e sistemas de automação, também há pessoas com crenças por trás das postagens. Por isso acredito que é importante repensar o uso das redes, refletir sobre sua regulamentação, sobre os discursos que se popularizam neste ambiente e como esse impacto reflete na profissão jornalista.

REFERÊNCIAS

ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. São Paulo: Vozes, 2010.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Após comentários no Timeline, promotor abre processo contra rádio Gaúcha e David Coimbra. Coletiva.net, 2020. Disponível em: <https://coletiva.net/noticias/apos-comentarios-no-timeline-promotor-abre-processo-contra-grupo-rbs-e-david-coimbra,381856.jhtml>. Acesso em: 14 mar.2021.

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, f. 74, 2016.

Brasil cai quatro posições em ranking de liberdade de imprensa e fica em zona vermelha. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/20/brasil-cai-quatro-posicoes-em-ranking-de-liberdade-de-imprensa-e-fica-em-zona-vermelha.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica , v. 1, f. 88, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, f. 143, 2007.

Como a teoria da conspiração Qanon se espalha na minha cidade. The Intercept Brasil, 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/10/03/qanon-na-minha-cidade-eua/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

Carlos Bolsonaro critica comunicação do Palácio do Planalto: 'Falha há meses'. O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/carlos-bolsonaro-critica-comunicacao-do-palacio-do-planalto-falha-ha-meses-23630286>. Acesso em: 05 maio 2021.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. 1. ed. Lisboa: Instituto Piaget, f. 234, 1994.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladmir. **Ética e Pós-verdade**. 3. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2017. Cap. 1. p. 7-37.

Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Folha de S. Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em 13 ago. 2020.

FENAJ (org.). **VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL**: relatório 2020. Brasília, 2021. 70 p. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

FENAJ (org.). **VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL**: relatório 2019. Brasília, 2020. 42 p. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

FENAJ (org.). **VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL**: relatório 2018. Brasília, 2019. 46 p. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/01/relatorio_fenaj_2018.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edicoes Loyola, v. 1, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANZONI, Sabrina; RIBEIRO, Daiane Bertasso; LISBOA, Sílvia Saraiva de Macedo. A verdade no jornalismo: relações entre prática e discurso. **Verso e Reverso**, v. XXV, p. 8, 01 01 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/789/145>. Acesso em: 8 nov. 2020.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o mugging dos media. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

HOHLFELDT, Antonio. Espiral do silêncio. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 8, p. 36-47, jul. 1998. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5466>. Acesso em: 08 out. 2020.

"Jornalistas erram. Políticos erram. Empresas erram", defende ARI sobre caso 'Timeline'. Coletiva.net, 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.net/noticias/-jornalistas-erram.-politicos-erram.-empresas-erram-defende-ari-sobre-caso-timeline-,381547.jhtml>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Jornalista da CNN Brasil é hostilizado em ato pró-Bolsonaro no Rio. Poder 360, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornalista-da-cnn-brasil-e-hostilizado-em-ato-pro-bolsonaro-no-rio/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 294 p.

MENDONÇA, Rhayssa Fernandes; BRAGA, Claudomilson Fernandes. **A Espiral do Silêncio e as Representações Sociais: Os Meios de Comunicação, a Legitimação e a Naturalização**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, p. 1-13, 4 set. 2015. Anual. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1788-1.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

Perdão. GaúchaZH, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/kelly-matos/noticia/2020/12/perdao-ckiax6fka00a7019w0uj5nb92.html>. Acesso em 03 mar. 2021.

Profissionais de imprensa são agredidos durante manifestação antidemocrática com a presença de Bolsonaro. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/03/profissionais-de-imprensa-sao-agredidos-durante-manifestacao-antidemocratica-com-a-presenca-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 04 jun. 2021.

ROSSI, Clovis. **O que é Jornalismo**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, SP. 1980.

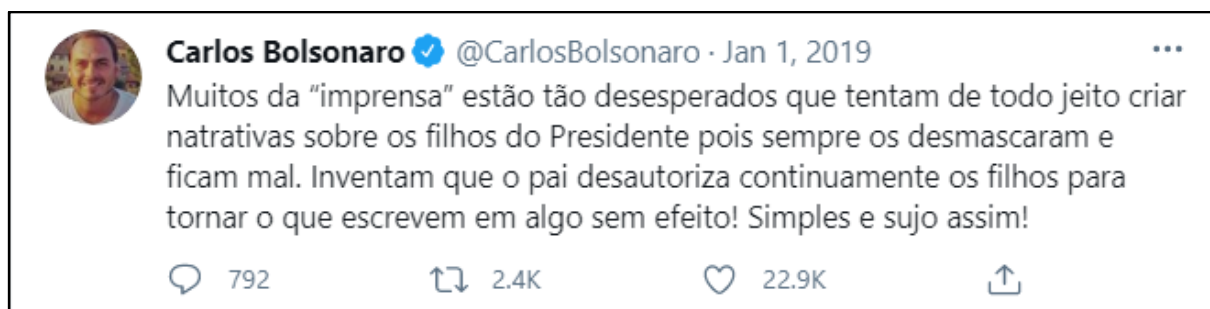
Sobre o assalto em Criciúma e o comentário no "Timeline". GaúchaZH, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/david-coimbra/noticia/2020/12/sobre-o-assalto-em-criciuma-e-o-comentario-no-timeline-ckiawt6uf00a6019w3v3e731s.html>. Acesso em: 03 mar. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

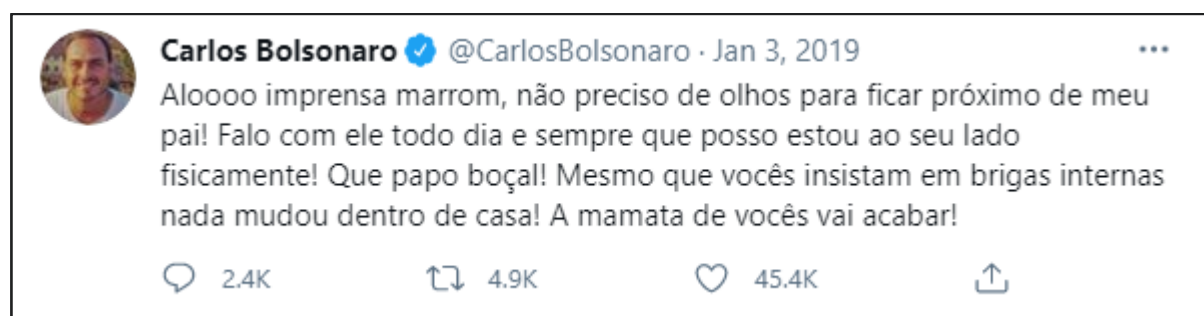
TRAQUINA, Nelson. O QUE É JORNALISMO. *In: Teorias do jornalismo*: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, v. 1, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. *In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

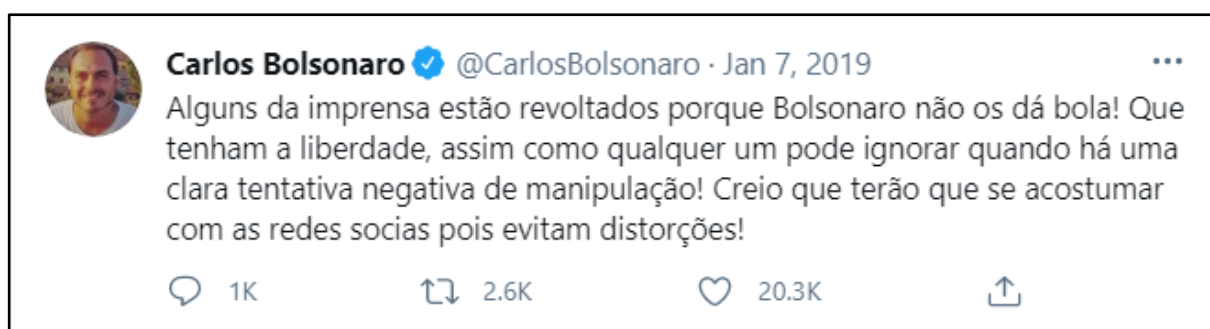
ANEXO A – TWEETS DE CARLOS BOLSONARO COM A PALAVRA “IMPREENSA”




Tweet 1







Tweet 2




Tweet 3

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Jan 9, 2019 ...





Há um óbvio conluio de tempos entre a esquerda, grupos que se dizem de direita mas somente enganam os outros afim de ganhar votos e possuem representatividade extremamente forçada por grande parte da imprensa. Este foi é o ciclo da rodinha das comadres do sistema desde o início.

 447  1.3K  10.9K 


Tweet 4

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Jan 10, 2019 ...





Há um claro e maciço desespero dos conhecidos setores da imprensa em desinformar quando anunciaram que não distribuíam dinheiro do contribuinte como faziam antes. Cabe ao brasileiro ler a matéria por completo, tirar suas conclusões e vida que segue para todos! Sem problema algum!

 283  1.5K  11.5K 

Tweet 5

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Jan 10, 2019 ...

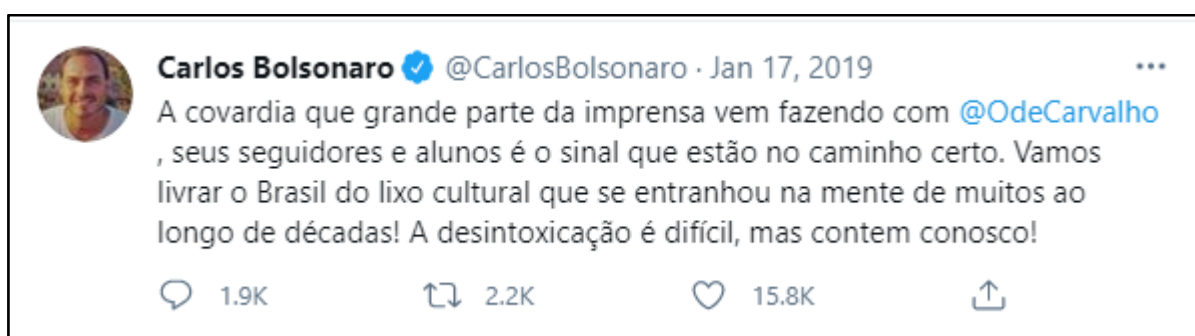
Eu não gostaria que fosse assim, mas grande parte da imprensa MENTE constantemente se se preocupar com a informação, somente em desgastar Bolsonaro. A última foi que @BolsonaroSP teria indicado o 01 da APEX e que o Presidente teria o desautorizado. MENITROSOS DESCARADOS!

 388  1.3K  8.6K 

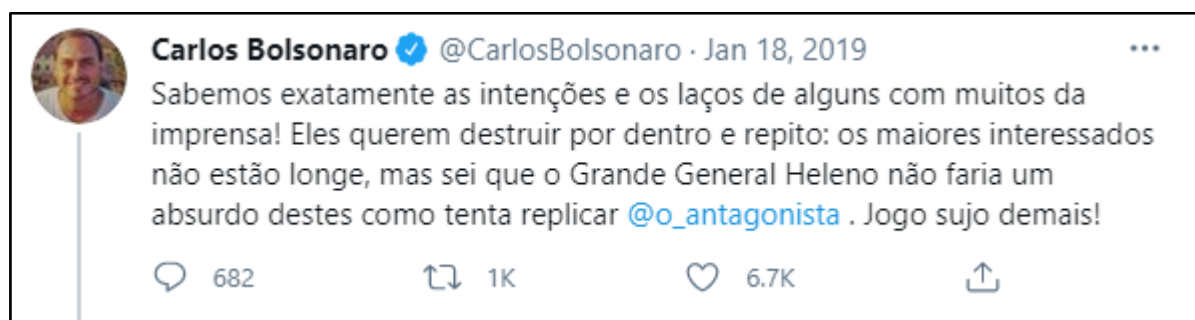
Tweet 6



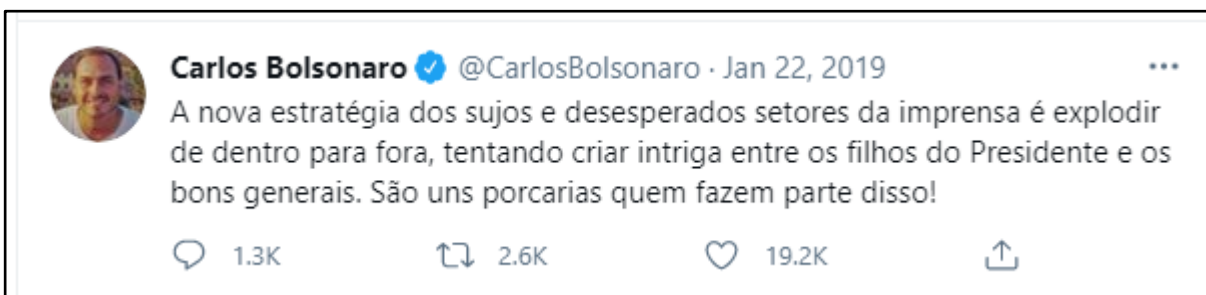
Tweet 7



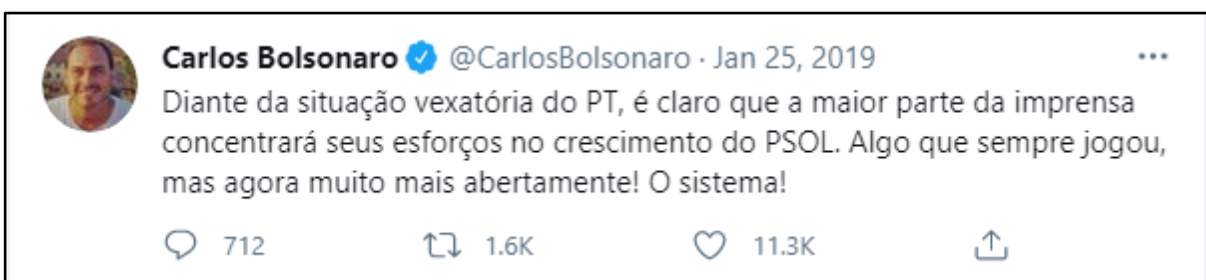
Tweet 8



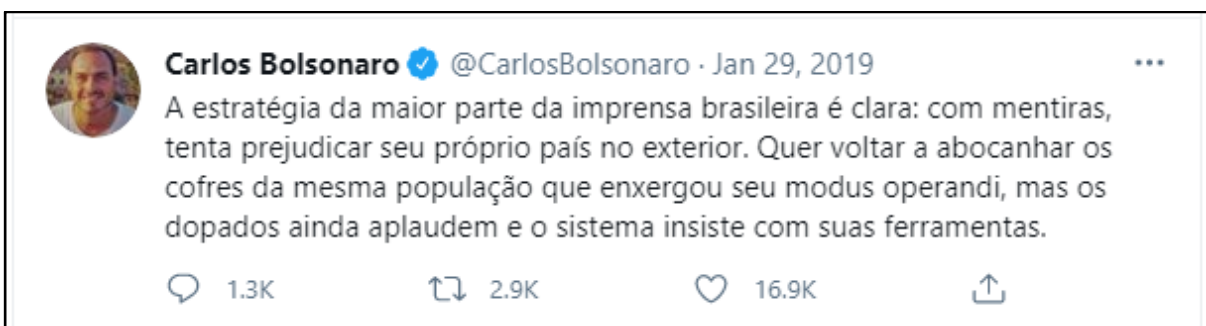
Tweet 9



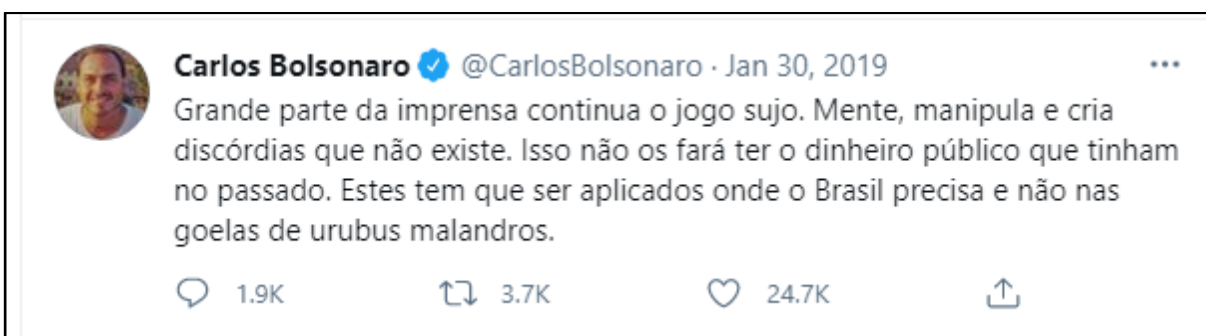
Tweet 10





Tweet 11







Tweet 12





Tweet 13

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Jan 31, 2019 ...





Não desprestigio a imprensa brasileira, parte dela que é responsável pelo próprio desprestigio que vem recebendo da população desde que quis controlar a opinião pública em prol de terceiros. Estão invertendo os fatores. Eles dizem que eu os ataco, mas apenas respondo aos seus.

 835  1.9K  12.8K 



Tweet 14

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Feb 6, 2019 ...





06/02/2019, a imprensa ligada à grobo acordou com uma fome desesperadora de distorcer informações e mentir descaradamente. Apavorados em pensar em não ter a barganha pública financeira jogam suas últimas suas fichas! Não confiem em nenhuma informação! É manipulação sórdida!

 1K  2.9K  15.1K 



Tweet 15

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Feb 26, 2019 ...





imagine se fosse um candidato à presidência do PSOL levando uma facada de um ex-integrante do partido de Bolsonaro e tivesse fotos ainda mostrando sua veneração pela ideologia de direita... o que parte desta imprensa imunda junto a este partideco estariam fazendo até hoje?

 1.9K  3.6K  21.1K 

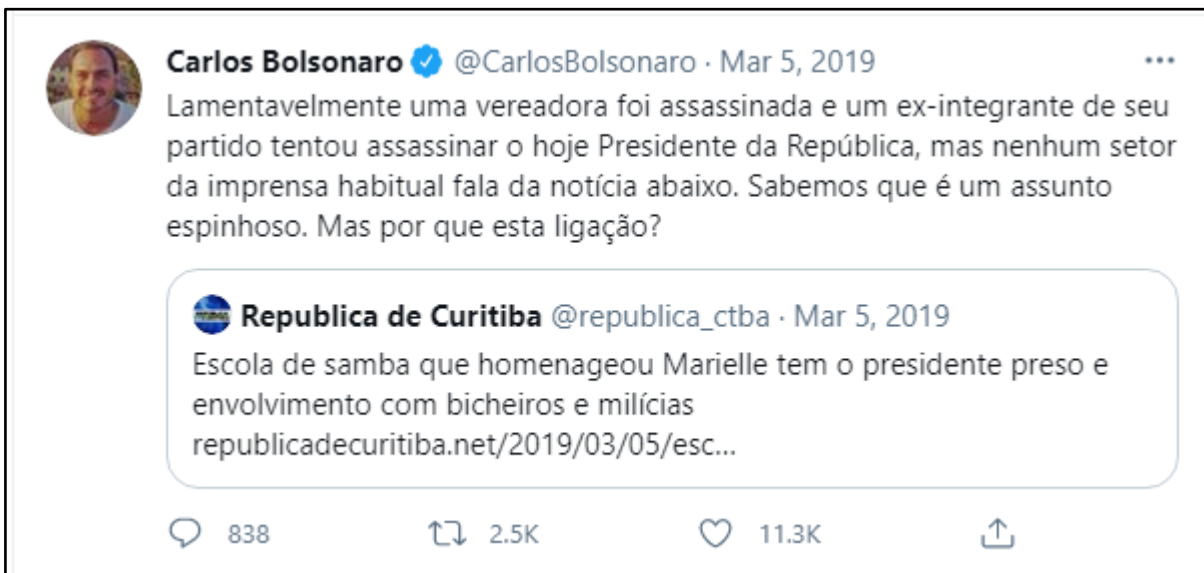
Tweet 16

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Mar 2, 2019 ...

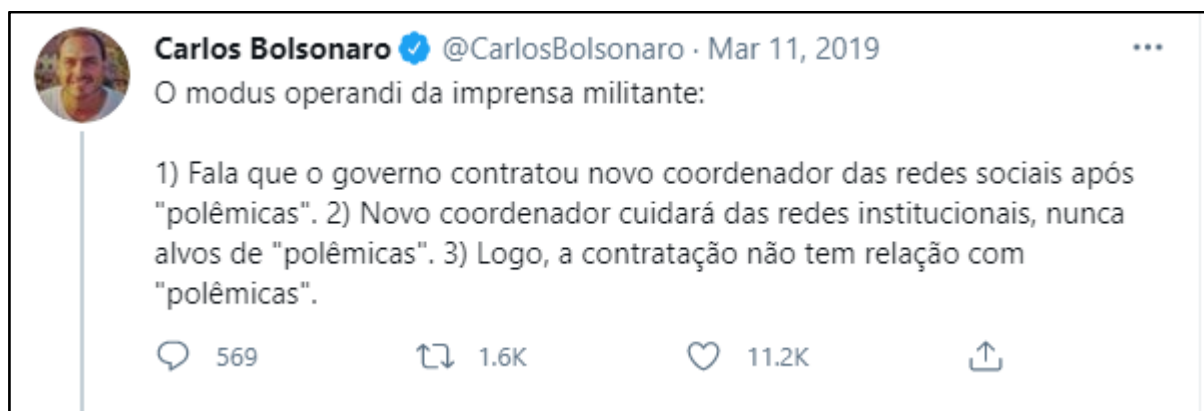
"Jornal" pode escrever "diz "leitor", "revela fonte", diz amigo", desinformar... mas se você como cidadão der uma opinião qualquer sobre um assunto que não seja de sua responsabilidade, não pode, gera crise, desconforto... mau caratismo a gente vê na "imprensa manipuladora"

 955  2.5K  15K 

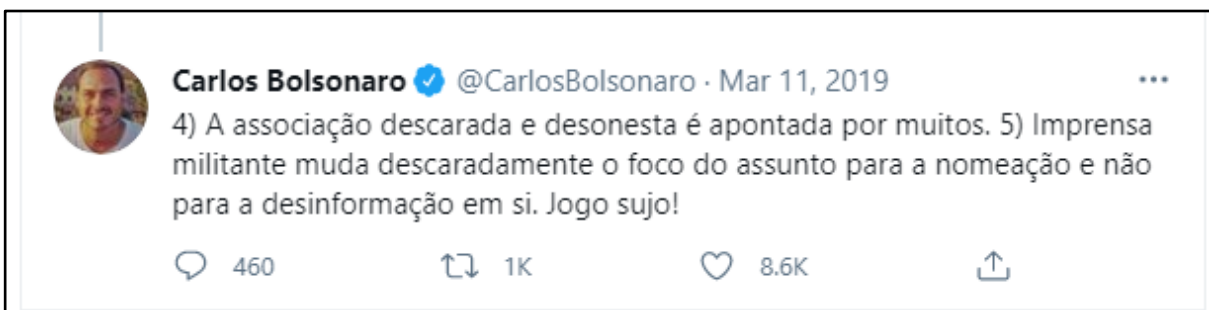
Tweet 17




Tweet 18



Tweet 19




Tweet 20

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Mar 18, 2019 ...

É bacana dar e ouvir opiniões como sempre faço há uns 18 anos de trabalho. Hoje falamos sobre Nova Previdência e outros assuntos que parte da imprensa vai ter que continuar inventando para fingir que tem notícia e idiota ter que repetir jargões para aparecer. Segue o trabalho!

628 1.3K 9.5K


Tweet 21

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Mar 29, 2019 ...

O novo modus operandi de grande parte da imprensa canalha é inventar ou fazer leitura de uma possível notícia para depois ser desmentida ou ignorada e dizer que o "governo recuou ou voltou atrás". O intuito é o desgaste perante a população para enfraquecê-lo e sabemos para que.

1.5K 3.3K 17K


Tweet 22

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Apr 29, 2019 ...

O Presidente diz que se eu quisesse um Ministério assim o teria, algo que não acontece. Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo. Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM. Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. É cada uma!

1.7K 2.1K 14.7K

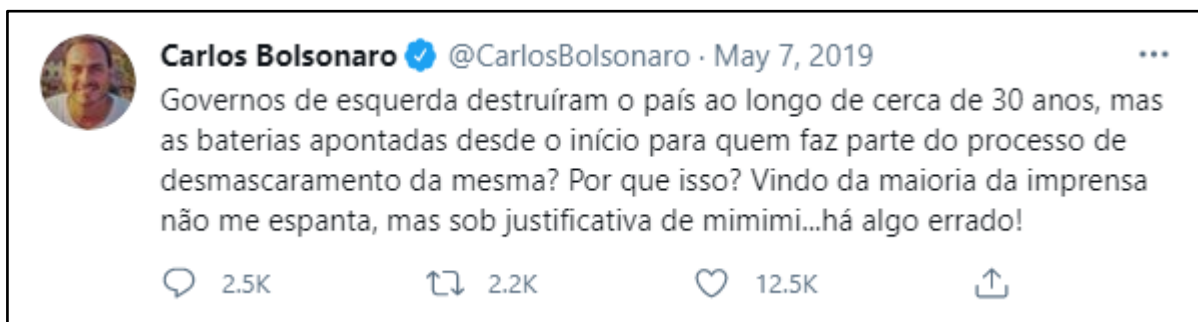
Tweet 23

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · May 5, 2019 ...

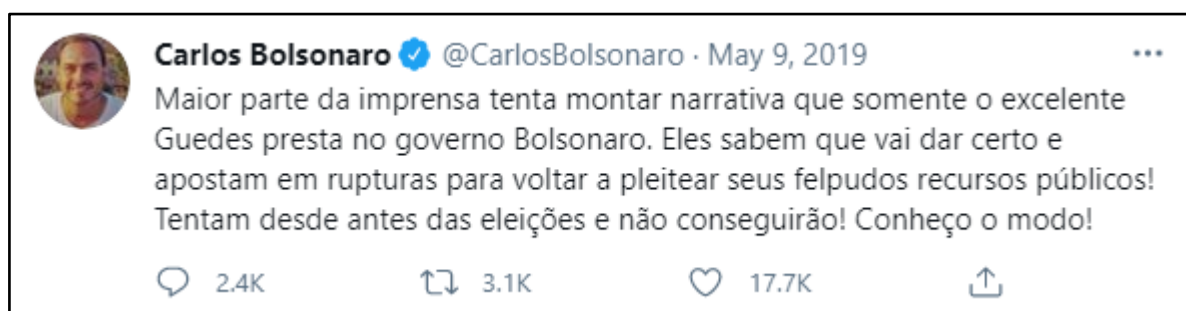
A internet "livre" foi o que trouxe Bolsonaro até á Presidência e graças a ela podemos divulgar o trabalho que o governo vem fazendo! Numa democracia, respeitar as liberdades não significa ficar de quatro para a imprensa, mas sempre permitir que exista a liberdade das mídias!

1.3K 3.4K 20.8K

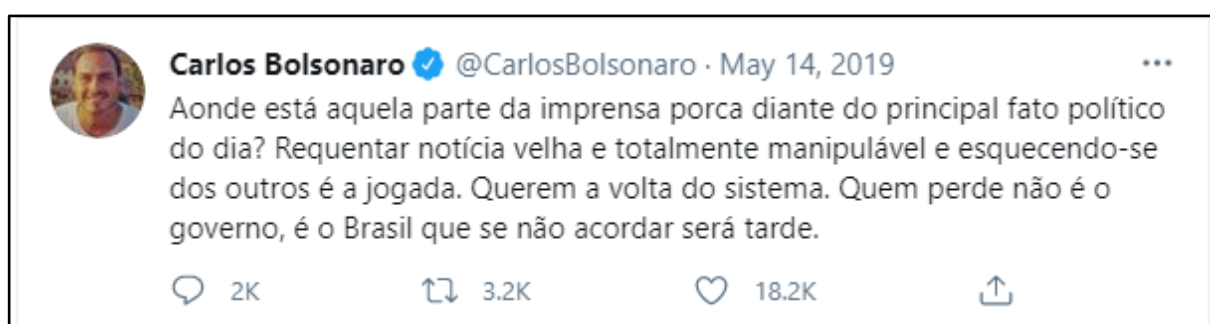
Tweet 24



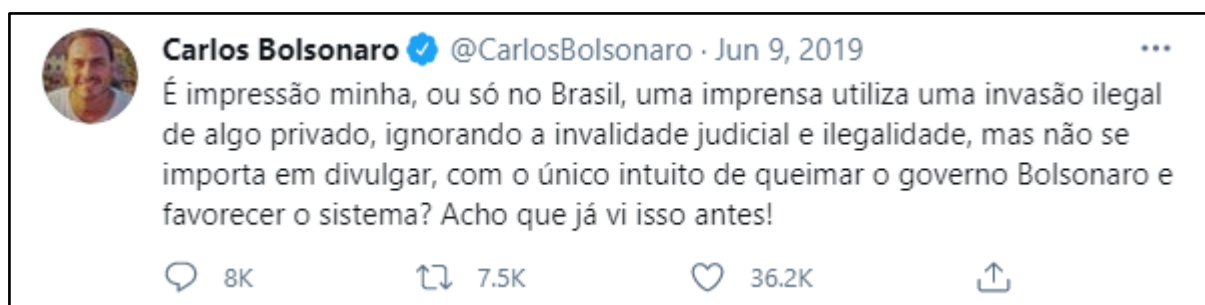
Tweet 25



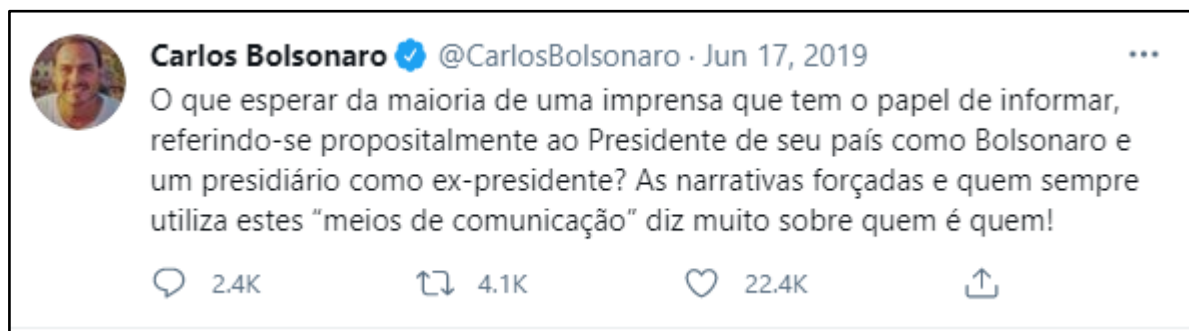
Tweet 26



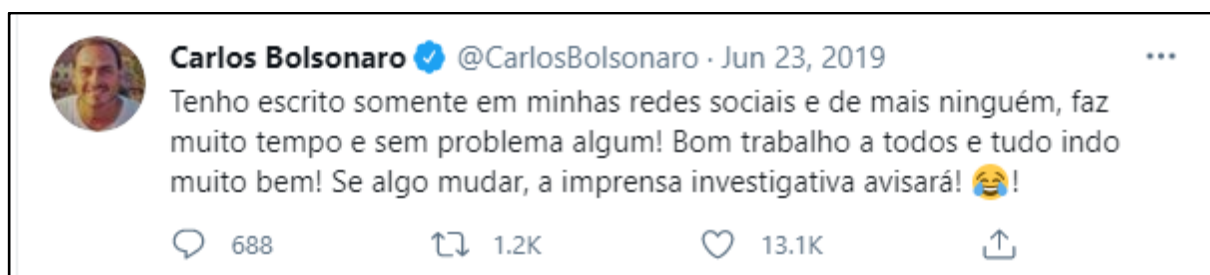
Tweet 27



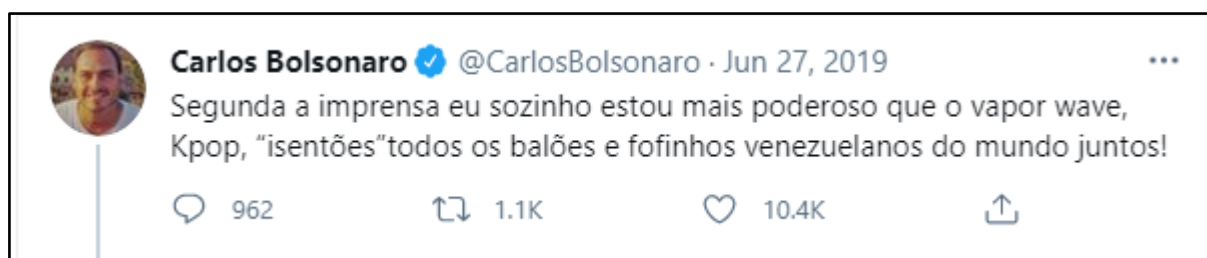
Tweet 28



Tweet 29



Tweet 30



Tweet 31


 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Jul 1, 2019 ...

Não sou dono da verdade, apenas um pouco experiente. A população mais uma vez deu seu recado e os parlamentares já começaram a mostrar sua empáfia, ignorando quem os elegeu. Os próximos começarão a surgir rapidamente desafiando o povo, com o apoio de grande parte da imprensa!

RENOVA @RenovaMidia · Jul 1, 2019
Em entrevista à Folha, em meio às críticas ao presidente Jair Bolsonaro, o deputado Tiririca (PL-SP) declarou:
"Aprovar projeto não depende de mim, depende do toma lá dá cá. [...] Tem que existir, cara, tem que existir troca de favores."
renovamidia.com.br/tiririca-criti...

1.1K 2.2K 11.6K


Tweet 32

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Jul 2, 2019 ...

Grande parte da imprensa e bandidos querem que o Brasil pare mais uma vez. Guerreiro Ministro Moro. Precisamos defendê-lo, cobrar conjuntamente as agendas positivas e mostrar o que o governo tem feito de bom como viemos fazendo. Não fiquemos reféns da narrativa destes lixos!

1.1K 2.5K 13.1K

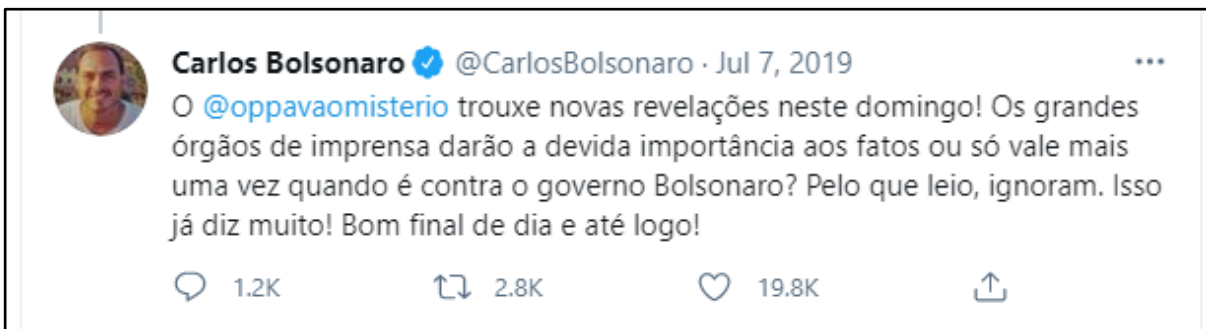
Tweet 33

 **Carlos Bolsonaro** ✓ @CarlosBolsonaro · Jul 5, 2019 ...

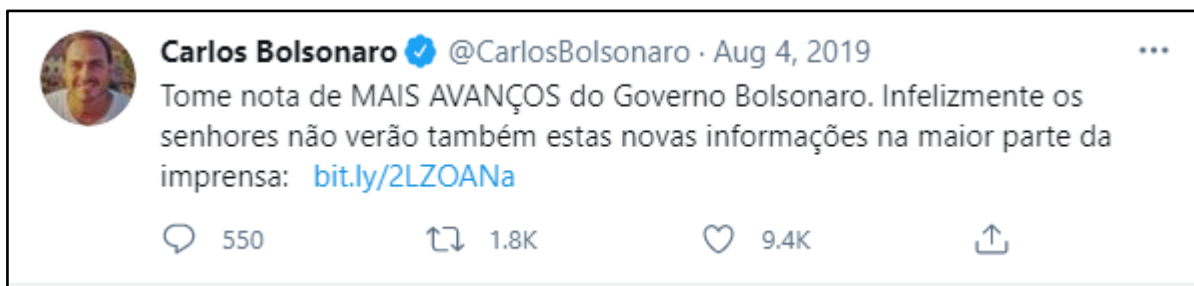
A imprensa lixo não desiste de tentar inventar todas as narrativas mirabolantes possíveis. Agora criam que filhos querem a PF e não o GSI na segurança presidencial. Como qualquer um apenas gostaríamos de atenção de todos e sim, é mais uma mentira deslavada tal colocação inicial.

454 1.5K 10.1K

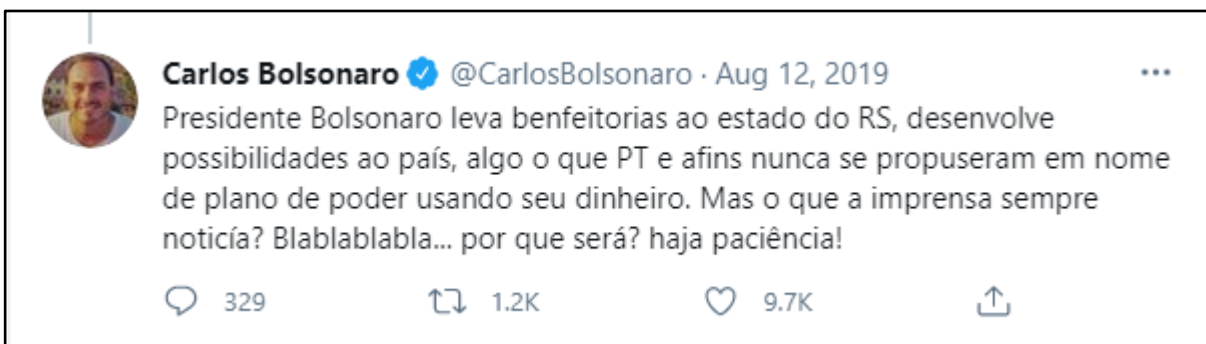
Tweet 34



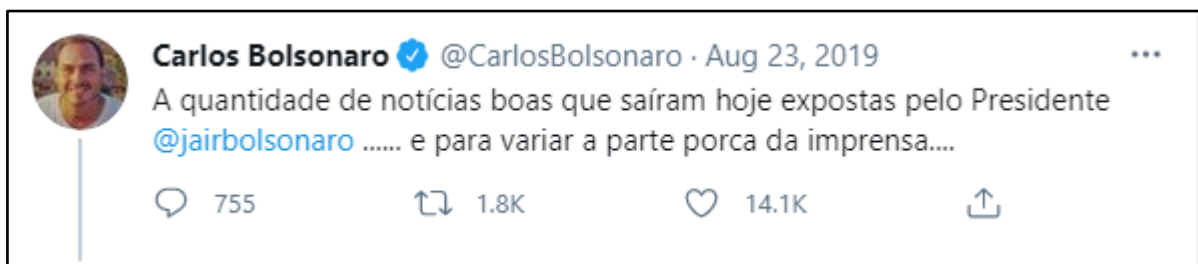
Tweet 35



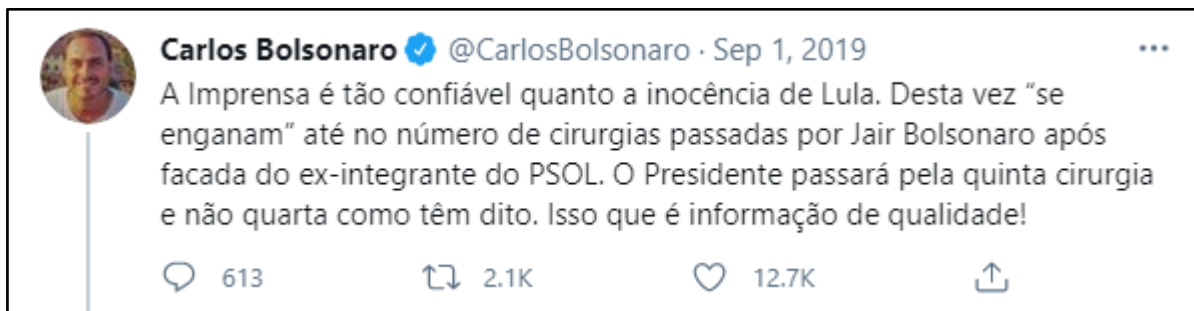
Tweet 36





Tweet 37







Tweet 38





Tweet 39

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Sep 12, 2019 ...





Imprensa lixo, não adianta me chamar para a briga, com desinformações que vocês sempre fomentaram, que não vou cair na armadilha. Qualquer um sabe o motivo disso tudo e qual o objetivo. Tranquilo e despreocupado! Bom dia a todos!

 2.3K  2.9K  21.3K 



Tweet 40

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Sep 16, 2019 ...


Mais uma fase dessa tentativa de assassinato se foi! Que seja a última! Mesmo que grande parte da imprensa insista na narrativa de simples "hérnia" proposital e sujamente tentando minimizar os reais motivos de mais uma cirurgia, agradeço as orações pela recuperação do meu pai! 🙏

 1K  2.5K  18.3K 





Tweet 41

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Sep 21, 2019 ...



Eu seria capaz de apostar que está rede vai muito além do crime de hackeamento... mas alguém viu destaque deste FATO na maior parte da imprensa?

 **AGORA NOTÍCIAS BRASIL** @agoranoticiasbr · Sep 20, 2019





URGENTE: Preso pela PF, suspeito de integrar quadrilha de hackers tem conta milionária vinculada a seu nome agoranoticiasbrasil.com.br/preso-pela-pf-...

 448  2K  8.5K 

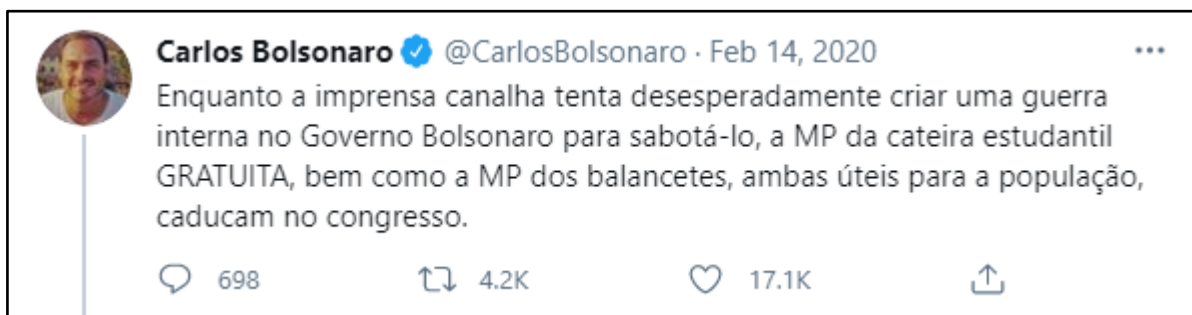
Tweet 42

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Oct 5, 2019 ...

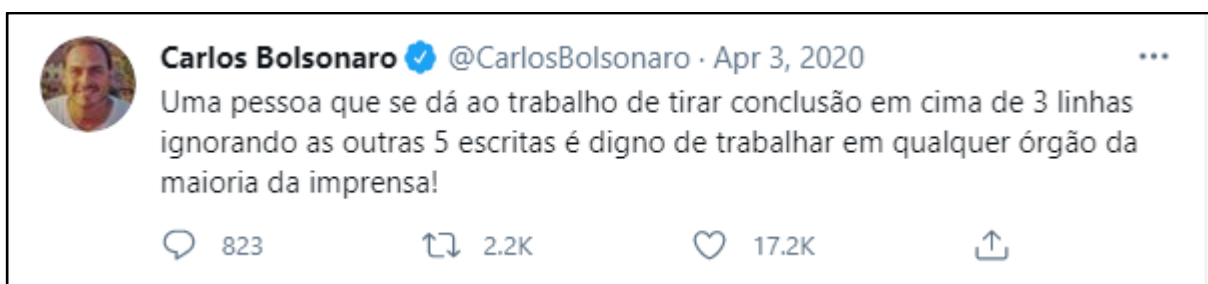
Atenção bandidos da imprensa: não adianta forçarem uma nova narrativa como ódio entre irmãos, que isso não vai colar, seus lixos!

 1K  2.7K  18.3K 

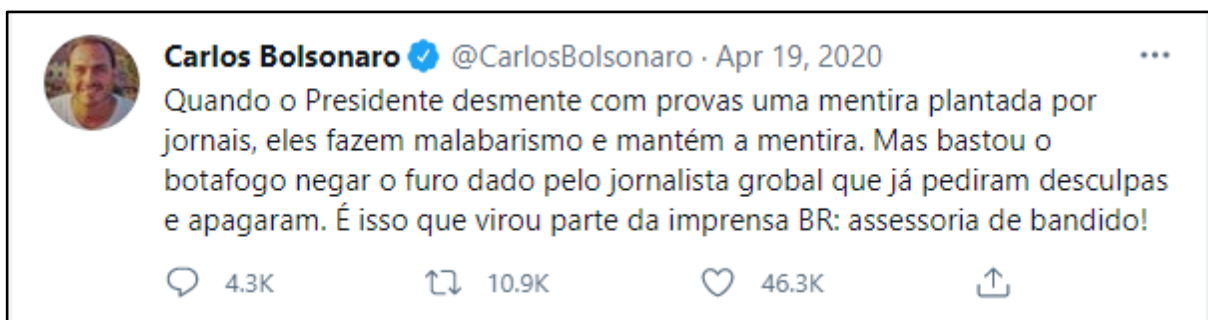
Tweet 43



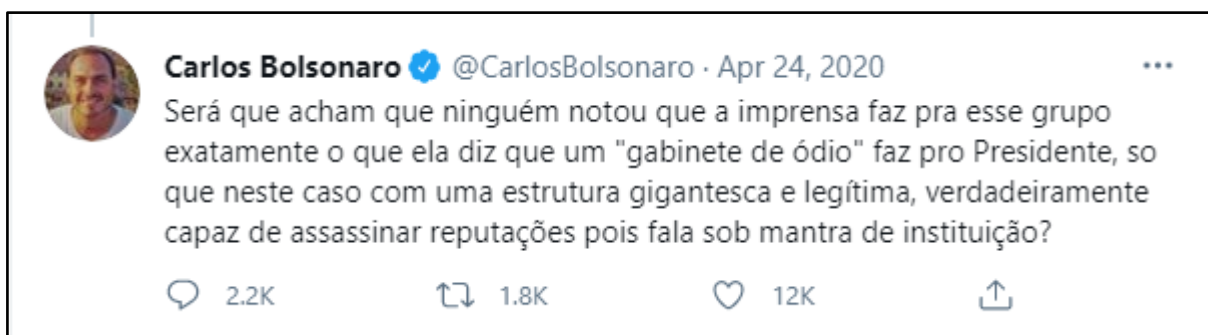
Tweet 44





Tweet 45







Tweet 46





Tweet 47

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · May 31, 2020 ...





Temos que parabenizar a imprensa pelo esforço absurdo em enxergar 'defesa da democracia' em um ato com membros portando faca, soltando rojão contra PM e espancando opositores; é proporcional ao esforço para enxergar autoritarismo em seguidas semanas de atos pacíficos pró-governo.

 2.5K  9.6K  38.4K 



Tweet 48

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Jul 8, 2020 ...





Qualquer um que minimamente acompanha a imprensa internacional em países que queriam o ladrão lulla, o poste condenado ou um "isentão" sofisticado na presidência da república, percebe facilmente, que quem diz que não existe viés ideológico é no mínimo um mal intencionado.

 596  2.7K  16.6K 



Tweet 49

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Aug 29, 2020 ...





Todos os ministros que têm posicionamento firme foram ou são os principais alvos da reunião que morno vazou. A continuidade de tais ataques não é por acaso. Algo me diz que a imprensa é apenas o meio! Tem método, ozônio, prudência, sofisticação, socialismo e liberdade!

 970  4.9K  24.9K 

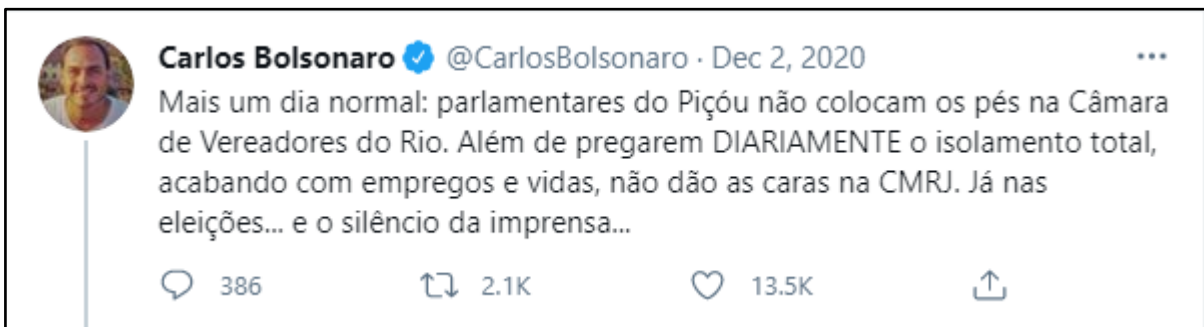
Tweet 50

 **Carlos Bolsonaro**  @CarlosBolsonaro · Oct 25, 2020 ...

Eu seria capaz de "chutar" quem inventou essa historinha de "gabinete do ódio" e desde então ventilou para a imprensa e suas derivações... mas vou ficar quieto! Seguimos!

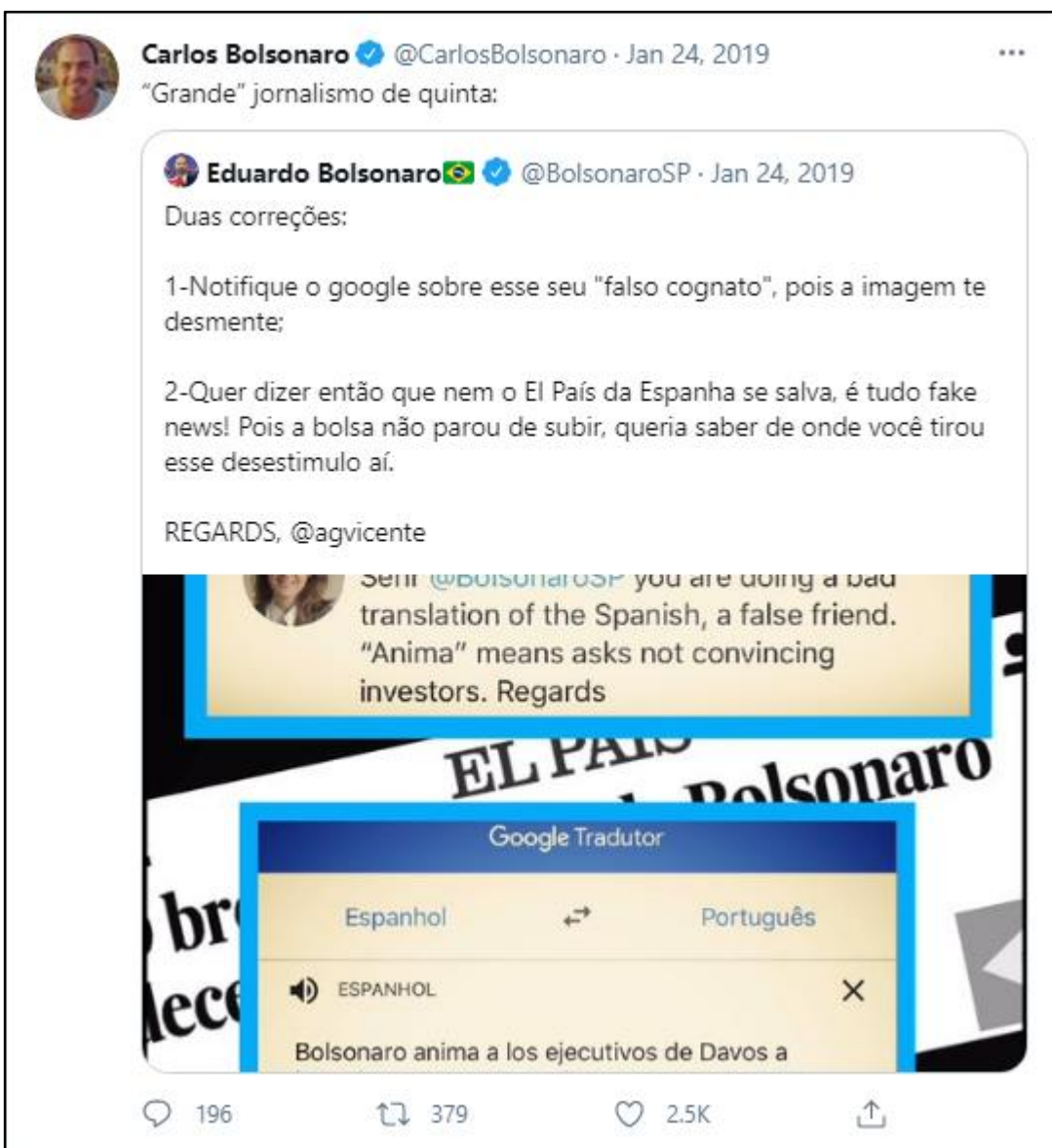
 1.1K  2.3K  22.4K 

Tweet 51



Tweet 52

ANEXO B – TWEETS DE CARLOS BOLSONARO COM A PALAVRA “JORNALISMO”



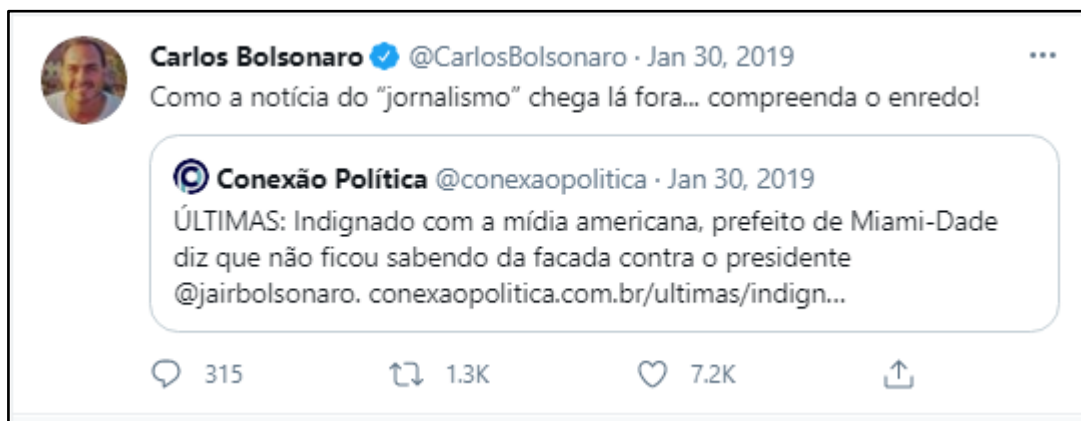
Tweet 53



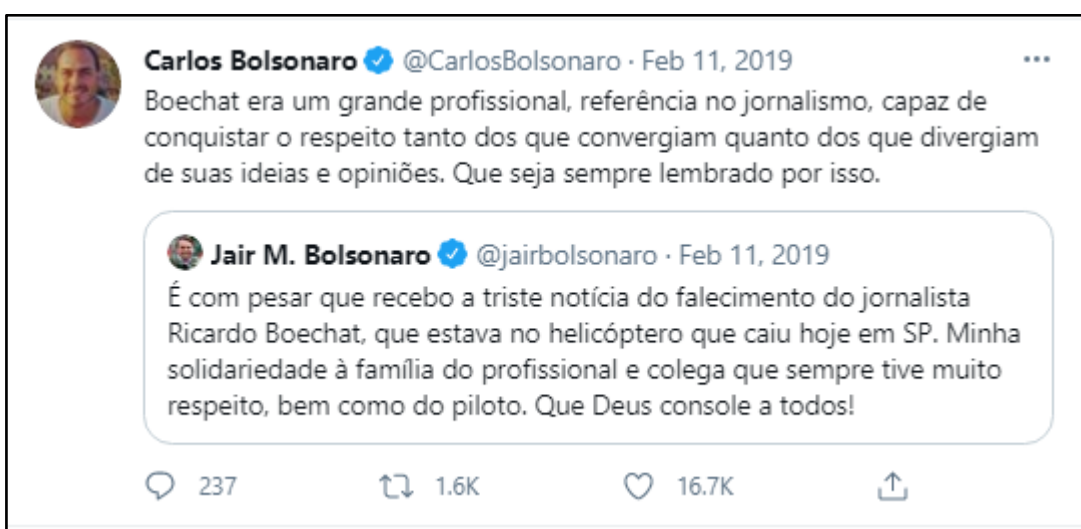
Tweet 54



Tweet 55



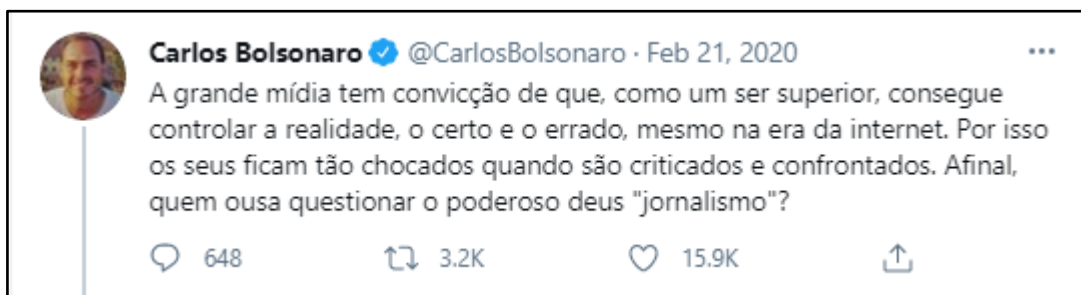
Tweet 56



Tweet 57



Tweet 58



Tweet 59



Tweet 60

ANEXO C – TABELA DE ANÁLISE

Links	Tweets	Sentido de si Identidade de grupo	Sentido de si distorção da narrativa principal	Sentido do Outro Indiferença	Sentido do Outro raiva/ódio	Sentido do Outro silenciamento	Sentido do Outro desestabilização
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/1080078158274224128	1- Muitos da "imprensa" estão tão desesperados que tentam de todo jeito criar narrativas sobre os filhos do Presidente pois sempre os desmascaram e ficam mal. Inventam que o pai desautoriza continuamente os filhos para tornar o que escrevem em algo sem efeito! Simples e sujo assim!		tentam de todo jeito criar narrativas / Inventam que o pai desautoriza		Simples e sujo assim!		
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108095852496592963	2 - Alôooo imprensa marrom, não preciso de olhos para ficar próximo de meu pai! Falo com ele tododia e sempre que posso estou ao seu lado facilmente! Que papo boçal! Mesmo que vocês insistam em brigas internas nada mudou dentro de casa! A mamata de vocês vai acabar!	não preciso de olhos para ficar próximo de meu pai! Falo com ele tododia e sempre que posso estou ao seu lado facilmente!	Mesmo que vocês insistam em brigas internas nada mudou dentro de casa		Alôooo imprensa marrom / A mamata de vocês vai acabar! Que papo boçal!		
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108245142359733329	3 - Alguns da imprensa estão revoltados porque Bolsonaro não os dá bola! Que tenham a liberdade, assim como qualquer um pode ignorar quando há uma clara tentativa negativa de manipulação! Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!	Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!	Que tenham a liberdade, assim como qualquer um pode ignorar quando há uma clara tentativa negativa de manipulação!	Alguns da imprensa estão revoltados porque Bolsonaro não os dá bola!			Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/10829549895922465	4- Há um óbvio conluio de tempos entre a esquerda, grupos que se dizem de direita mas somente enganam os outros afim de ganhar votos e possuem representatividade extremamente forçada por grande parte da imprensa. Este foi o ciclo da rodinha das comadres do sistema desde o início.		Há um óbvio conluio de tempos entre a esquerda, grupos que se dizem de direita mas somente enganam os outros afim de ganhar votos e possuem representatividade extremamente forçada por grande parte da imprensa. Este foi o ciclo da rodinha das comadres do sistema desde o início.				
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/1083304929056428932	5 - Há um claro e maciço desespero dos conhecidos setores da imprensa em desinformar quando anunciam que não distribuíam dinheiro do contribuinte como faziam antes. Cabe ao brasileiro ler a matéria por completo, tirar suas conclusões e vida que segue para todos! Sem problema algum!	Cabe ao brasileiro ler a matéria por completo, tirar suas conclusões e vida que segue para todos! Sem problema algum!					Há um claro e maciço desespero dos conhecidos setores da imprensa em desinformar quando anunciam que não distribuíam dinheiro do contribuinte como faziam antes
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/1083341422083951927	6 - Eu não gostaria que fosse assim, mas grande parte da imprensa MENTE constantemente se se preocupar com a informação, somente em desgastar Bolsonaro. A última foi que @BolsonaroSP teria indicado o D1 da APEX e que o Presidente teria desautorizado. MENTIROSO! DESCARADOS!		Eu não gostaria que fosse assim, mas grande parte da imprensa MENTE constantemente se se preocupar com a informação, somente em desgastar Bolsonaro. A última foi que @BolsonaroSP teria indicado o D1 da APEX e que o Presidente teria desautorizado. MENTIROSO! DESCARADOS!		MENTIROSO! DESCARADOS!	mas grande parte da imprensa MENTE	
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/1083709273778706455	7 - Antes que a imprensa publique, aqui vai: Amigo particular de Jair Bolsonaro desde 1974, General Leal Fujoi assume o Exército hoje. Creio que o Presidente só deveria indicar inimigos para certos cargos @		Antes que a imprensa publique, aqui vai: Amigo particular de Jair Bolsonaro desde 1974, General Leal Fujoi assume o Exército hoje. Creio que o Presidente só deveria indicar inimigos para certos cargos @	Creio que o Presidente só deveria indicar inimigos para certos cargos			
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108392879214114816	8 - A covardia que grande parte da imprensa vem fazendo com @OdeCarvalho, seus seguidores e alunos é o sinal que estão no caminho certo. Vamos livrar o Brasil do lixo cultural que se entranhou na mente de muitos ao longo de décadas! A desintoxicação é difícil, mas contem conosco!	Vamos livrar o Brasil do lixo cultural que se entranhou na mente de muitos ao longo de décadas! A desintoxicação é difícil, mas contem conosco!	A covardia que grande parte da imprensa vem fazendo com @OdeCarvalho, seus seguidores e alunos é o sinal que estão no caminho certo.				
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108392879214114816	9 - Sabemos exatamente as intenções e os lapsos de alguns com muitos da imprensa! Eles querem destruir por dentro e reptio: os maiores interessados não estão longe, mas sei que o Grande General Heleio não faria um absurdo destes como tenta replicar @c_antagonista - Jogo sujo demais!		Eles querem destruir por dentro e reptio: os maiores interessados não estão longe, mas sei que o Grande General Heleio não faria um absurdo destes como tenta replicar @c_antagonista - Jogo sujo demais!				Eles querem destruir por dentro e reptio / Sabemos exatamente as intenções e os lapsos de alguns com muitos da imprensa!
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108398338792005473	10 - A nova estratégia dos sujos e desesperados setores da imprensa é explorar de dentro para fora, tentando criar intriga entre os filhos do Presidente e os bons generais. São uns porcasas quem fazem parte disso!		A nova estratégia dos sujos e desesperados setores da imprensa é explorar de dentro para fora, tentando criar intriga entre os filhos do Presidente e os bons generais.		sujos e desesperados setores da imprensa / São uns porcasas quem fazem parte disso!		
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/10839840093473992704	11 - Diante da situação vexatória do PT, é claro que a maior parte da imprensa concentrará seus esforços no crescimento do PSOL. Algo que sempre jogou, mas agora muito mais abertamente! O sistema!		Diante da situação vexatória do PT, é claro que a maior parte da imprensa concentrará seus esforços no crescimento do PSOL. Algo que sempre jogou, mas agora muito mais abertamente! O sistema!				
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108398538044580865	12 - A estratégia da maior parte da imprensa brasileira é clara: com mentiras, tenta prejudicar seu próprio país no exterior. Quer voltar a abocanhar os cofres da mesma população que envergu seu modus operandi, mas os dopados ainda aplaudem e o sistema insiste com suas ferramentas.	mas os dopados ainda aplaudem e o sistema insiste com suas ferramentas.					A estratégia da maior parte da imprensa brasileira é clara: com mentiras, tenta prejudicar seu próprio país no exterior. Quer voltar a abocanhar os cofres da mesma população que envergu seu modus operandi.
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108398538044580865	13 - Grande parte da imprensa continua o jogo sujo. Mente, manipula e cria discórdias que não existe. Isso não os fará ter o dinheiro público que tinham no passado. Estes tem que ser aplicados onde o Brasil precisa e não nas goelas de urubus malandros.				urubus malandros		Grande parte da imprensa continua o jogo sujo. Mente, manipula e cria discórdias que não existe
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108398538044580865	14 - Não desprestígio a imprensa brasileira, parte dela que é responsável pelo próprio desprestígio que vem recebendo da população desde que quis controlar a opinião pública em prol de terceiros. Estão invertendo os fatores. Eles dizem que eu os ataco, mas apenas respondo aos seus.		Não desprestígio a imprensa brasileira, parte dela que é responsável pelo próprio desprestígio				Estão invertendo os fatores. Eles dizem que eu os ataco, mas apenas respondo aos seus.
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/108398538044580865	15 - 06/02/2019, a imprensa ligada à grobo acordou com uma fome desesperadora de distorcer informações e menti descaradamente. Apavorados em pensar em não ter a barganha pública financeira jogam suas últimas suas fichas! Não confiem em nenhuma informação! É manipulação sórdida!		06/02/2019, a imprensa ligada à grobo acordou com uma fome desesperadora de distorcer informações e menti descaradamente. Apavorados em pensar em não ter a barganha pública financeira jogam suas últimas suas fichas!				Não confiem em nenhuma informação! É manipulação sórdida!
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/11004414120242316904	16 - Imagine se fosse um candidato à presidência do PSOL, levando uma facada de um ex-integrante do partido de Bolsonaro e tivesse fotos ainda mostrando sua veneração pela ideologia de direita... o que parte desta imprensa munda junto a este partidoco estariam fazendo até hoje?		Imagine se fosse um candidato à presidência do PSOL, levando uma facada de um ex-integrante do partido de Bolsonaro e tivesse fotos ainda mostrando sua veneração pela ideologia de direita...		o que parte desta imprensa munda junto a este partidoco estariam fazendo até hoje?		
https://twitter.com/mCarlosBolsonaro/status/1101738909833794320	17 - "Jornal" pode escrever "diz 'leitor', 'revela fonte', diz amigo", desinformar... mas se você como cidadão der uma opinião qualquer sobre um assunto que não seja de sua responsabilidade, não pode, gera crise, desconforto... mau caratismo a gente vê na "imprensa manipuladora"	mas se você como cidadão der uma opinião qualquer sobre um assunto que não seja de sua responsabilidade, não pode, gera crise, desconforto...			mau caratismo a gente vê na "imprensa manipuladora"		"Jornal" pode escrever "diz 'leitor', 'revela fonte', diz amigo", desinformar...

https://twitter.com/CarlosBolson/status/1103082927542808582	18 - Lamentavelmente uma vereadora foi assassinada e um ex-integrante de seu partido tentou assassinar o hoje Presidente da República, mas nenhum setor da imprensa habitual fala da notícia abaixo. Sabemos que é um assunto espinhoso. Mas por que esta ligação?	Lamentavelmente uma vereadora foi assassinada e um ex-integrante de seu partido tentou assassinar o hoje Presidente da República, mas nenhum setor da imprensa habitual fala da notícia abaixo. Sabemos que é um assunto espinhoso. Mas por que esta ligação?					
https://twitter.com/CarlosBolson/status/110326889991136128	19 - O modus operandi da imprensa militante: 1) Fala que o governo contratou novo coordenador das redes sociais após "polêmicas". 2) Novo coordenador cuidará das redes institucionais, nunca alvos de "polêmicas". 3) Logo, a contratação não tem relação com "polêmicas".	O modus operandi da imprensa militante: 1) Fala que o governo contratou novo coordenador das redes sociais após "polêmicas". 2) Novo coordenador cuidará das redes institucionais, nunca alvos de "polêmicas". 3) Logo, a contratação não tem relação com "polêmicas".					
https://twitter.com/CarlosBolson/status/110322696598940035	20 - 4) A associação descarada e desonesta é apontada por muitos. 5) Imprensa militante muda descaradamente o foco do assunto para a nomeação e não para a desinformação em si. Jogo sujo!	19 - 4) A associação descarada e desonesta é apontada por muitos. 5) Imprensa militante muda descaradamente o foco do assunto para a nomeação e não para a desinformação em si. Jogo sujo!					
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1107718228274893825	21 - É bacana dar e ouvir opiniões como sempre faço há uns 10 anos de trabalho. Hoje falamos sobre Nova Previdência e outros assuntos que parte da imprensa vai ter que continuar inventando para fingir que tem notícia e idiota ter que repetir jargões para aparecer. Segue o trabalho!	Hoje falamos sobre Nova Previdência e outros assuntos que parte da imprensa vai ter que continuar inventando para fingir que tem notícia e idiota ter que repetir jargões para aparecer. Segue o trabalho!					É bacana dar e ouvir opiniões como sempre faço há uns 10 anos de trabalho.
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1111715241015817540	22 - O novo modus operandi de grande parte da imprensa canalha é inventar ou fazer leitura de uma possível notícia para depois ser desmentida ou ignorada e dizer que o "governo recuou ou voltou atrás". O intuito é o desgaste perante a população para enfraquecê-lo e sabemos para que.	O novo modus operandi de grande parte da imprensa canalha é inventar ou fazer leitura de uma possível notícia para depois ser desmentida ou ignorada e dizer que o "governo recuou ou voltou atrás".					O intuito é o desgaste perante a população para enfraquecê-lo e saem para que.
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1112617545295403527	23 - O Presidente diz que se eu quisesse um Ministério assim o teria, algo que não acontece. Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo. Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM. Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. E cada uma!	O Presidente diz que se eu quisesse um Ministério assim o teria, algo que não acontece. Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM. Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. E cada uma!			imprensa canalha	Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. E cada uma!	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/11250953125003599	24 - A internet "livre" foi o que trouxe Bolsonaro até à Presidência e graças a ela podemos divulgar o trabalho que o governo vem fazendo! Numa democracia, respeitar as liberdades não significa ficar de quatro para a imprensa, mas sempre permitir que exista a liberdade das mídias!	A internet "livre" foi o que trouxe Bolsonaro até à Presidência e graças a ela podemos divulgar o trabalho que o governo vem fazendo!					Numa democracia, respeitar as liberdades não significa ficar de quatro para a imprensa, mas sempre permitir que exista a liberdade das mídias!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1125790537183587202	25 - Governos de esquerda destruíram o país ao longo de cerca de 30 anos, mas as baterias apontadas desde o início para quem faz parte do processo de desmascaramento da mesma? Por que isso? Vindo da maioria da imprensa não me espanta, mas sob justificativa de mimimi... há algo errado!						
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1126760824489276495	26 - Maior parte da imprensa tenta montar narrativa que somente o excelente Guedes presta no governo Bolsonaro. Eles sabem que vai dar certo e apostam em rupturas para voltar a pleitear seus feijudos recursos públicos! Tentam desde antes das eleições e não conseguiram! Conheço o modo!	Eles sabem que vai dar certo e apostam em rupturas para voltar a pleitear seus feijudos recursos públicos! Tentam desde antes das eleições e não conseguiram! Conheço o modo!					Maior parte da imprensa tenta montar narrativa que somente o excelente Guedes presta no governo Bolsonaro.
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1126142588580896065	27 - Aonde está aquela parte da imprensa porca diante do principal fato político do dia? Requestrar notícia velha e totalmente manipulável e esquecendo-se dos outros é jogada. Querem a volta do sistema. Quem perde não é o governo, é o Brasil que se não acordar será tarde.	Quem perde não é o governo, é o Brasil que se não acordar será tarde.	Requestrar notícia velha e totalmente manipulável e esquecendo-se dos outros é jogada. Querem a volta do sistema.				Requestrar notícia velha e esquecendo-se dos outros é a jogada.
https://twitter.com/CarlosBolson/status/113768878183599288	28 - É impressão minha, ou só no Brasil, uma imprensa utiliza uma invasão ilegal de algo privado, ignorando a invalidez judicial e ilegalidade, mas não se importa em divulgar, com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema? Acho que já vi isso antes!		É impressão minha, ou só no Brasil, uma imprensa utiliza uma invasão ilegal de algo privado, ignorando a invalidez judicial e ilegalidade, mas não se importa em divulgar, com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema? Acho que já vi isso antes!				com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema?
https://twitter.com/CarlosBolson/status/113768878183599288	28 - É impressão minha, ou só no Brasil, uma imprensa utiliza uma invasão ilegal de algo privado, ignorando a invalidez judicial e ilegalidade, mas não se importa em divulgar, com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema? Acho que já vi isso antes!		É impressão minha, ou só no Brasil, uma imprensa utiliza uma invasão ilegal de algo privado, ignorando a invalidez judicial e ilegalidade, mas não se importa em divulgar, com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema? Acho que já vi isso antes!				com o único intuito de queimar o governo Bolsonaro e favorecer o sistema?
https://twitter.com/CarlosBolson/status/114060029597270687	29 - O que esperar da maioria de uma imprensa que tem o papel de informar, referindo-se propositalmente ao Presidente de seu país como Bolsonaro e um presidente como ex-presidente? As narrativas forçadas e quem sempre utiliza estes "meios de comunicação" diz muito sobre quem é quem!	referindo-se propositalmente ao Presidente de seu país como Bolsonaro e um presidente como ex-presidente? As narrativas forçadas e quem sempre utiliza estes "meios de comunicação" diz muito sobre quem é quem!					O que esperar da maioria de uma imprensa que tem o papel de informar, referindo-se propositalmente ao Presidente de seu país como Bolsonaro e um presidente como ex-presidente? As narrativas forçadas e quem sempre utiliza estes "meios de comunicação" diz muito sobre quem é quem!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/11426881084903024929	30 - Tenho escrito somente em minhas redes sociais e de mais ninguém, faz muito tempo e sem problema algum! Bom trabalho a todos e tudo indo muito bem! Se algo mudar, a imprensa investigativa avisará!						Tenho escrito somente em minhas redes sociais e de mais ninguém, faz muito tempo e sem problema algum! Bom trabalho a todos e tudo indo muito bem! Se algo mudar, a imprensa investigativa avisará!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1144303846649303041	31 - Segunda a imprensa eu sozinho estou mais poderoso que o vapor wave, Kipop, "sentões" todos os balões e fofoinhos venezuelanos do mundo juntos!						Segunda a imprensa eu sozinho estou mais poderoso que o vapor wave, Kipop, "sentões" todos os balões e fofoinhos venezuelanos do mundo juntos!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1145617473683431984	32 - Não sou dono da verdade, apenas um pouco experiente. A população mais uma vez deu seu recado e os parlamentares já começaram a mostrar sua empáfia, ignorando quem os elegeu. Os próximos começarão a surgir rapidamente desafiando o povo, com o apoio de grande parte da imprensa!	Não sou dono da verdade, apenas um pouco experiente. A população mais uma vez deu seu recado e os parlamentares já começaram a mostrar sua empáfia, ignorando quem os elegeu.					Os próximos começarão a surgir rapidamente desafiando o povo, com o apoio de grande parte da imprensa!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1146114131030643718	33 - Grande parte da imprensa e bandidos querem que o Brasil pare mais uma vez. Guerreiro Ministro Moro. Precisamos defendê-lo, cobrar conjuntamente as agendas positivas e mostrar o que o governo tem feito de bom como viemos fazendo. Não fiquemos reféns da narrativa destes lios!	Grande parte da imprensa e bandidos querem que o Brasil pare mais uma vez. Guerreiro Ministro Moro. Precisamos defendê-lo, cobrar conjuntamente as agendas positivas e mostrar o que o governo tem feito de bom como viemos fazendo.					Não fiquemos reféns da narrativa destes lios!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/114725139713303583	34 - A imprensa não desiste de tentar inventar todas as narrativas mirabolantes possíveis. Agora oriam que filhos querem a PF e não o GSI na segurança presidencial. Como qualquer um apenas gostaríamos de atenção de todos e sim, é mais uma mentira deslavada tal colocação inicial.	Como qualquer um apenas gostaríamos de atenção de todos e sim, é mais uma mentira deslavada tal colocação inicial.	ora oriam que filhos querem a PF e não o GSI na segurança presidencial.				A imprensa livoré mas uma mentira deslavada
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1148004972059453440	35 - "O @popvavomaterio trouxe novas revelações neste domingo! Os grandes órgãos de imprensa darão a devida importância aos fatos ou só vale mais uma vez quando é contra o governo Bolsonaro? Pelo que leio, ignoram. Isso já diz muito! Bom final de dia e até logo!"		Os grandes órgãos de imprensa darão a devida importância aos fatos ou só vale mais uma vez quando é contra o governo Bolsonaro?				Isso já diz muito! Bom final de dia e até logo!
https://twitter.com/CarlosBolson/status/115690848587146780	36 - Tome nota de MAIS AVANÇOS do Governo Bolsonaro. Infelizmente os senhores não verão também estas novas informações na maior parte da imprensa: https://bit.ly/2LZQANp		Tome nota de MAIS AVANÇOS do Governo Bolsonaro. Infelizmente os senhores não verão também estas novas informações na maior parte da imprensa.				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1161040742028120064	37 - Presidente Bolsonaro leva benéficas ao estado do PT e afins nunca se propuseram em nome de plano de poder usando seu dinheiro. Mas o que a imprensa sempre noticia? Blablablabla... por que será? haja paciência!	usando seu dinheiro	Mas o que a imprensa sempre noticia? Blablablabla... por que será? haja paciência!				algo que o PT e afins nunca se propuseram em nome de plano de poder usando seu dinheiro
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1165017189020594480	38 - A quantidade de notícias boas que saíram hoje expostas pelo Presidente @bolsobrono e para variar a parte porca da imprensa...	A quantidade de notícias boas que saíram hoje expostas pelo Presidente @bolsobrono e para variar a parte porca da imprensa...					e para variar a parte porca da imprensa...
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1166300843888852629	39 - A imprensa é tão confiável quanto a inocência de Lula. Desta vez "se enganaram" até no número de cirurgias passadas por Jair Bolsonaro após facada do ex-integrante do PSOL. O Presidente passará pela quinta cirurgia e não quarta como têm dito. Isso que é informação de qualidade!		A imprensa é tão confiável quanto a inocência de Lula. Desta vez "se enganaram" até no número de cirurgias passadas por Jair Bolsonaro após facada do ex-integrante do PSOL. O Presidente passará pela quinta cirurgia e não quarta como têm dito. Isso que é informação de qualidade!				Isso que é informação de qualidade!

https://twitter.com/CarlosBolson/status/1168300843868852744	39 - A imprensa é tão confiável quanto a inocência de Lula. Desta vez "se enganam" até no número de cirurgias passadas por Jair Bolsonaro após facada do ex-integrante do PSOL. O Presidente passará pela quinta cirurgia e não quarta como têm dito. Isso que é informação de qualidade!		A imprensa é tão confiável quanto a inocência de Lula. Desta vez "se enganam" até no número de cirurgias passadas por Jair Bolsonaro após facada do ex-integrante do PSOL. O Presidente passará pela quinta cirurgia e não quarta como têm dito.						
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1172112268847184694	40 - Imprensa lixo, não adianta me chamar para a briga com desinformações que vocês sempre fomentaram, que não vou cair na armadilha. Qualquer um sabe o motivo disso tudo e qual o objetivo. Tranquilo e des preocupado! Bom dia a todos!	me chamar para a briga, com desinformações que vocês sempre fomentaram, / que não vou cair na armadilha	Qualquer um sabe o motivo disso tudo e qual o objetivo		Tranquilo e des preocupado! Bom dia a todos!	Imprensa lixo	com desinformações que vocês sempre fomentaram	com desinformações que vocês sempre fomentaram. Qualquer um sabe o motivo disso tudo e qual o objetivo	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/117398852153380034	41 - Mais uma fase dessa tentativa de assassinato se foi! Que seja a última! Mesmo que grande parte da imprensa insista na narrativa de simples "hérnia" proposital e sujamente tentando minimizar os reais motivos de mais uma cirurgia, agradeço as orações pela recuperação do meu pai! (H)		Mais uma fase dessa tentativa de assassinato se foi! Que seja a última! Mesmo que grande parte da imprensa insista na narrativa de simples "hérnia" proposital e sujamente tentando minimizar os reais motivos de mais uma cirurgia, agradeço as orações pela recuperação do meu pai! (H)						
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1175450487769344188	42 - Eu seria capaz de apostar que está rede vai muito além do crime de hackeamento... mas alguém viu destaque deste FATO na maior parte da imprensa?	Eu seria capaz de apostar que está rede vai muito além do crime de hackeamento...						mas alguém viu destaque deste FATO na maior parte da imprensa?	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/118045247510284305	43 - Atenção bandidos da imprensa: não adianta forçarem uma nova narrativa como ódio entre irmãos, que isso não vai colar, seus lixos!	não adianta forçarem uma nova narrativa como ódio entre irmãos, que isso não vai colar, seus lixos!				Atenção bandidos da imprensa: / seus lixos!			
https://twitter.com/CarlosBolson/status/124838088743433233	44 - Enquanto a imprensa canalha tenta desesperadamente criar uma guerra interna no Governo Bolsonaro para sabotá-lo, a MP da categoira estudantes GRATUITA, bem como a MP dos balanceos, ambas úteis para a população, caducam no congresso.		Enquanto a imprensa canalha tenta desesperadamente criar uma guerra interna no Governo Bolsonaro para sabotá-lo, a MP da categoira estudantes GRATUITA, bem como a MP dos balanceos, ambas úteis para a população, caducam no congresso.			imprensa canalha			
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1248252470156974462	45 - Uma pessoa que se dá ao trabalho de tirar conclusão em cima de 3 linhas ignorando as outras 5 escritas é digno de trabalhar em qualquer órgão da maioria da imprensa!				Uma pessoa que se dá ao trabalho de tirar conclusão em cima de 3 linhas ignorando as outras 5 escritas é digno de trabalhar em qualquer órgão da maioria da imprensa!				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1252088795310270937	46 - Quando o Presidente desmente com provas uma mentira plantada por jornais, eles fazem malabarismo e mantêm a mentira. Mas bastou o botafogo negar o furo caso pelo jornalista global que já pediram desculpas e apagaram. É isso que virou parte da imprensa BR: assessoria de bandido!		Quando o Presidente desmente com provas uma mentira plantada por jornais, eles fazem malabarismo e mantêm a mentira. Mas bastou o botafogo negar o furo caso pelo jornalista global que já pediram desculpas e apagaram.					É isso que virou parte da imprensa BR: assessoria de bandido!	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1253757112397724700	47 - Será que acham que ninguém notou que a imprensa faz pra esse grupo exatamente o que ela diz que um "gabinete de ódio" faz pro Presidente, so que neste caso com uma estrutura gigantesca e legítima, verdadeiramente capaz de assassinar reputações pois faz isso mentis de instituições?		Será que acham que ninguém notou que a imprensa faz pra esse grupo exatamente o que ela diz que um "gabinete de ódio" faz pro Presidente						
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1297181927291001088	48 - Temos que parabenizar a imprensa pelo esforço absurdo em envregar "defesa da democracia" em um ato com membros portando faca, soltando rojão contra PM e espalhando opositores: é proporcional ao esforço para envregar autoritarismo em seguidas semanas de atos pacíficos pró-governo.							Temos que parabenizar a imprensa pelo esforço absurdo em envregar "defesa da democracia" em um ato com membros portando faca, soltando rojão contra PM e espalhando opositores: é proporcional ao esforço para envregar autoritarismo em seguidas semanas de atos pacíficos pró-governo.	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1280687862333889704	49 - Qualquer um que minimamente acompanha a imprensa internacional em países que quem o ladrão Lula, o poste condenado ou um "Isentão" sofisticado na presidência da república, percebe facilmente, que quem diz que não existe viés ideológico é no mínimo um mal intencionado.							Qualquer um que minimamente acompanha a imprensa internacional em países que quem o ladrão Lula, o poste condenado ou um "Isentão" sofisticado na presidência da república, percebe facilmente, que quem diz que não existe viés ideológico é no mínimo um mal intencionado.	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/12902682929830404	50 - Todos os ministros que têm posicionamento firme foram ou são os principais alvos da reunião que morro vazou. A continuidade de tais ataques não é por acaso. Algo me diz que a imprensa é apenas o meio! Tem método, ocínio, prudência, sofisticação, socialismo e liberdade!		Todos os ministros que têm posicionamento firme foram ou são os principais alvos da reunião que morro vazou. A continuidade de tais ataques não é por acaso. Algo me diz que a imprensa é apenas o meio! Tem método, ocínio, prudência, sofisticação, socialismo e liberdade!		Algo me diz que a imprensa é apenas o meio! Tem método, ocínio, prudência, sofisticação, socialismo e liberdade!				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/132032370858549468	51 - Eu seria capaz de "chutar" quem inventou essa historinha de "gabinete do ódio" e desde então ventuiu para a imprensa e suas derivações... mas vou ficar quieto! Seguiamos!		Eu seria capaz de "chutar" quem inventou essa historinha de "gabinete do ódio" e desde então ventuiu para a imprensa e suas derivações... mas vou ficar quieto! Seguiamos!		mas vou ficar quieto! Seguiamos!				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/13241842786377444	52 - Mais um dia normal: parlamentares do Pibóu não colocam os pés na Câmara de Vereadores do Rio. Além de pregarem DIARIAMENTE o isolamento total, acabando com empregos e vidas, não dão as caras na CMRJ. Já nas eleições... e o silêncio da imprensa..		Mais um dia normal: parlamentares do Pibóu não colocam os pés na Câmara de Vereadores do Rio. Além de pregarem DIARIAMENTE o isolamento total, acabando com empregos e vidas, não dão as caras na CMRJ. Já nas eleições... e o silêncio da imprensa..		Já nas eleições... e o silêncio da imprensa..			Além de pregarem DIARIAMENTE o isolamento total, acabando com empregos e vidas, não dão as caras na CMRJ.	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/108824889763178577	53 - 'Grande' jornalismo de quinta.				'Grande' jornalismo de quinta.				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/108863887817635488	54 - Infelizmente, o padrão da maioria do jornalismo brasileiro. Jornalista ataca o Presidente que não lhe agrada, criando noticia falsa sobre ajuda de militares comprovada facilmente no @portafab e em outros, além de incredulamente criticar ajuda humanitária de outro país!							Jornalista ataca o Presidente que não lhe agrada, criando noticia falsa	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/109028789253831600	55 - Finalmente a foice sendo honesta! Obrigado! Isto é jornalismo de verdade!				Finalmente a foice sendo honesta! Obrigado! Isto é jornalismo de verdade!				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1090822040774708493	56 - Como a noticia do "jornalismo" chega lá fora... compreenda o enredo!				Como a noticia do "jornalismo" chega lá fora... compreenda o enredo!				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/109494478781715459	57 - Boechnat era um grande profissional, referência no jornalismo, capaz de conquistar o respeito tanto dos que convergiam quanto dos que divergiam de suas ideias e opiniões. Que seja sempre lembrado por isso.								
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1100072578779602844	58 - Pode seguir fazendo jornalismo até partidário! Viva a liberdade! O que o povo não gosta e já está bem claro, é ser parcial e pagar de isento. Por que não assumir o lado que defende? É pra passar mais credibilidade? Basta o profissional se ater aos fatos e não aos desejos íntimos!	O que o povo não gosta e já está bem claro, é ser parcial e pagar de isento.			Pode seguir fazendo jornalismo até partidário! Viva a liberdade!			O que o povo não gosta e já está bem claro, é ser parcial e pagar de isento. / Basta o profissional se ater aos fatos e não aos desejos íntimos!	
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1248010174433187328	59 - A grande mídia tem convicção de que, como um ser superior, consegue controlar a realidade, o certo e o errado, mesmo na era da internet. Por isso os seus ficam tão chocados quando são criticados e confrontados. Afinal, quem ousa questionar o poderoso deus "jornalismo"?	Por isso os seus ficam tão chocados quando são criticados e confrontados.	A grande mídia tem convicção de que, como um ser superior, consegue controlar a realidade, o certo e o errado, mesmo na era da internet.		final, quem ousa questionar o poderoso deus "jornalismo"?				
https://twitter.com/CarlosBolson/status/1248797744328283288	60 - Repórter fica impune e "denuncia" cidadãos. Estas prostitutas ideológicas que fazem politica e jornalismo com as vias retas, tratando a população como lixo e os bandidos com prudência e sofisticação pagarão por seus crimes! Escória!					Estas prostitutas ideológicas que fazem politica e jornalismo com as vias retas, tratando a população como lixo e os bandidos com prudência e sofisticação pagarão por seus crimes! Escória!		Repórter fica impune e "denuncia" cidadãos.	